CADERNO DE RESUMOS

CONALIF

II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA

Sertões Espectrais

Caderno de resumos

Organizadores

Luciane Alves Santos (UFPB)

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

Ana Marcia Siqueira (UFC)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

João Batista Pereira (UFRPE)

2026

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

CC BY NC ND

IMAGEM DA CAPA
Chateaubriand Almeida. Arte criada especialmente para o evento.
@chateaubriand_almeida

COMISSÃO ORGANIZADORA
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)
Ana Marcia Siqueira (UFC)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)
João Batista Pereira (UFRPE)
Luciane Alves Santos (UFPB)

REPRESENTANTES DISCENTES — PPGL/UFPB, LETRAS E PROGEL/UFRPE
Francisco Heitor Pimenta Patrício (UFPB)
Francisco Roque Magalhães Neto (UFPB/Seduc-Ce)
Gabriel Rodrigues de Morais (UFRPE)
Isabel Freitas Aguiar da Silva Bahé (UFRPE)
Leonardo Brandão (UFPB)
Moacir Marcos de Souza Filho (UFC)
Willy Nascimento Silva (UFCG)

COMISSÃO CIENTÍFICA
Alexander Meireles da Silva (UFG)
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)
Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)
André de Sena Wanderley (UFPE)
Brenda Carlos de Andrade (UFRPE)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)
Felipe Benicio de Lima (UFAL)
Flavio Garcia Queiroz de Melo (UERJ)
João Batista Pereira (UFRPE)
Juliana Henriques de Luna Freire (UFPB)
Luciane Alves Santos (UFPB)
Marisa Martins Gama Khalil (UNEMAT)
Suenio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

As informações e opiniões expostas nos textos compilados neste volume, bem como sua redação e revisão, são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

CONALIF

II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA

Sertões Espectrais

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Editora Universitária da UFRPE

Profa. Maria José de Sena
Reitora da UFRPE

Profa. Maria do Socorro Lima Oliveira
Vice-reitora

Danielli Matias de Macedo Dantas
Pró-reitora de ensino de graduação

Renata Valéria Regis de Sousa Gomes
Pró-reitora de Extensão, Cultura e Cidadania

Tália de Azevedo Souto Santos
Pró-reitora de Gestão Estudantil e Inclusão

Thieres George Freire da Silva
Pró-reitor de Pesquisa

Prof. Robson Wagner Albuquerque de Medeiros
Pró-reitor de Planejamento e Administração

Rinaldo Aparecido Mota
Pró-reitor de Pós-graduação

Renata Andrade de Lima e Souza
Pró-reitora de Gestão de Pessoas

Elisabeth da Silva Araujo
Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFRPE

Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti
Diretor da Editora da UFRPE

José Abmael de Araújo
Coordenador Administrativo da Editora da UFRPE

Josuel Pereira de Souza
Chefe de Produção Gráfica da Editora da UFRPE

Victor Sandes de Meneses
Editoração Eletrônica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C749s Congresso Nacional de Literatura Fantástica – CONALIF(2 : 2026 : João Pessoa, PB).
Sertões espectrais: caderno de resumos : anais [do] 2. Congresso Nacional de Literatura Fantástica (CONALIF), 23 a 25 de setembro de 2026, João Pessoa, PB/ organizadores Luciane Alves Santos... [et al.]. – Recife : Edufrpe, 2026.

140 p. : il.

Disponível em e-book.
ISBN 978-65-82877-34-6
Bibliotecária Lorena Teles – CRB/4 1405
1. Literatura brasileira - Congressos 2. Literatura brasileira – Resumos 3. Literatura fantástica brasileira I. Santos, Luciane Alves, org. II. Título

CDD B869.016

Bibliotecária Lorena Teles – CRB/4 1405

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Sumário

APRESENTAÇÃO *16*

NARRATIVAS FANTÁSTICAS E O INSÓLITO FICCIONAL EM LÍNGUA PORTUGUESA *18*

A VINGANÇA TEM ROSTO DE MULHER: DIÁLOGOS ENTRE "CARNIÇA E A BLINDAGEM MÍSTICA" E A TRAGÉDIA GREGA CLÁSSICA **19**

Alexandro Carlos de Borges Souza (UFPB)

ENTRE A CASA E A TERRA DO NUNCA: ESPAÇOS DA INFÂNCIA E O INQUIETANTE EM "O REINO LÁ DE FORA" **20**

Priscila Carolina Virginio dos Santos (UFRPE)

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

FOME, DE MÁRCIO BENJAMIN: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA PRECARIEDADE DO NORDESTE **21**

Anderson Lucas Araujo de Brito (PUC Rio)

Luciane Alves Santos (UFPB)

HORRORES NA CAATINGA: O IMAGINÁRIO DO SERTÃO NORDESTINO E O INSÓLITO NA FICÇÃO PERNAMBUCANA CONTEMPORÂNEA DE ROBERTO BELTRÃO E FREDERICO TOSCANO **22**

André de Sena (UFPE)

NAS PROFUNDEZAS DE SENHORA DOS AFOGADOS: A PAISAGEM LITORÂNEA MÓRBIDA DE NELSON RODRIGUES **23**

André Luiz de Lima Conserva (PPGL/UFPB)

Juliana Henriques de Luna Freire (UFPB)

ESPAÇO, GÊNERO E UTOPIA EM A RAINHA DO IGNOTO **24**

Beatriz Rodrigues Ribeiro (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

O INSÓLITO E O ARQUÉTIPO NO SERTÃO: A POÉTICA DO EXTRAORDINÁRIO EM CABOCLA DE CAXANGÁ, DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE **25**

Byanca Borges de Araújo Cardoso (UEMA)

Josenildo Campos Brussio (UERJ)

O FANTASMA COMO TENSÃO DO REAL: FANTÁSTICO, CULTURA **26**

Charles Ribeiro Pinheiro (UFC)

A FRESTA E O ARROMBAMENTO: A POÉTICA DO ESPECTRO E A HAUNTOLOGY NO GÓTICO DE MÁRCIO BENJAMIN **27**

Cristiane Eliana Prates de Lima Gouveia Soares (Unifafire)

A COMPADECIDA: UMA APARIÇÃO NA ASTÚCIA ÉTICA DE JOÃO GRILO **28**

Darisrose da Silva Macêdo (UFRPE)

A POÉTICA DA INFÂNCIA E O FANTÁSTICO EM A MENINA DE LÁ, DE GUIMARÃES ROSA **29**

Diogo Rodrigues (UFPA)

Antônio Máximo Ferraz (UFPA)

O FANTÁSTICO E A INVISIBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS NO CONTO “O PROTO-COLO”, DE MENALTON BRAFF **30**

Eliane Marques Paulo Batista (UFPB)

Luciane Alves Santos (UFPB)

CHAVES VELHAS PODEM ABRIR NOVAS PORTAS: O FANTÁSTICO INSÓLITO E O MARAVILHOSO EM “O SANTO CHICO MOCÓ”, DE ANTONIO MENEZES. **31**

Expedito Wellington Chaves Costa (IFCE)

ENTRE A SECA E O ASSOMBRO: TERROR E HORROR DAS SECAS NO CONTO UM GOLE DE SOL, DE MÁRCIO BENJAMIN **32**

Fabiana Alves Dantas (UFRN)

A DUALIDADE DA EXPERIÊNCIA NARRATIVA E O EFEITO FANTÁSTICO NO CONTO "AS FORMIGAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES **33**

Fábio José dos Santos – Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

Erick Robert Ferreira da Silva (Seduc-AL)

OS ASPECTOS DO FANTÁSTICO EM ESPECTRO, DE GUSTAVO BARROSO **34**

Francisco Roque Magalhães Neto (UFPB)

ELES SÃO A ÍNTIMA LUZ QUE CONSOME: UMA LEITURA DE “ELES”, DE CAIO FERNANDO ABREU **35**

George Henrique Soares de Menezes (UFPE)

Luan Fontes (UFPE)

Samara De Araújo Lins (UFPE)

RECONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO CONTO CÃO DOS INFERNOS, DE LAÍS ROMERO **36**

Guilherme Clisma Araújo de Sousa (UFC)

Maxwell Braga de Paulo (UFC)

Sahmaroni Rodrigues de Olinda (UFC)

A TRADIÇÃO DA NARRATIVA FANTÁSTICA BRASILEIRA: DIÁLOGOS ENTRE A IGREJA DO DIABO E O PIROTÉCNICO ZACARIAS **37**

Guilherme de França Sales (UFPB)

Luciane Alves Santos (UFPB)

VAMPIRISMO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA **38**

Hadassa Cavalcanti de Almeida (UFPE)

André de Sena Wanderley (UFPE)

O JURAMENTO E A CAVEIRA: UMA ANÁLISE DOS "TEMAS DO VOCÊ" EM O ESQUELETO, DE CARNEIRO VILELA **39**

Itallo Marcio Chagas Leite (UFRPE)

Carlos Eduardo do Prado (UFRPE)

O SERTÃO COMO LOCUS HORRIBILIS: O SUBLIME BURKEANO EM DOIS CONTOS DE SERTÃO, DE COELHO NETO **40**

Jeferson Fernando Lira Matos Silva (PPGLI/UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (UEPB)

O FOLCLORE E O FANTÁSTICO NA REPRESENTAÇÃO DO LOBISOMEM, EM “O LOBISOMEM”, DE HERBERTO SALES **41**

João Lucas Souza da Silva (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

FACES DO AUTORITARISMO E DO FANTÁSTICO EM A HORA DOS RUMINANTES, DE JOSÉ J. VEIGA **42**

Jobson de Oliveira Silva (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

A FLORESTA QUE PUNE: ECOVINGANÇA E RESISTÊNCIA ECOLÓGICA NA LITERATURA FANTÁSTICA AMAZÔNICA DE INGLÊS DE SOUSA **43**

Josceane da Cruz Pereira (UNIFESSPA)

A TRAVESSIA ENTRE A MEMÓRIA E O PERTENCIMENTO NA PERSPECTIVA DO MARAVILHOSO PRESENTE NO LIVRO VOU SUMIR QUANDO A VELA SE APAGAR **44**

José Augusto Borges dos Santos (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

O REALISMO MÁGICO DE ORAÇÃO PARA DESAPARECER COMO ALEGORIA DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA **45**

Júlia Cadar Cunha (UFMG)

A OUTRA FACE DO LOBO: O DUPLO COMO REPRESENTAÇÃO DO PREDADOR EM O LIVRO DOS LOBOS **46**

Larissa Moreira Tavares (UFC)

Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)

CONFIGURAÇÕES DO MEDO NO ROMANCE SINA DE MÁRCIO BENJAMIM **47**

Lucas Lopes Costa Nóbrega (UFPB)

DA INSÔNIA À ESCRITA: A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NO CONTO “DEMÔNIOS”, DE ALUÍSIO AZEVEDO **48**

Luiz Rodrigues da Silva (UFRN)

Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

ENTRE A MEMÓRIA E O SOBRENATURAL: O INSÓLITO FICCIONAL EM A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS **49**

Maria Beatriz Ricardo de Sousa (UFC)

Charles Ribeiro Pinheiro (UFC)

O SADISMO FREYREANO EM ÚRSULA **50**

Maria Carolina Morais (UFPE)

ENTRE O HOMEM E O MONSTRO: O FANTÁSTICO E O DUPLO EM "O SORRISO DO HOMEM MAL", DE RAPHAEL MONTES **51**

Maria Clara Nobre Abrantes (UFRN)

Henrique Eduardo de Souza (UFRN)

ESTRADA PARA CABRIL: O HORROR EM O DEFUNTO DE EÇA DE QUEIROZ **52**

Maria Eduarda de Assis Santana (UFRN)

Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

ENTRE PÁSSAROS AGOURENTOS E SERPENTES DO RIO: O FANTÁSTICO IRROMPENTE EM "ACAUÃ", DE INGLÊS DE SOUSA **53**

Maria Luiza De Souza Cunha (UFRN)

Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

ESCREVER A FÚRIA E HABITAR A TERRA: CRÍTICA FEMINISTA E O INSÓLITO FICCIONAL EM "RASGO" DE MYLENA QUEIROZ **54**

Marina Silva Nóbrega (UFAL)

O FANTÁSTICO, O MONSTRO E A SÍFILIS EM O BEBÊ DE TARLATANA ROSA, DE JOÃO DO RIO **55**

Maxwell Braga de Paulo (UFC)

Camila Sâmia da Silva Souza (UFC)

O SOBRENATURAL COMO RESISTÊNCIA MEMORIALÍSTICA NA CONTÍSTICA DE JAYME GRIZ **56**

Myllena Silva Araujo (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

IRRUPÇÃO FANTÁSTICA DO SOBRENATURAL NO SERTÃO: RASTROS E SINAIS DO CRONOTOPO DO HORROR/ASSOMBRAÇÃO EM MAR DE LUA, DE MÁRCIO BENJAMIN **57**

Rafael Oliveira da Silva (UFRN)

Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

ENTRE O MEDO E A CULPA: MATERNIDADE, VIOLÊNCIA E IMAGINÁRIO DO INFANTICÍDIO NO CONTO "CHORONA", DE NATÉRCIA PONTES **58**

Rodrigo de Freitas Faqueri (IFSP)

O FANTÁSTICO EM ORAÇÃO PARA DESAPARECER, DE SOCORRO ACIOLI **59**

Ruan Vitor Gomes de Queiroz Rosendo (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

ENTRE A VOZ E O INSÓLITO: ORALIDADE E CONSTRUÇÃO DA INCERTEZA EM FOME, DE MÁRCIO BENJAMIN **60**

Rute Cândido da Silva (UFRN)

Luiz Rodrigues da Silva (UFRN)

Derivaldo dos Santos (UFRN)

MORDAZES SEREIAS: MITO E TRANSGRESSÃO NAS POÉTICAS DE ORIDES FONTELA E TERÊZA TENÓRIO **61**

Samara De Araújo Lins (UFPE)

George Henrique Soares de Menezes (UFPE)

Luan Fontes (UFPE)

ALÉM DO TRAUMA: A RESISTÊNCIA DAS MENINAS VIOLADAS EM "DENTADA", DE MYLENA QUEIROZ **62**

Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)

Letícia Damáris Alves Ferreira Gomes (UEPB)

MONSTRUOSIDADES MAQUÍNICAS: A CONTIGUIDADE HOMEM-MÁQUINA NO CONTO "EMBARGO", DE SARAMAGO **63**

Vanessa Fernandes Pontes Gonçalves (UFC)

Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)

MORTOS QUE NÃO SE CALAM EM INCIDENTE EM ANTARES, DE ÉRICO VERÍSSIMO **64**

Vinícius Silva de Araujo (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

LIMIARES ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO E SUA EXPANSÃO MULTIMÍDIA ***65***

FRAGMENTOS E RUÍNA: CONCEPÇÕES DA BRICOLAGEM NA ADAPTAÇÃO A QUEDA DA CASA DE USHER **66**

Aline Oliveira do Nascimento (Doutoranda/PPGLI/UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (PPGLI/UEPB)

ENTRE O MISTÉRIO E A LOUCURA: O MEDO E O SOBRENATURAL NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES FEMININAS EM A COLINA ESCARLATE (2015) **67**

Alyne Maria da Silva Melo (UFPB)

Rita de Cássia Fernandes Monteiro (UFPB)

NOS LIMIARES DA ABJEÇÃO: HORROR E INSÓLITO EM OLHOS NEGROS DE MARIANA ENRIQUEZ **69**

Ana Caroline Silva Braz (UNINTER)

ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: A EXPERIÊNCIA ESPECTRAL EM "O MORRO DOS VENTOS UIVANTES" **70**

Anaíza Durval da Silva (UFPB)

QUE DOCE MÚSICA ELES FAZEM: A IMPORTÂNCIA DA TRILHA-SONORA NOS FILMES DE VAMPIRO **71**

André Luiz de Lima Conserva (PPGL/UFPB)

Maria Amanda Ramos Barreto (PPGL/UFPB)

NOSFERATU (1922–2024): UMA ANÁLISE DA REELABORAÇÃO CINEMATOGRÁFICA POR MEIO DO REMAKE **72**

Danilo Barbosa Alves (UEPB)

Rayllary Bernardino de Lima (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

A ALDEIA DO MEDO: FOLK HORROR, ISOLAMENTO E O DEMONÍACO EM O VILAREJO, DE RAPHAEL MONTES, E A VILA, DE M. NIGHT SHYAMALAN **73**

Deoclécio Freire de Macêdo Júnior (UESPI)

A CONSTRUÇÃO DA ESPACIALIDADE FANTÁSTICA NA SÉRIE TELEVISIVA FROM **74**

Eduardo Gonçalves de Carvalho (UERN)

Francisco Edson Gonçalves Leite (UERN)

“NÃO SEI QUEM O CHAMOU PARA DENTRO DE CASA”: O MONSTRO COMO SIGNO DAS FRONTEIRAS EM VAMPIRO, DE CRISTHIANO AGUIAR **75**

Francyelle Loiola Ramos (PPGLI/UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (PPGLI/UEPB)

ENTRE QUADROS E SOMBRAS: LEITURA INTERMIDIÁTICA DE PRISIONEIRO DO PLANETA INFERNO, EM MAUS, À LUZ DO EXPRESSIONISMO ALEMÃO **76**

Gabriel Caetano Matias (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

O HORROR EM A COLHEITA MALDITA (1984): UMA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DO CONTO AS CRIANÇAS DO MILHARAL (1977), DE STEPHEN KING **77**

Gabriella Lima Lopes (UFPB)

Maria Amanda Ramos Barreto (UFPB)

Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

O FANTASMA DE TWIN PEAKS: LAURA PALMER E A ESPECTRALIDADE DO FEMININO **78**

Gabrielly Leite Moura (PPGLI/UEPB)

"AND KINDNESS IS ETERNALLY DIFFICULT”: O HERÓI BYRONIANO E SUAS ARTICULAÇÕES COM O QUEER EM INTERVIEW WITH THE VAMPIRE **79**

Giovane Alves de Souza (UEPB)

VAMPIROS EM JOGO, ROLEI 1 NOS DADOS: EM VAMPIRO A MÁSCARA E EM VAMPIRO O RÉQUIEM TAMBÉM **80**

Haroudo Satiro Xavier Filho (UFPB)

Maria Amanda Ramos Barreto (UFPB)

A MAIS-VALIA DO MEDO: O HORROR ECONÔMICO COMO MOTOR DO RPG RED MARKETS **81**

Haroudo Satiro Xavier Filho (UFPB)

Candida Vieira Barbosa (FIAP)

SOMBRAS AO SOL: A TRADIÇÃO GÓTICA E O REGIONALISMO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO **82**

João Gabriel Oliveira Silva (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

O THÉÂTRE DES VAMPIRES COMO ESPAÇO GÓTICO: ESPETÁCULO, HORROR E FANTÁSTICO EM ENTREVISTA COM O VAMPIRO **83**

Maria Eduarda Moreira de Almeida (UEPB)

David Jerônimo Da Silva (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento (UEPB)

“FUNERALS ARE FOR THE LIVING”: O MELODRAMA GÓTICO E A ÉTICA DA ASSOMBRAÇÃO NA SÉRIE A MALDIÇÃO DA MANSÃO BLY (2020), DE MIKE FLANAGAN **84**

Moacir Marcos de Souza Filho (UFC)

ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: O AMANTE DEMONÍACO EM “SERPENTINA” DE LÚCIO DE MENDONÇA **86**

Matheus Santos do Nascimento (UEPB)

REPETIÇÃO E EXPANSÃO DO GÓTICO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL EM A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL **87**

Nathália Emanuele Santos (PUC Minas)

Tatiane Batista Silva Machado (PUC Minas)

ÁGUAS DE SANGUE: BATISMO, REDENÇÃO E A SIMBOLOGIA CRISTÃ NA FIGURA DO VAMPIRO EM SINNERS (2025) **88**

Rayllary Bernardino de Lima (UEPB)

Danilo Barbosa Alves (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

FANTÁSTICO E SUBVERSÃO DE GÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO: A EVOLUÇÃO REPRESENTATIVA DA MULHER SUBVERSIVA NA FILMOGRAFIA DE RODRIGO ARAGÃO E O FEMININO-MONSTRUOSO COMO FERRAMENTA ANTI-PATRIARCAL EM “A CASA DE IARA” (2015) E “A MATA NEGRA” (2018) **89**

Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

UM ESQUELETO NO ARMÁRIO: ADAPTAÇÃO PARA QUADRINHOS DE UMA NARRATIVA GÓTICA MACHADIANA **90**

Tatiane Batista Silva Machado (PUC Minas)

(RE)CONFIGURAÇÕES DO MEDO NO GÓTICO JAPONÊS: UMA ANÁLISE DE JUNJI ITO COLLECTION **91**

Waldir Kennedy Nunes Calixto (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento (UEPB)

LAMPEJOS DE ESPERANÇA NO CORAÇÃO DAS TREVAS: UTOPIA, DISTOPIA E FICÇÃO CIENTÍFICA 92

PERTENCIMENTO, TERRITÓRIO E EXISTÊNCIA: UMA LEITURA ECOCRÍTICA DO FILME AVATAR DE JAMES CAMERON 93

Aline Barbosa de Almeida (UPM)

Cristhiano de Motta Aguiar (UPM)

ESPERANÇA EM TEMPOS DE RUÍNA: UMA LEITURA ECOCRÍTICA DE SWEET TOOTH, DE JEFF LEMIRE 94

Antonio Marcos Otaviano de Lima Junior (UFAL)

Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL)

ESPERANÇA ALÉM DO MURO VERDE: O IMPULSO UTÓPICO EM NÓS DE ZAMIÁTIN 95

Everton Manoel da Silva (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

MÁQUINAS NA CABEÇA: AUTOMATIZAÇÃO E O COLAPSO DO SUJEITO EM ANNA KAVAN 96

Giovanna Camila Campara (Unespar)

O HORROR, O SUBLIME E O GROTESCO: PROCEDIMENTOS 97

MELÓDICOS E VISUAIS EM ALIEN: O OITAVO PASSAGEIRO 97

Hadassa Inez Silva Valões (UFPE)

DA GUERRA À ESPERANÇA: FIGURAÇÕES UTÓPICAS EM AS ANDORINHAS DE UM CONTINENTE EM CHAMAS, DE GABRIELA FERNANDES 98

Karyne Joanne Nascimento Santos (UFAL)

Felipe Benicio de Lima (UFAL)

"EU SOU PORQUE NÓS SOMOS": ECODISTOPIA E RESISTÊNCIA AFROFUTURISTA EM UBUNTU 2048, DE RAPHAEL SILVA 99

Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL/FAPEAL)

CANTIGAS DE ESPERANÇA: FIGURAÇÕES DO AINDA-NÃO-CONSCIENTE NA DISTOPIA DE SUZANNE COLLINS 100

Livia Barreto Moura (UFAL)

Felipe Benicio de Lima (UFAL)

“VOCÊ NÃO PODE FICAR E EU NÃO POSSO FUGIR”: O NÃO-LUGAR COMO ESPACIALIDADE DA ESPERANÇA EM ANDOR 101

Maria Fernanda Silva dos Santos (UFAL)

Felipe Benicio de Lima (UFAL)

DA NARRATIVA LITERÁRIA À CINEMATOGRÁFICA: INTERSEMIOSE E ECOCRÍTICA EM PROJECT HAIL MARY 102

Maria Fernanda Silva dos Santos (UFAL)

Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL)

SONHAR DEPOIS DA CATÁSTROFE: ECOCRÍTICA, RESISTÊNCIA E IMAGINAÇÃO UTÓPICA EM FLORESTA É O NOME DO MUNDO, DE URSULA K. LE GUIN 103

Órion Oliveira Daltro Gouté (UFPE)

André de Sena Wanderley (UFPE)

A ARTE QUE RESISTE AO FIM DO MUNDO NA ADAPTAÇÃO AUDIOVISUAL DO LIVRO ESTAÇÃO ONZE, DE EMILY ST. JOHN MANDEL 104

Priscilla Costa (PPGL/UFPB)

IMAGINÁRIOS DO ANTROPOCENO E VIRTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE JOGADOR NÚMERO 1 E NEUROMANCER 105

Rhuan Felipe Scomação da Silva (UEL)

ENTRE O PROGRESSO TÉCNICO E A ALIENAÇÃO SOCIAL: DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA, DESTRUIÇÃO DO PROCESSO DE PODER E ANSEIO EMANCIPATÓRIO EM "A MÁQUINA PARA" (1909), DE EDWARD MORGAN FOSTER 106

Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

A DISTOPIA CRÍTICA EM A CURVA DO SONHO (2019) SOB A PERSPECTIVA COMPARATIVA DE PERSONAGENS 107

Sarah Barbosa Rosado Sampaio (UFPE)

EXPRESSÕES DO INSÓLITO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS 108

O ESTRANHO E O ESTRANGEIRO: O FANTÁSTICO COMO FRATURA EPISTÊMICA EM LE MARIAGE DE LOTI, DE PIERRE LOTI 109

Camila Geovanna Alves da Silva (USP)

ENTRE MONSTROS E RESISTÊNCIAS, A ESCRITA FEMININA EM MEIO À LITERATURA FANTÁSTICA NA AMÉRICA LATINA 110

Camila Kayssa Targino Dutra (UERN)

Sebastião Marques Cardoso (UERN)

VOZES SILENCIADAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO SILENCIAMENTO FEMININO EM THE STORY OF AN HOUR E THE YELLOW WALLPAPER 111

Camila Targino dos Santos (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto (UEPB)

A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA EM PEDRO PÁRAMO ATRAVÉS DO REALISMO MÁGICO E DO FANTASMAGÓRICO NO ROMANCE DE JUAN RULFO 112

Carilene Francisca da Silva (UFRPE)

Isabela Cristina Tavares da Silva (UFRPE)

ESPECTROS DO REMORSO E DA CONIVÊNCIA: O RETORNO DOS MORTOS COMO JUSTIÇA INSÓLITA EM RAIMUNDA TORRES Y QUIROGA E MARIANA ENRIQUEZ 113

Cristiane Elina Prates de Lima Gouveia Soares (Unifafire)

ABJEÇÃO E SACRALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO INSÓLITO EM 'CARNE', DE MARIANA ENRIQUEZ 114

Diego Gabriel dos Santos Barbosa (UEPB)

Roberta Felinto Lira de Brito (UEPB)

Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)

A VIOLÊNCIA EM CONTOS DE JOYCE CAROL OATES: O GÓTICO E SEUS EXCESSOS **115**

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

FANTASMAS SE QUEIXAM NO PÓS-VIDA **116**

Isabel Freitas Aguiar da Silva Bahé (UFRPE)

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

MULHERES DESESPERADAS, ABANDONOS COMPARTILHADOS **117**

Ísis Lima Reyfchnaider das Chagas (UFRPE)

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

ASSOMBRAÇÕES DO COTIDIANO: O INSÓLITO NA VIDA COMUM EM AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO, DE MARIANA ENRIQUEZ **118**

João Allex Soares Mendes (UFRPE)

Iêdo de Oliveira Paes (UFRPE)

¿CUÁLES SON LOS FACTORES QUE PROPICIAN LA APARICIÓN DE LA LITERATURA FANTÁSTICA EN LATINOAMÉRICA? **119**

Juan Ignacio Jurado-Centurión Lopez (UFPB/PPGL)

O WEIRD COMO EXPRESSÃO DO INSÓLITO CONTEMPORÂNEO: A RECONFIGURAÇÃO EM THE BALLAD OF BLACK TOM, DE VICTOR LAVALLE **120**

Kleiton da Silva (UFRN)

NUZO ONOH E O HORROR AFRICANO SOBRENATURAL DE LÍNGUA INGLESA **121**

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE)

COISAS NÃO DITAS: SILÊNCIO E OUTRAS FORMAS DE SIGNIFICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO INSÓLITO EM MANSÃO GALLANT, DE V. E. SCHWAB **122**

Luan Fábio Fontes da Silva (UFPE)

George Henrique Soares de Menezes(UFPE)

Samara de Araújo Lins (UFPE)

O INSÓLITO FAMILIAR EM CONTOS DE CECÍLIA EUDAVE E SAMANTA SCHWEBLIN **124**

Maria Stella Galvão Santos (UFRN)

DA CAPTURA À ILEGIBILIDADE: ABJEÇÃO E MONSTRUOSIDADE FEMININA EM "LEILÃO", DE MARÍA FERNANDA AMPUERO **125**

Mylena de Lima Queiroz (UECE)

UMA GALINHA SOZINHA TECE UMA MANHÃ: DEFORMIDADE E ABJEÇÃO NO CONTO "LEILÃO", DE MARÍA FERNANDA AMPUERO **126**

Raul da Rocha Colaço (UFPE)

OS DOIS EXTREMOS DO WEIRD - UMA ANÁLISE DOS CONTOS DE LOVECRAFT E BLACKWOOD **127**

Renan Gerundo Hornes (FURG)

"UMA MURALHA PARA MANTER OS OUTROS A DISTÂNCIA": ALTERIZAÇÃO E DISCURSOS SOBRE IMIGRAÇÃO EM "AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO", DE GEORGE R. R. MARTIN **128**

Rodrigo Cavalcanti de Andrade (UFPE)

INFINITA CIRCULARIDADE, A MEMÓRIA **129**

Williane Tainara de Andrade Ferreira (UFRPE)

Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

DO REAL-MARAVILHOSO ÀS CONFIGURAÇÕES DO REAL ANIMISMO: DIVERSAS ENCANTARIAS E MARAVILHAS NARRATIVAS ***130***

ENTRE O FOLCLORE E A FICÇÃO (CIENTÍFICA?): SCIENCE-FOLK, IMAGINÁRIOS TECNOCIENTÍFICOS E COSMOLOGIAS VERNACULARES NO BRASIL FANTÁSTICO **131**

Cláudio A.C. Moura (NUPLIFIT/PPGEL/UFPI)

A VIDA COTIDIANA DOS MAGOS: ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DO REALISMO DENTRO DAS NARRATIVAS DE FANTASIA **133**

Cristhiano Aguiar (UPM)

VOZ FEMININA E ENCANTARIAS EM TORTO ARADO E SALVAR O FOGO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR **134**

Gabriel Rodrigues de Morais (UFRPE)

João Batista Pereira (UFRPE)

O MARAVILHOSO E O DISTÓPICO EM OS PECADOS DA TRIBO, DE JOSÉ J. VEIGA **135**

Gregório Foganholi Dantas (UFGD)

O TENEBROSO SAGRADO: FÉ E HORROR EM MÁRCIO BENJAMIN **136**

João Gabriel Oliveira Silva (UFPI)

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

REFRAÇÕES DO SOBRENATURAL POPULAR NA PRODUÇÃO EM CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ **137**

João Matias de Oliveira Neto (URCA)

A SOBRENATURALIZAÇÃO DO REAL EM O MONGE NEGRO DE ANTON TCHEKHOV **138**

Marisa Barbosa da Silva (UFPE)

Luciane Santos (UFPB)

MACRO E MICROANÁLISE DO DIÁLOGO DE FANTASIA: O FALAR DOS TROLS EM THE HOBBIT **139**

Nycolas Gustavo de Sousa Aires (UFPI)

Apresentação

O **II Congresso Nacional de Literatura Fantástica — CONALIF**, realizado presencialmente na Universidade Federal da Paraíba entre 23 e 25 de setembro de 2026, apresenta a temática central "Sertões Espectrais", voltando o olhar para uma paisagem brasileira específica que permeia produções no escopo do insólito ficcional em suas mais variadas interfaces e que também pode abstrair-se em estruturas que ultrapassam a geografia nacional e se constituem como uma epistemologia em si mesma.

Em sua segunda edição, o evento promovido pelo Grupo de Pesquisa **Estudos do Insólito Ficcional: do mito clássico à modernidade**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFPB, demonstra-se mais robusto, com ampliação da equipe organizadora e instituições parceiras, abrangendo público advindo de todas as regiões do país.

O **II CONALIF** buscou propiciar espaço para partilha e discussão de pesquisas acadêmicas no escopo dos estudos do fantástico e promover novos reflexões e colaborações que permitam docentes, pesquisadores e escritores a (re)visitar e refletir sobre seus percursos teórico-metodológicos de produção, bem como mensurar as reverberações e alcance do que vêm produzindo.

A edição de 2026 contou com um público de pelo menos 257 inscritos, além de 122 submissões de trabalhos de pesquisadores de diferentes níveis do conhecimento de diversos estados e instituições brasileiras, distribuídos em cinco diferentes Simpósios Temáticos. O evento contou com palestras, mesas-redondas, minicursos e oficinas, performando uma variada gama de atividades acadêmicas sobre o insólito ficcional.

São as propostas das comunicações orais aprovadas pela Comissão Científica que se encontram reunidas neste **Caderno de Resumos**, que demonstra o variado leque temático, metodológico e teórico que vem sendo adotado e desenvolvido no âmbito das pesquisas acadêmicas relacionadas aos estudos do fantástico. Esperamos que o mapeamento aqui reunido anime os leitores a seguir trilhando novos caminhos e propiciando novos debates.

Registramos nossos agradecimentos a todos os participantes, palestrantes, ministrantes de oficinas e minicursos e ao público em geral por animarem o evento

demonstrando o vigor das pesquisas apresentadas. Agradecemos, ainda, à UFPB, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFPB e ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, pelo apoio logístico e de infraestrutura concedido. Agrademos, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela reiterada parceria, especialmente no âmbito financeiro, que tornou possível a realização do II CONALIF.

A Comissão Organizadora

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Simpósio Temático 1

Narrativas fantásticas e o insólito ficcional em língua portuguesa

Coordenadores:

Profª. Drª. Ana Márcia Alves Siqueira (PPGLETRAS/UFC)

Prof. Dr. João Batista Pereira (PROGEL/UFRPE)

Profª. Drª. Luciane Alves Santos (PPGL/UFPB)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

A VINGANÇA TEM ROSTO DE MULHER: DIÁLOGOS ENTRE “CARNIÇA E A BLINDAGEM MÍSTICA” E A TRAGÉDIA GREGA CLÁSSICA

Alexandro Carlos de Borges Souza (UFPB)

Este trabalho tem como objetivo traçar paralelos entre a série em HQ “Carniça e a Blindagem Mística”, do paraibano Shiko, e a tragédia grega clássica a partir da identificação dos traços heróicos das personagens principais, de acordo com os estudos sobre mitologia grega, e da comparação de suas trajetórias com a das heroínas das tragédias gregas, em especial das personagens Medeia, Clitemnestra e Efigênia. A série limitada “Carniça e a Blindagem Mística” teve sua trajetória encerrada em 2025, com a publicação do quarto e último número. A HQ seriada conta a história de Mazinha de Beata, uma jovem que é sequestrada de sua família por um bando de cangaceiros e forçada a viver com o chefe do bando, Cancão. Após engravidar do seu algoz, ela é forçada a deixar a criança recém-nascida para ser criada por um casal de coiteiros. Alguns anos depois, Mazinha se envolve com outro cangaceiro do grupo, mas a traição é descoberta e ela é espancada e deixada para morrer amarrada a um tronco à beira do rio. Salva da morte (ou ressuscitada?) por uma criatura sobrenatural, Mazinha assume a alcunha de Carniça, mata os homens do bando e forma, com as mulheres sobreviventes, a Blindagem Mística, um grupo de justiceiras de “corpo fechado” que começa a eliminar cangaceiros enquanto são perseguidas pelas forças policiais. Carniça resgata então sua filha, rebatizada como Jurema, e, consumada sua vingança, parte para a Pedra do Reino, em São José do Belmonte, onde pretende realizar uma profecia ainda mais sombria. A pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativo, busca, num exercício de literatura comparada, identificar os traços iniciáticos que marcam as personagens da HQ como “heroínas” na tradição clássica. Estabelecida essa relação, traçamos a seguir paralelos entre as personagens de Carniça e as personagens femininas das tragédias Medeia, Agamemnon e Efigênia em Áulis, de Eurípides. O intuito é estabelecer uma ponte entre o misticismo cristão nordestino e a mitologia grega para defendermos, como conclusão, que essa relação se constrói como um artifício narrativo para que o autor, aos poucos, abandone o caráter documental do início da série para permitir a erupção do fantástico a partir do despertar de forças sobrenaturais primitivas.

Palavras-chave: Mitologia Grega; Tragédia Grega; Cangaço; Literatura Fantástica; Literatura Comparada.

ENTRE A CASA E A TERRA DO NUNCA: ESPAÇOS DA INFÂNCIA E O INQUIETANTE EM “O REINO LÁ DE FORA”

Priscila Carolina Virginio dos Santos (UFRPE)
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

Partindo das relações entre insólito ficcional e espacialidade, este artigo analisa a presença da casa de conto de fadas e da Terra do Nunca em “O reino lá de fora”, de Micheliny Verunschk (2024), como espaços vinculados a um imaginário literário infantil cujos sentidos se transformam ao longo da narrativa. O conto é lido em diálogo com *Peter Pan*, de J. M. Barrie (2012), e com “João e Maria”, de Jacob e Wilhelm Grimm (2018), a fim de examinar como essas referências literárias participam da configuração da experiência infantil rememorada pela narradora. A discussão se fundamenta nas reflexões de Flavio García (2011) sobre a manifestação do insólito na construção narrativa, de Marisa Martins Gama-Khalil (2023) sobre espaço e fantástico, de David Roas (2014) sobre a desestabilização do real e de Sigmund Freud (2010) sobre o inquietante na ficção. A noção de insólito permite acompanhar as perturbações que, inicialmente inscritas nas discrepâncias da memória, se estendem à organização do espaço e do tempo e, progressivamente, às próprias condições de realidade da narrativa. No desfecho, a casa e a Terra do Nunca passam a integrar uma experiência marcada pela morte e pela indeterminação temporal, assumindo um caráter inquietante.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; fantástico; insólito ficcional; espaço literário; intertextualidade; inquietante.

FOME, DE MÁRCIO BENJAMIN: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA PRECARIEDADE DO NORDESTE

Anderson Lucas Araujo de Brito (PUC Rio)
Luciane Alves Santos (UFPB)

O presente artigo tem como objetivo analisar as representações da fome na obra Fome (2020), de Márcio Benjamin, interpretando-a como metáfora dos processos de desigualdade e das carências socioculturais e políticas que historicamente afetam regiões marginalizadas do país, especialmente o sertão nordestino. A fundamentação teórica inclui uma revisão das narrativas de inferiorização desse território, historicamente construídas e validadas pelo eixo Sul-Sudeste do Brasil e pelas próprias capitais nordestinas, discutidas na obra Só Sei Que Foi Assim (2025), de Octávio Santiago, e articuladas aos estudos sobre monstruosidade de Luiz Nazário (1998), Júlio Jeha (2007) e Júlio França (2017). A análise evidencia que a crítica social do romance se estrutura por meio de uma narrativa de horror, em que a contaminação sobrenatural da água transforma os habitantes em mortos-vivos ("bichos"), instaurando um acontecimento insólito que converte a fome em metáfora da exclusão social, da negligência estatal e das desigualdades históricas vividas pelas regiões interioranas do Nordeste.

Palavras-chave: Justiça social; Nordeste; Monstros; Márcio Benjamin; Fome.

HORRORES NA CAATINGA: O IMAGINÁRIO DO SERTÃO NORDESTINO E O INSÓLITO NA FICÇÃO PERNAMBUCANA CONTEMPORÂNEA DE ROBERTO BELTRÃO E FREDERICO TOSCANO

André de Sena (UFPE)

A presente palestra/comunicação visará estudar a presença do horror e do fantástico literários nos cronotopos diegéticos ligados aos sertões nordestinos em narrativas de dois autores recifenses contemporâneos, Roberto Beltrão e Frederico Toscano. Nos contos dos livros Na escuridão das brenhas (2013) e A geografia dos sítios insanos (2024), de Beltrão, e Carapaça escura (2019) e O rinoceronte na parede (2021), de Toscano, somos confrontados com a saída do real e a implementação do insólito, do absconso e do horrorífico numa série de eventos e fenômenos por meio dos quais se busca a plasmação do sertão como locus desbordante e aberto ao sobrenatural. Seja se aproximando do realismo mágico, em que a realidade diegética se transfigura e incorpora elementos preternaturais, seja das ambiguidades estilísticas do modo fantástico, em que a hesitação se constitui como procedimento narrativo, ou de experienciações estéticas associadas a uma fruição do medo e do horror literários, os loci sertanejos das obras de Beltrão e Toscano têm o escopo de configurar dinâmicas sui generis que revelam o estupor e o inusitado. Iremos, destarte, realizar um breve estudo, na perspectiva comparativista e da crítica temática, dos contos “Dentro do breu”, “Maluvida”, “Sombrinha”, “Açude” e “Azul avermelhado”, de Na escuridão das brenhas; “Lajedo Santo” e “Sétimo dia”, de A geografia dos sítios insanos; “O espinheiro branco”, de Carapaça escura, e “Casa de prata”, “Curva de rio”, “Buchada” e “Jardim das delícias”, de O rinoceronte da parede. Paralelamente, discutiremos teorias ligadas ao fantástico, ao horror, ao realismo mágico e ao folclore, no intuito de compreender como este imaginário de um sertão insólito se faz presente e é retomado em pleno século XXI.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Roberto Beltrão; Frederico Toscano; Sertão.

NAS PROFUNDEZAS DE SENHORA DOS AFOGADOS: A PAISAGEM LITORÂNEA MÓRBIDA DE NELSON RODRIGUES

André Luiz de Lima Conserva (PPGL/UFPB)
Juliana Henriques de Luna Freire (UFPB)

Ao situar a tragédia Senhora dos Afogados (1947) em uma praia, Nelson Rodrigues nos apresenta uma paisagem litorânea mórbida que se contrapõe às representações usuais construídas desde o romantismo de nossas praias idealizadas como locais paradisíacos. Colocando a praia não apenas como mero cenário, mas como um locus horribilis limítrofe, ele mergulha os personagens em uma atmosfera primitiva que os despoja de suas máscaras de racionalidade, levando-os a cometer atos criminosos cujas vítimas os assombrarão com aparições sobrenaturais. Tal (des)construção empreendida pelo autor também se estende à protagonista Moema, que, personificando o ambiente, subverte outra representação consolidada em nossa literatura, a da mulher nativa submissa, controlando as ações dos demais personagens e movendo todo o enredo rumo à tragédia. Este trabalho se propõe a analisar a peça Senhora dos Afogados tendo como foco aspectos da maquinaria gótica como o locus horribilis, as figuras vilanescas e as aparições fantasmagóricas, que, transfigurados para a realidade local a partir da descontrução de representações consolidadas na literatura brasileira, apresentaram um caráter insólito até então inédito para os nossos padrões teatrais/literários. Para analisar os aspectos simbólicos do mar associados ao trágico, teremos como principal referência A Água e os Sonhos (1997), de Gaston Bachelard. Para a análise da influência do Expressionismo na obra de Nelson Rodrigues, teremos como referências Nelson Rodrigues Expressionista (1998), de Eudinyr Fraga, além de críticos que se dedicaram ao estudo da obra dramatúrgica completa do autor, como Sábato Magaldi (1981), entre outros. Por fim, para analisar como os elementos estudados influenciaram na recepção da peça, entendendo que o sentido de um texto teatral se completa em sua apresentação, recorreremos a estudiosos que se dedicaram ao estudo da recepção do gótico no Brasil, como Júlio França (2022), e à teoria da recepção, de Hans Robert Jauss (1994).

Palavras-chave: Senhora dos Afogados; Gótico; Expressionismo.

ESPAÇO, GÊNERO E UTOPIA EM A RAINHA DO IGNOTO

Beatriz Rodrigues Ribeiro (UFPI)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Este trabalho propõe analisar o romance A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas (1899), investigando o espaço narrativo como dispositivo de inversão das relações de gênero. Partindo da oposição entre os espaços do sertão cearense, marcado pela organização patriarcal e pelos papéis sociais tradicionais atribuídos às mulheres; e a Ilha do Nevoeiro, configurada como um espaço utópico em que personagens femininas ocupam posições de poder, liderança e atuação científica, busca-se compreender de que modo a construção espacial sustenta a crítica social elaborada pela autora. A pesquisa fundamenta-se em estudos sobre utopia, espaço literário e gênero, dialogando com a crítica dedicada ao romance e com perspectivas teóricas que compreendem o espaço como elemento ativo na produção de sentidos, especialmente as contribuições de Michel Foucault (2013) acerca das heterotopias, Gama-Khalil (2023) e Martins (2021) sobre espaço e relações de gênero no insólito ficcional. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo, centrada na interpretação da configuração dos espaços narrativos e de sua relação com a inversão das hierarquias de gênero. Espera-se evidenciar que a espacialidade do romance constitui um mecanismo narrativo essencial para a elaboração de uma utopia feminista que questiona as estruturas patriarcais da sociedade brasileira oitocentista, conferindo à obra um caráter inovador no contexto da literatura produzida por mulheres no século XIX.

Palavras-chave: Espaço ficcional; Gênero; Utopia; Rainha do Ignoto; Emília Freitas.

O INSÓLITO E O ARQUÉTIPO NO SERTÃO: A POÉTICA DO EXTRAORDINÁRIO EM CABOCLA DE CAXANGÁ, DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

Byanca Borges de Araújo Cardoso (UEMA)
Josenildo Campos Brussio (UERJ)

O presente estudo investiga a composição lírico-musical Cabocla de Caxangá (1913), de Catulo da Paixão Cearense, elegendo-a como o objeto principal desta pesquisa. O objetivo é analisar como a canção estabelece um diálogo profundo com as Narrativas Fantásticas e o Insólito Ficcional, investigando a transfiguração da figura feminina e da natureza sertaneja em elementos que transcendem o realismo geográfico. Como abordagem teórica, a pesquisa fundamenta-se nos conceitos de hesitação e do fantástico de Tzvetan Todorov, nas Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand (2002), na psicologia arquetípica de Carl Jung (2000) e nas manifestações do sagrado e profano de Mircea Eliade (1991). Os aspectos metodológicos configuram-se por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, utilizando o método da hermenêutica literária para realizar a análise textual e semiótica dos versos, decodificando os símbolos que operam na fronteira entre o real e o sobrenatural. Como resultados gerais, identificou-se que a "cabocla", descrita simultaneamente como "rainha", "flor" e "demônio mau", evoca o arquétipo da Anima junguiana em sua faceta numinosa e ambígua. A espera do eu lírico na "noite santa do Natal na encruzilhada" configura um espaço-tempo liminar e ritualístico (hierofania eliadeana), onde os cantos dos pássaros urutau e acauã agem como presságios míticos que tencionam o espaço profano do sertão. Sob a ótica de Durand, essas imagens integram o regime noturno do imaginário, convertendo o sofrimento do amor não correspondido em uma descida ao mistério. Conclui-se que Cabocla de Caxangá antecipa e consolida vertentes do insólito na tradição oral e literária brasileira, provando que o regionalismo de Catulo da Paixão Cearense ultrapassa o mero registro documental para fundar uma autêntica poética do fantástico ancorada na sensibilidade mística popular.

Palavras-chave: Catulo da Paixão Cearense; Cabocla de Caxangá; Insólito ficcional; Imaginário; Sertão místico.

O FANTASMA COMO TENSÃO DO REAL: FANTÁSTICO, CULTURA

Charles Ribeiro Pinheiro (UFC)

Esta pesquisa investiga as representações de fantasmas na ficção cearense produzida entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Serão investigados os contos “A cruz das almas” (1895), de Soares Bulcão; “Alma Penada” (1946), de Américo Facó; “Espectro” (1915), de Gustavo Barroso; “A casa mal-assombrada” (1960), de Carlyle Martins, que fazem parte da coletânea O cravo roxo do Diabo: contos fantásticos no Ceará (2011) organizado por Pedro Salgueiro et al., e dois trechos do romance A Fome (1890), de Rodolfo Teófilo. O objetivo é analisar como essas narrativas de autores realistas e neorrealistas cearenses constroem a figura espectral enquanto manifestação do fantástico ficcional. Parte-se da hipótese de que a recorrência de fantasmas nessas obras não constitui apenas um recurso temático ou folclórico, mas de uma estratégia estética capaz de problematizar os limites do real e de revelar permanências culturais ligadas à morte, à memória coletiva e à religiosidade popular cearense. A pesquisa apoia-se concepção do fantástico proposta por David Roas (2014), para quem o fantástico emerge da irrupção do impossível em um mundo regido pelas leis da realidade empírica, produzindo uma ruptura que ameaça a estabilidade do real. Outras bases teóricas são: Philippe Ariès, com O Homem diante da morte (2014) e História da Morte no Ocidente (2017); de Edgar Morin, O homem diante da morte (1970), de Jean Delumeau, História do medo no ocidente (1993), de Noel Carroll, A Filosofia do Horror ou paradoxos do coração (1990) e Tzvetan Todorov, Introdução à Literatura Fantástica (1992). Além disso, Luís da Câmara Cascudo (1957) e (1985), Gustavo Barroso (1912) e (1915) e Leonardo Mota (1928) e (1930), cujos estudos sobre folclore, superstição, religiosidade popular e imaginário sertanejo oferecem importantes subsídios para compreender a circulação das narrativas de almas penadas e assombrações no Ceará. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e comparatista, fundamentada na análise textual das obras em diálogo com seu contexto histórico e cultural. Como resultados parciais, observase que os fantasmas assumem diferentes configurações estéticas, ora preservando elementos do fantástico tradicional, ora aproximando-se do horror e da alegoria social, refletindo inquietações próprias da experiência cearense diante da morte, das secas, das epidemias e das permanências de ‘superstições’ da cultura popular. Conclui-se que essas narrativas contribuem para ampliar o entendimento da tradição do insólito na literatura brasileira, evidenciando a relevância da produção ficcional cearense para os estudos contemporâneos sobre o fantástico em língua portuguesa.

Palavras-chave: Fantasmas; fantástico; ficção cearense; morte; cultura popular.

A FRESTA E O ARROMBAMENTO: A POÉTICA DO ESPECTRO E A HAUNTOLOGY NO GÓTICO DE MÁRCIO BENJAMIN

Cristiane Eliana Prates de Lima Gouveia Soares (Unifafire)

Este trabalho investiga as transformações estéticas do insólito ficcional e da narrativa gótica contemporânea em língua portuguesa, com foco na produção do escritor paraibano Márcio Benjamin. O corpus de análise é constituído pelas narrativas ""O açude"" e ""Miguel"", integrantes da obra do autor e tem como objetivo central é analisar de que maneira a recusa do luto materno e o consequente retorno espectral do filho operam como dispositivos de subversão da verossimilhança realista no espaço doméstico. Para tanto, observa-se como o autor reelabora o motivo folclórico clássico do luto e do retorno dos mortos, presente na tradição ocidental em matrizes como ""A Pata do Macaco"", internalizando-o na cultura e na oralidade do gótico sertanejo. A fundamentação teórica ancora-se nas perspectivas de Filipe Furtado (1980), Remo Ceserani (2006) e David Roas (2014) acerca da construção do fantástico e da fratura do real, associadas ao conceito de hauntology cunhado por Jacques Derrida (1994) e reformulado por Mark Fisher (2014). A articulação dessas vertentes visa demonstrar que o fantasma no texto de Benjamin atua como uma rotura na engrenagem temporal condensando o medo de um passado traumático e a angústia de um futuro familiar abortado que assombra o presente. A análise revela que, enquanto a tradição gótica clássica tende a desenhar o sobrenatural como uma fresta disruptiva que o realismo tenta fechar por meio de mecanismos formais de recalque, a contemporaneidade em Benjamin promove o arrombamento definitivo dessa fronteira. Em ""O açude"", a dinâmica hauntológica manifesta-se na normalização do monstruoso, uma vez que a mãe anula o espanto ao acolher o filho tragado pelas águas como elemento do cotidiano. Esse processo atinge o clímax em ""Miguel"", no qual o embate entre a imposição da morte (o tempo linear) e a sustentação da ficção da vida (o anacronismo do fantasma) culmina no assassinato do marido. Conclui-se que, na poética de Benjamin, a convivência com o espectro converte o trauma do luto em tempo cronicamente presente, tornando-se a única matéria narrativa e factual possível diante de uma realidade cindida.

Palavras-chave: Gótico contemporâneo; Insólito ficcional; Hauntology; Márcio Benjamin; Literatura brasileira.

A COMPADECIDA: UMA APARIÇÃO NA ASTÚCIA ÉTICA DE JOÃO GRILO

Darisrose da Silva Macêdo (UFRPE)

À luz do fantástico o cerne deste trabalho visa realizar uma leitura da malandragem, do jeitinho brasileiro, no clássico literário o "Auto da Compadecida", do escritor Ariano Suassuna. Para tanto, buscamos através do maravilhoso cristão, da intervenção religiosa na tentativa redenção pelo sagrado, o desnudamento do perfil social do malandro presente no homem sertanejo, o que corresponde ao modo brasileiro na cultura. Ao considerar os pressupostos teóricos de Tzvetan Todov, em *Introdução à literatura fantástica*, e de Davi Roas, em *A ameaça do Fantástico: aproximações teóricas*; além de Roberto DaMatta, em *Carnavais, malandros e heróis*, e Antonio Cândido, em *O discurso e a cidade*, identificamos em consonância com a história e a crítica sociológica, os efeitos e os impactos do fenômeno da malandragem na conjuntura ética da sociedade, num ambiente em que os sujeitos transitam entre a ordem e a desordem. Nesse sentido, ao refletir, enquanto categoria analítica, o "João Grilo", a partir da ruptura com as leis da natureza, do sobrenatural compreendendo um personagem adequado aos dribles e às astúcias, constatamos a ética tradicional em contraste com a ética do jeitinho, no sentido brasileiro das ações. A evidência do paradigma malandro, integrado a permanência criativa dos sujeitos no corpo social, fundamenta uma consciência incapaz de tornar-se outra, impedindo a transformação do homem na cultura brasileira.

Palavras-chave: Fantástico; Maravilhoso Cristão; Malandragem; Ariano Suassuna.

A POÉTICA DA INFÂNCIA E O FANTÁSTICO EM A MENINA DE LÁ, DE GUIMARÃES ROSA

Diogo Rodrigues (UFPA)
Antônio Máximo Ferraz (UFPA)

O presente texto busca analisar as questões presentes no conto A menina de lá, de Guimarães Rosa. Na narrativa, acompanha-se a manifestação do fantástico por meio da personagem Maria, uma menina de menos de quatro anos que, apesar de falar muito pouco, realiza prodígios e sinais, aproximando-se da figura de profetas e santos. A partir dessa perspectiva fantástica, a obra transita entre o maravilhoso, o real e o impossível, revelando como a protagonista, por meio de sua infância e da poética que a constitui, evidencia a travessia e o destino da condição humana. Ao mesmo tempo, o conto convida à reflexão sobre a infância como um fenômeno poético. A trajetória heroica da pequena Maria desafia as leis naturais da existência, embora permaneça submetida ao seu destino trágico. Nesse sentido, a infância se apresenta simultaneamente como um elemento cotidiano e fantástico, uma vez que a criança habita naturalmente os universos do real e da fantasia, não como realidades distintas, opostas, mas como trânsito, travessia. Ao encarnar a poiésis, Maria estabelece uma relação singular com a vida, transitando entre fantasia e realidade como manifestações de um mesmo fluxo que atravessa a experiência humana: o rio da vida. Para a análise da obra, adotamos uma perspectiva teórica que compreende a literatura como manifestação artística capaz de suscitar questões ontológicas, estabelecendo diálogo, sobretudo, com Martin Heidegger (1989), Gaston Bachelard (2008), Castro (2014) e outros autores que investigam a dimensão poética da existência. Dessa forma, infância, heroísmo e fantástico constituem os eixos centrais da escrita rosiana, que revela uma categoria heroica singular: a do herói-criança.

Palavras-chave: Infância; poética; heroísmo; fantástico.

O FANTÁSTICO E A INVISIBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS NO CONTO “O PROTO-COLO”, DE MENALTON BRAFF

Eliane Marques Paulo Batista (UFPB)
Luciane Alves Santos (UFPB)

Do século XVIII até os dias atuais, as narrativas fantásticas passaram por transformações significativas. Conforme aponta David Roas (2013), os novos textos fantásticos deslocaram o foco do efeito estético do medo para inserir questões de profunda reflexão crítica e social. É dentro desse novo escopo que se situam algumas das produções do escritor Menalton Braff, objeto de estudo desta pesquisa. Da sua extensa lista de produções, nossa análise detém-se no conto “O proto-colo”, presente na obra Amor Passageiro (2018). Na narrativa, conhecemos a história de Adão, um morador do Jardim do Éden que resolve se deslocar até o prédio da prefeitura de sua cidade para resolver um problema de falta de água em sua residência. No decorrer das tratativas, a situação escala para níveis absurdos. Além disso, graças a ocorrência insólita presente no conto, o escritor também problematiza a burocracia que anula identidades e invisibiliza os menos favorecidos. Partindo desse contexto, este estudo teve como objetivo demonstrar como a presença do elemento Fantástico e a naturalização do absurdo são peças essenciais para intensificar o teor crítico do conto. A metodologia centrou-se na natureza qualitativa e de caráter bibliográfico. No que diz respeito aos resultados, através dessa pesquisa foi possível observar como a literatura se constitui como espaço privilegiado para representações de questões pertinentes à contemporaneidade, tais como a desigualdade, a invisibilização dos indivíduos, as falhas do sistema burocrático e das instituições de poder. Os principais pesquisadores aos quais recorremos durante a elaboração deste trabalho foram Cristiano Aguiar (2017), David Roas (2013), Jaime Alazraki (2001), Regina Dalcastagnè (2012) e Tzvetan Todorov (2021).

Palavras-chave: Conto Fantástico; Invisibilização; Menalton Braff.

CHAVES VELHAS PODEM ABRIR NOVAS PORTAS: O FANTÁSTICO INSÓLITO E O MARAVILHOSO EM “O SANTO CHICO MOCÓ”, DE ANTONIO MENEZES.

Expedito Wellington Chaves Costa (IFCE)

A cultura popular sertaneja é marcada por inúmeras narrativas que remetem a acontecimentos insólitos, fantásticos e maravilhosos que descrevem diferentes crenças e hábitos singulares de um povo marcado também pelo sincretismo secular, oriundo especialmente das relações entre seca, fé e violência. O objetivo deste trabalho é dissertar sobre como se manifestam aspectos da literatura fantástica na obra “O Santo Chico Mocó”, de Antonio Menezes. Publicada em 2026, a narrativa descreve eventos fantásticos e insólitos na localidade de Cabeça da Onça, no sertão do Ceará, após viagem a Canindé de um dos seus moradores mais antigos, o Chico Mocó. Por ocasião da viagem, para que a esposa pagasse promessa feita a São Francisco de Canindé pela vida do sétimo e último filho do casal, Chico Mocó encomendou a artesão especializado um santo com seu nome; e assim surge o Santo Chico Mocó da Serra. Após a chegada deste à localidade, episódios inexplicáveis começam a ocorrer, como estranha proteção à vida de Chico Mocó, pragas no lugar durante ausência de Chico e do santo, redemoinho, munições que não disparam, aparecimento de caiporas... E isso muda substancialmente a história de Cabeça da Onça e de seus habitantes. Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, bibliográfica e exploratória, visto que se interessa por análise e interpretação de fenômenos literários, sem destaque para aspectos quantitativos. Enquanto referências, o trabalho apoia-se em Almeida (2016); Cassirer (2002); Massi (2015); Salgueiro (2011); Todorov (2003), entre outros, para fundamentar a abordagem teórica acerca da literatura fantástica e seus segmentos, especialmente o maravilhoso. Os resultados da investigação apontam que a obra em estudo se enquadra no estilo fantástico maravilhoso, uma vez que os episódios insólitos contidos no enredo não podem ser explicados pelas leis da realidade. Conclui-se, portanto, que se está diante de mais uma obra do realismo fantástico, um dos gêneros literários que mais se desenvolve na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura; Realismo fantástico; Sertão; Cultura popular.

ENTRE A SECA E O ASSOMBRO: TERROR E HORROR DAS SECAS NO CONTO UM GOLE DE SOL, DE MÁRCIO BENJAMIN

Fabiana Alves Dantas (UFRN)

Esta comunicação discute como a temática das secas é abordada na criação de narrativas de terror e horror na produção literária de Márcio Benjamin (Natal/RN, 23 de fevereiro de 1980). Inserido no campo de estudos sobre as relações entre história e literatura, este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento, na qual as obras de Márcio Benjamin são historicizadas levando-se em conta sua proposta de produzir terror e horror a partir inspirações relacionadas aos sertões nordestinos. A partir de referências da história cultural e dos estudos literários, analisamos o conto Um gole de sol, publicado na obra Agouro (2019), além de uma entrevista com o autor realizada pela autora do texto. Analisamos essas fontes investigando como, nesta narrativa, o escritor natalense se inspira na historicidade relacionada às secas sertanejas e, mais especificamente, aos campos de concentração cearenses datados da estiagem de 1932, construindo uma narrativa que assusta não apenas pela apresentação de um acontecimento insólito, mas também por mobilizar medos associados a fatos históricos que envolvem a situação de retirantes sertanejos diante de condições climáticas severas. Condições essas que se tornaram tema de diversas produções literárias, em virtude da associação entre este fenômeno climático e seus desdobramentos sociais e o processo de definição do Nordeste como região específica do território brasileiro.

Palavras-chave: Márcio Benjamin; Seca; Sertões; Terror e horror.

A DUALIDADE DA EXPERIÊNCIA NARRATIVA E O EFEITO FANTÁSTICO NO CONTO "AS FORMIGAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Fábio José dos Santos – Instituto Federal de Alagoas (IFAL)
Erick Robert Ferreira da Silva (Seduc-AL)

Este trabalho investiga o efeito fantástico no conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles. A obra explora a presença de um "algo mais" inexplicável e de natureza desconhecida, atrelado à suposta montagem de um esqueleto humano por formigas, fenômeno que é experenciado tanto pelas personagens quanto pelo próprio leitor. Tal fenômeno, que intensifica a força daquilo que é insondável na intriga, parece atentar contra a ordem do real e, como efeito de arte, ele atualiza a categoria do fantástico na materialidade textual. Analisa-se como a organização estrutural da narrativa, especialmente, o foco narrativo, desenvolve, gradualmente, o conjunto de acontecimentos que culmina na produção impactante desse efeito ao final do texto, algo que acaba cooperando para a criação de uma espécie de chave de leitura do conto. Particularmente, o diálogo entre as experiências da narradora e de sua prima, geradoras de narrativas que se vão tecendo juntas para o leitor, potencializa a hesitação acerca da natureza dos eventos que se passam no conto. A metodologia consiste na análise críticoliterária dos elementos estruturais da narrativa, a partir de uma perspectiva semânticodiscursiva, investigando-se a construção da atmosfera sombria (com marcações espaciais e temporais sinistras no casarão) e, sobretudo, a dualidade da experiência narrativa: o contato real com os eventos, vivenciado pela prima estudante de medicina, em contraste com a percepção mediada da narradora estudante de direito, que depende do testemunho alheio. Além da compreensão do narrador a partir das formulações de Walter Benjamin (1986) entre narrador e experiência, a fundamentação teórica deste trabalho apoia-se nas formulações de Tzvetan Todorov (1992), quanto ao conceito de "efeito fantástico" como a hesitação experimentada por um indivíduo realista diante de um evento aparentemente sobrenatural, considerando a hesitação do leitor e o modo de leitura não alegórico nem poético como requisitos essenciais. Como resultados, demonstra-se que o efeito fantástico é plenamente mantido ao longo do texto e no desfecho da obra. Diante da reorganização do esqueleto de anão pelas formigas, a narradora se convence da atuação do sobrenatural; todavia, o leitor é mantido na hesitação e na dúvida permanente – condição necessária à atuação do fantástico, na compreensão de Todorov.

Palavras-chave: Efeito fantástico; Experiência e narrativa; “As formigas”.

OS ASPECTOS DO FANTÁSTICO EM ESPECTRO, DE GUSTAVO BARROSO

Francisco Roque Magalhães Neto (UFPB)

Este trabalho tem por objetivo analisar o conto Espectro, presente no livro de Praias e Várzeas, de 1915, escrito pelo autor cearense Gustavo Barroso. Para tal, utilizamos o Fantástico como uma modalidade do imaginário postulada pelo teórico Remo Ceserani (2006), observando seus procedimentos formais e sistemas temáticos. Além disso, salientamos os temas usados pelo autor, o fantasma e o diabo, bem como suas implicações, considerando os elementos postulados por Cascudo (2001) e (2002) e por Nogueira (2002) e Russel (2003). A partir das leituras, podemos constatar que o autor cearense se utilizou do fantástico para ficcionalizar um fato e fazer uma crítica sobre a maldade no sertão e suas consequências encarnadas em figuras como o padre, o fantasma e o diabo.

Palavras-Chave: Conto Fantástico, Diabo, Fantasma.

ELES SÃO A ÍNTIMA LUZ QUE CONSOME: UMA LEITURA DE “ELES”, DE CAIO FERNANDO ABREU

George Henrique Soares de Menezes (UFPE)
Luan Fontes (UFPE)
Samara De Araújo Lins (UFPE)

Este trabalho propõe, a partir de uma metodologia qualitativa, realizar uma análise do conto “Eles”, de Caio Fernando Abreu, publicado em *O ovo apunhalado* (1975), a partir das relações entre insólito, performatividade *queer* e desestabilização das categorias normativas de corpo, gênero e humanidade. Publicado em pleno período da ditadura civil-militar brasileira, o conto trata da aparição de três figuras de origem e natureza indeterminadas nos arredores de uma pequena vila, estabelecendo uma relação singular com um menino e provocando, progressivamente, estranhamento e hostilidade entre os habitantes do local. Embora a crítica já reconheça na obra uma dimensão subversiva e crítica no que tange aos valores sociais e aos mecanismos de repressão presentes no contexto histórico dos anos 1970, propõe-se aqui investigar de que modo o insólito opera enquanto um procedimento formal capaz de produzir e tornar visíveis modos de existência que escapam à inteligibilidade social hegemônica, sobretudo no que concerne às identidades e orientações sexuais. Para tanto, parte-se da concepção de performatividade de gênero de Judith Butler (2018), compreendendo o gênero como efeito reiterado de práticas, gestos e normas que delimitam as possibilidades de reconhecimento dos sujeitos. Em paralelo, recorre-se a Donna Haraway (2009), especialmente a partir da figura do ciborgue, para tensionar os limiares entre humano e não humano e a naturalização de categorias identitárias aparentemente estáveis, bem como às contribuições de José Esteban Muñoz (2009), a fim de ponderar sobre a potencialidade utópica das existências *queer*. São de grande valia também os estudos de David Roas (2014) para promover uma análise do insólito enquanto um dispositivo desestabilizante dos códigos que organizam aquilo que se entende como realidade. A hipótese aqui defendida é a de que o conto constrói o insólito como um dispositivo estético e político de desidentificação, ao apresentar sujeitos cuja corporalidade e modos de existência não podem ser adequadamente enquadrados pelas categorias disponíveis à comunidade. Assim, a narrativa expõe o caráter construído e coercitivo da normalidade e faz da diferença uma potência de desestabilização da ordem social. Logo, a pesquisa contribui para a fortuna crítica de Caio Fernando Abreu, evidenciando como seu projeto literário alia experimentação formal a uma crítica arguta das normatividades sexuais e corporais.

Palavras-chave: Insólito; Performatividade queer; Erotismo; Violência; Caio Fernando Abreu.

RECONFIGURAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO CONTO CÃO DOS INFERNOS, DE LAÍS ROMERO

Guilherme Clisma Araújo de Sousa (UFC)
Maxwell Braga de Paulo (UFC)
Sahmaroni Rodrigues de Olinda (UFC)

Esse trabalho analisa o conto Cão dos infernos (2024), de Laís Romero, investigando como a obra articula, através dos elementos do fantástico e do insólito, a temática da violência sexual. O objetivo do estudo é identificar os elementos narrativos que configuram o fantástico no conto, e seu reflexo no contexto da violência sexual. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se na análise literária do conto. Como principal referencial teórico, adotamse as contribuições de Alazraki (1990), no tocante à representação da realidade na narrativa através de elementos do insólito. Acerca da violência e, especificamente, a violência sexual, a pesquisa baseia-se nas contribuições de Silva (2002), e Gay (2021). O estudo revela que os elementos do fantástico presentes na obra apresentam-se como metáforas para uma fantasmagórica realidade vivida pela protagonista da narrativa. Conclui-se que a obra de Romero apresenta-se como um importante meio de denúncia, retratando uma realidade que, infelizmente, ainda é vivida por muitos na sociedade atual.

Palavras-chave: Laís Romero; Violência sexual; Fantástico; Alazraki; Insólito.

A TRADIÇÃO DA NARRATIVA FANTÁSTICA BRASILEIRA: DIÁLOGOS ENTRE A IGREJA DO DIABO E O PIROTÉCNICO ZACARIAS

Guilherme de França Sales (UFPB)
Luciane Alves Santos (UFPB)

Embora seja complexo delimitar os marcos de ascensão da narrativa fantástica no Brasil, podemos afirmar que existe uma tradição contínua de produções do gênero, que se estende de meados do século XIX até a contemporaneidade. A antologia Medo Imortal (2019), publicada pela editora DarkSide, apresenta, como premissa seletiva, contos com a temática do sobrenatural e do horror na produção literária nacional, especialmente vinculada aos primeiros membros da Academia Brasileira de Letras. Decorrido um século, a prosa fantástica do escritor mineiro Murilo Rubião representa a consolidação do fantástico moderno no país. Nessa nova fase, o medo físico, que marcou textos anteriores, declina em favor das novas tendências que acompanham a modernidade: o absurdo e o estranhamento. Considerando esses pressupostos, este artigo tem como objetivo analisar a continuidade e a transformação do gênero fantástico na literatura brasileira, a partir do diálogo entre contos presentes em Medo Imortal e na obra de Murilo Rubião. A fim de delimitar a investigação, serão analisados o conto “A Igreja do Diabo” (1884), de Machado de Assis, integrante da antologia, e “O Pirotécnico Zacarias” (1974), de Murilo Rubião, observando-se como ambos exploram o insólito, a ironia e a ruptura com a lógica realista como estratégias de reflexão sobre a natureza humana e as contradições sociais. A fundamentação teórica partirá dos conceitos de fantástico de David Roas (2014), Tzvetan Todorov (1992) e Remo Ceserani (2004).

Palavras-chave: Literatura fantástica; Murilo Rubião; Ensino de literatura; Formação do leitor.

VAMPIRISMO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Hadassa Cavalcanti de Almeida (UFPE)
André de Sena Wanderley (UFPE)

No presente estudo, a figura do vampiro será analisada à luz das correntes teóricas contemporâneas sobre gênero e sexualidade, pois, de acordo com Rodrigues (2017, p. 56), "a presença do erotismo é acentuada no comportamento do vampiro, que preza de sua liberdade para poder dar vazão a sua expressão sexual". O cânone literário de que dispomos atualmente é imenso, porém o enfoque de nossa análise serão algumas representações brasileiras do vampirismo e suas metamorfoses, tomando como base o poema "Octavio e Branca, ou A Maldição Materna", de Cardoso de Menezes (1849), o romance *A Mortalha de Alzira*, de Aluísio Azevedo (1892), e o conto "A Neurose da Cor", de Júlia Lopes de Almeida (1903). Como apontado por Brauner (2025), as origens da "doença" do vampirismo vão desde maldições até hereditariedade, e é justamente essa ausência de explicação que gera o medo, "visto que qualquer um em qualquer momento pode padecer do mesmo mal" (Brauner, 2025, p. 97).

Palavras-chave: Vampirismo; Gênero; Sexualidade; Literatura brasileira; Fantástico

O JURAMENTO E A CAVEIRA: UMA ANÁLISE DOS "TEMAS DO VOCÊ" EM O ESQUELETO, DE CARNEIRO VILELA

Itallo Marcio Chagas Leite (UFRPE)
Carlos Eduardo do Prado (UFRPE)

O presente trabalho analisa o romance O Esqueleto: crônica phantástica de Olinda, publicado em 1871 pelo escritor recifense Carneiro Vilela (1846–1913), à luz da tipologia proposta por Tzvetan Todorov em Introdução à Literatura Fantástica. Em Introdução à Literatura Fantástica, Todorov propõe uma classificação dos temas do fantástico, distinguindo dois grandes grupos: os "temas do eu" e os "temas do você". Este trabalho fundamenta-se nesta última categoria para analisar a construção narrativa de O Esqueleto, de Carneiro Vilela. O objetivo central é investigar como os "temas do você" estruturam a narrativa de Carneiro Vilela, articulando-se, na obra, com a violência e a morte até culminarem na irrupção do elemento insólito. Parte-se da hipótese de que essas categorias não apenas organizam o enredo, mas também revelam as tensões morais que atravessam a experiência do protagonista Felipe. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, e vem sendo conduzida a partir da revisão da literatura sobre o fantástico, com especial atenção à obra Introdução à Literatura Fantástica, de Tzvetan Todorov, e da análise do romance à luz da tipologia proposta pelo autor. Pretende-se compreender de que maneira o desejo e a violência conduzem a trajetória de Felipe, fundamentando a experiência do horror e a punição moral presentes no enredo, e de que modo essa articulação contribui para o debate acerca das transformações do fantástico e do insólito ficcional em narrativas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Carneiro Vilela; O Esqueleto; Tzvetan Todorov; Temas do você.

O SERTÃO COMO LOCUS HORRIBILIS: O SUBLIME BURKEANO EM DOIS CONTOS DE SERTÃO, DE COELHO NETO

Jeferson Fernando Lira Matos Silva (PPGLI/UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (UEPB)

A literatura brasileira de horror permanece marginalizada pela crítica especializada, se comparada à tradição gótica anglo-americana, que dispõe de vasto aparato teórico consolidado. No cenário literário do Brasil, a obra de Coelho Neto (1864-1934) configura caso exemplar de negligência crítica: sua produção de contos macabros caiu no esquecimento após a consolidação do Modernismo. Dessa forma, objetivamos propor uma articulação teórica que aprofunde observações de estudiosos como Murari (2015) e Silva (2025), compreendendo que o autor não registra o sertão, mas constrói um dispositivo estético de terror cuja eficácia depende da não-coincidência entre espaço real e espaço ficcional. Diferentemente das ambientações góticas europeias, que privilegiam castelos e abadias, Coelho Neto situa seus terrores em matas embrenhadas, taperas sertanejas, casarões de fazendas abandonadas –, recriando o "gótico tropical" mediante folclore nordestino, do misticismo afro-indígena e violência estrutural colonial. O objetivo central é analisar em Sertão (2025), como a conversão do espaço sertanejo em locus horribilis – "lugar do horror" como construção ficcional ativa – mobiliza as categorias do sublime burkeano (terror, vastidão, obscuridade, poder e silêncio), para produzir efeito de horror. O corpus restringe-se aos contos "Praga" e "A Tapera" , nos quais a mata da Penitência, as terras mal-assombradas e as ruínas de Santa Luzia funcionam não como cenário passivo, mas como agente atuante na subversão da ordem humana. A abordagem teórica articula estética filosófica (Burke, 1993) e crítica espacial (locus horribilis), operando mediante análise hermenêutica imanente dos dispositivos textuais. Metodologicamente, procedemos a partir de uma pesquisa básica e qualitativa cuja leitura sistemática de trechos viabilizem uma análise que articule a construção espacial e a produção de terror a partir de manifestações do sublime e caracterização do sertão como locus horribilis. Os resultados preliminares indicam que o espaço sertanejo precede e condiciona a emergência do sobrenatural, invertendo a lógica europeia : o terror não invade o espaço doméstico, pois a personagem já nasce dentro dele. Dessa forma, Coelho Neto prioriza o efeito estético do terror sobre a descrição geográfica ou folclórica, configurando uma estética do horror nacional que transcendo a dimensão documental do regionalismo.

Palavras-chaves: Sublime; locus horribilis; literatura brasileira; Coelho Neto; gótico tropical.

O FOLCLORE E O FANTÁSTICO NA REPRESENTAÇÃO DO LOBISOMEM, EM “O LOBISOMEM”, DE HERBERTO SALES

João Lucas Souza da Silva (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este resumo visa analisar como o folclore e o fantástico auxiliam na construção da representação da figura do lobisomem no conto “O lobisomem”, encontrado no livro O lobisomem e outros contos folclóricos, de Herberto Sales. Fundamentada nas referências teóricas de Tzvetan Todorov (1975), Remo Ceserani (2006), David Roas (2014) e Andriolli de Brites Costa (2018) busca-se compreender como o folclore, em interface com o fantástico, auxiliam na construção da representação da figura do lobisomem na narrativa. A metodologia da pesquisa é de natureza bibliográfica, de caráter qualitativo, a partir da abordagem dialética, na qual as inferências estéticas indicam apreender o texto literário em sua articulação com a forma, o conteúdo e o contexto. Para Todorov (1975), o fantástico se caracteriza pela hesitação diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural. Ceserani (2006), a seu modo, identifica temas recorrentes da literatura fantástica, entre os quais se destaca a figura monstruosa do lobisomem; Roas (2014), por sua vez, compreende o fantástico como resultado da irrupção do sobrenatural em um mundo regido pelas leis do real, considerando ainda o contexto histórico e cultural da narrativa. Por fim, Costa (2018) resgata o termo Ficção Folclórica como subgênero da Ficção Especulativa ao abarcar manifestações advindas do folclore. Os resultados indicam a figura do lobisomem como parte do imaginário popular e ao mesmo tempo como um ente sobrenatural que é atravessado pelo sagrado e por outras formas de espiritualidade. Conclui-se, portanto, que a junção do componente folclórico e fantástico constrói uma figura de lobisomem específico da poética popular de forma que o conto herbertiano reelabora saberes provenientes da oralidade e da tradição com os signos e saberes populares.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Lobisomem; Folclore; Sobrenatural; Herberto Sales.

FACES DO AUTORITARISMO E DO FANTÁSTICO EM A HORA DOS RUMINANTES, DE JOSÉ J. VEIGA

Jobson de Oliveira Silva (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este trabalho visa analisar o romance “A hora dos ruminantes”, de José J. Veiga, a partir da manifestação do insólito e do fantástico como elementos de desestabilização da realidade. Fundamentado nos pressupostos teóricos desenvolvidos por David Roas, em “A ameaça do fantástico: aproximações teóricas”, e Jaime Alazraki, em “¿Qué es lo neofantástico?”, especialmente na compreensão do fantástico como ruptura do real e ameaça às regras que organizam uma realidade reconhecível, bem como na concepção do insólito como abertura para uma “segunda realidade”. Adota-se como categoria analítica a abordagem dialética, na qual as inferências estéticas exigem apreender o texto literário associando fundo, forma e conteúdo na obra. Observando-se de que modo a presença dos homens da tapera e as invasões dos cachorros e dos bois alteram progressivamente a percepção dos habitantes acerca do mundo em que vivem. A análise busca compreender como as categorias do fantástico e do insólito se manifestam na construção narrativa do romance, articuladas a partir das abordagens propostas por Roas e por Alazraki: segundo qual o fantástico depende da construção de uma realidade próxima à experiência do leitor para, posteriormente, introduzir um acontecimento impossível capaz de destabilizá-la. Desse modo, o insólito funciona como instrumento de representação da opressão, pois, ao modificar gradativamente as regras do cotidiano, evidencia como o medo, a coerção e a submissão podem ser naturalizados, sem, contudo, eliminar completamente a possibilidade de resistência.

Palavras-chave: Fantástico; Insólito; José J. Veiga; Literatura.

A FLORESTA QUE PUNE: ECOVINGANÇA E RESISTÊNCIA ECOLÓGICA NA LITERATURA FANTÁSTICA AMAZÔNICA DE INGLÊS DE SOUSA

Josceane da Cruz Pereira (UNIFESSPA)

Este artigo analisa as manifestações de ecovingança e resistência ecológica na literatura fantástica amazônica de Inglês de Sousa, tomando como corpus os contos A Feiticeira e Acauã. O objetivo é compreender como a natureza deixa de ocupar o lugar de simples cenário para assumir um papel ativo na narrativa, interferindo nas ações humanas e questionando perspectivas centradas exclusivamente no homem. A pesquisa está fundamentada na ecocrítica, a partir das contribuições de Cheryll Glotfelty (1996), Greg Garrard (2006) e Lawrence Buell (1995), em diálogo com as reflexões sobre o fantástico desenvolvidas por Tzvetan Todorov (1975) e David Roas (2014), além das discussões sobre o espaço amazônico e relações entre humanidade e natureza presentes em Ailton Krenak (2019). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, baseada na análise textual dos contos selecionados e no diálogo entre teoria literária, ecocrítica e estudos culturais. A investigação observa como a floresta, os rios, os animais e as entidades sobrenaturais participam da construção do enredo e das tensões vividas pelos personagens, aproximando o imaginário amazônico das discussões contemporâneas sobre crise ambiental e modos de coexistência. Os resultados indicam que os acontecimentos extraordinários presentes nas narrativas funcionam como respostas simbólicas às ações de exploração, violência e desrespeito dirigidas ao mundo natural. Nesses contos, o fantástico não aparece apenas como recurso estético, mas como forma de expressar uma visão de mundo em que natureza, cultura e espiritualidade permanecem profundamente conectadas. A floresta assume a condição de agente narrativo, capaz de reagir e impor limites à ação humana, rompendo com uma lógica estritamente antropocêntrica. Conclui-se que a literatura fantástica de Inglês de Sousa antecipa debates atuais da ecocrítica ao representar a Amazônia como um espaço vivo, dotado de memória, resistência e capacidade de resposta. Dessa forma, suas narrativas contribuem para ampliar as discussões sobre literatura, identidade amazônica e pensamento ecológico, evidenciando que a ficção também pode constituir uma importante forma de reflexão sobre as relações entre seres humanos e natureza.

Palavras-chave: Ecovingança; Literatura fantástica; Ecocrítica; Amazônia; Inglês de Sousa.

A TRAVESSIA ENTRE A MEMÓRIA E O PERTENCIMENTO NA PERSPECTIVA DO MARAVILHOSO PRESENTE NO LIVRO VOU SUMIR QUANDO A VELA SE APAGAR

José Augusto Borges dos Santos (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Esta pesquisa busca analisar a presença do maravilhoso e a sua relação com a memória cultural no romance Vou sumir quando a vela se apagar, de Diego Bercito. Lançado em 2022, a obra, ambientada no início da década de 30, retrata uma lenda folclórica da Síria: O Jinni, uma aparição de rastro de fogo sem fumaça, que persegue Yacub, da Síria ao Brasil, por meio dos sonhos, fazendo-o perceber o fardo do passado sem respostas, a dor do luto e a força da sua cultura. A presença onírica do sobrenatural em constante metamorfose vai sobrepondo a realidade ao decorrer da narrativa, registro que entendemos com metáfora da chegada e permanência do povo sírio ao Brasil. Como fundamentação teórica, adotamos apontamentos de Tzetan Todorov, referente ao sub-gênero do fantástico-maravilhoso, sabendo que, em determinados momentos da narrativa, o sobrenatural se materializa além do viés onírico, transformando o ambiente e interferindo no mundo real. Sob outro prisma, o social-histórico, a análise vem por meio do neofantástico de Jaime Alazraki, visto que há no romance pistas que entrelaçam o Jinni com a procura constante de um território digno, o abandono da terra natal para melhores condições de vida e a busca de liberdade de um povo. Elementos como a presença dos poços em casas abandonadas, as reuniões de cunho político nos majlis e areconstrução de uma comunidade síria em São Paulo, ditam as caracterizações do Jinni. Por fim, ainda que o sobrenatural não se constitua como pontos de partida e chegada da imigração, acreditamos que com essa análise podemos identificar o quanto a leitura do maravilhoso pode se atrelar ao real, de maneira que ele traz reflexões pertinentes para uma temática atual, que alude a conflitos políticos e às travessias de povos em busca de um lugar que reflita ideais que constituem suas memórias.

Palavras-chave: vou sumir quando a vela se apagar; fantástico-maravilhoso; imigração; memória coletiva; neofantástico

O REALISMO MÁGICO DE ORAÇÃO PARA DESAPARECER COMO ALEGORIA DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Júlia Cadar Cunha (UFMG)

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar como o romance Oração para desaparecer, de Socorro Acioli, pode ser lido como uma complexa alegoria do processo de colonização do imaginário e da identidade brasileiros por meio de ferramentas estéticas singulares ao Realismo Mágico. Partindo da narrativa da protagonista Aparecida, que é desenterrada em Portugal sem memórias da vida que levava anteriormente no Brasil e da história da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, a história mistura elementos sobrenaturais e fatos verídicos sobre o passado colonial cearense, possibilitando uma negociação simbólica entre as heranças culturais do colonizador e do colonizado. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, desenvolvida por meio da análise literária do romance. A abordagem teórica articula noções centrais das teorias Pós-coloniais e dos estudos sobre o Realismo Mágico na América Latina. Considerando principalmente as ideias de Wendy B. Faris, Stephen Slemon, Irlemar Chiampi e Christopher Warnes, o trabalho parte do pressuposto de que o Realismo Mágico é uma expressão literária essencialmente pós-colonial, pois resulta da constante tensão entre as visões epistêmico-ontológicas diferente da Europa, da África e dos povos originários que se fundiram violentamente durante o processo de colonização. Nesse sentido, o estudo também articula os conceitos de “colonização do imaginário”, desenvolvidos por Frantz Fanon e Ngũgĩ wa Thiong'o, bem como as noções de “hibridismo” e “entre-lugar”, propostos por Homi Bhabha, através da leitura crítica de passagens da obra que representem essas essas categorias na obra de Acioli. A pesquisa pretende evidenciar como a trajetória de Aparecida e da Igreja de Almofala representa o processo de fragmentação identitária produzida pela experiência colonial e, em última instância, propor que Oração para desaparecer tem o potencial de demonstrar como o Realismo Mágico pode configurar uma manifestação do entre-lugar descrito por Homi Bhabha, isto é, um espaço intrinsecamente híbrido e fronteiriço no qual identidades fragmentadas pela colonização podem admitir suas contradições e resistir ao apagamento cultural.

Palavras-chave: Realismo Mágico; Pós-colonialismo, Colonização do Imaginário;Hibridismo; Entre-lugar.

A OUTRA FACE DO LOBO: O DUPLO COMO REPRESENTAÇÃO DO PREDADOR EM O LIVRO DOS LOBOS

Larissa Moreira Tavares (UFC)
Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)

Um recurso estético amplamente abordado desde a Antiguidade, o duplo é consolidado como elemento narrativo em romances góticos e em narrativas fantásticas, sendo necessário destacar a desenvoltura desse aspecto na literatura ocidental nos séculos XVIII e XIX. Muitas narrativas pós-kafkianas, nos séculos XX e XXI, apresentam temas tais como a sombra, o espelho, o sósia, os gêmeos. Esses motivos são desenvolvidos de acordo com uma atual lógica de texto literário, a qual por vezes combina características da tradição do duplo a abordagens estéticas contemporâneas desse elemento. Este recorte de pesquisa, subjacente da investigação explorada pelo mestrado em andamento, apresenta uma proposta de investigação dos desdobramentos estéticos e das estratégias narrativas do "duplo" no corpus literário selecionado da antologia O livro dos lobos (2009), de Rubens Figueiredo, com o objetivo de analisar a composição estéticonarrativa do duplo enquanto representante da tensão predatória entre o "eu" e o "outro". Para tanto, esta investigação pretende elaborar uma pesquisa bibliográfica descritiva, norteada pela análise comparativa dos contos "Alguém dorme nas cavernas" e "O caminho de Poço Verde"; com a intenção de perceber pontos de semelhança e de ruptura na retratação do duplo entre os contos e em relação à tradição literária. Nessa proposta, este trabalho é amparado por teóricos tais como Botting (2013); Freud (2021); Kristeva (1994); Rank (2013); Roas (2014); Santos (2009).

Palavras-chave: Duplo; Literatura Contemporânea; Literatura Brasileira; Narrativa Fantástica; Estrangeiro.

CONFIGURAÇÕES DO MEDO NO ROMANCE SINA DE MÁRCIO BENJAMIM

Lucas Lopes Costa Nóbrega (UFPB)

Este artigo tem como objetivo analisar a construção do medo e suas configurações no romance Sina (2022), de Márcio Benjamin, a partir do espaço ficcional do sertão nordestino. A discussão fundamenta-se nos estudos sobre o medo como ferramenta estética e como condição *sine qua non* da literatura fantástica, a partir das contribuições de David Roas (2013), bem como nas discussões sobre espaço fantástico e o *locus horribilis* desenvolvidas por García (2015), Gama-Khalil (2023) e França (2022). Nesse sentido, o artigo busca demonstrar como elementos constitutivos do espaço ficcional nordestino configuram o medo a partir das categorias de medo físico e medo metafísico, conferindo-lhes características simbólicas particulares e evidenciando as múltiplas facetas do sertão. Compreendido não apenas como uma reação biológica, mas também como um construto social (Delumeau, 2012), o medo, quando trabalhado esteticamente por meio do fantástico com o propósito de "desestabilizar o real" (Roas, 2013), adquire em *Sina* configurações relacionadas às experiências e às representações sociais do sertão. Assim, as narrativas presentes no romance apresentam o espaço sertanejo não apenas como receptáculo, mas também como agente do fantástico (García, 2015), fazendo emergir medos intrinsecamente associados às experiências socialmente construídas do povo sertanejo.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Medo; Sertão nordestino; Sina.

DA INSÔNIA À ESCRITA: A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NO CONTO “DEMÔNIOS”, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Luiz Rodrigues da Silva (UFRN)
Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

Este trabalho analisa o conto “Demônios” (1891), de Aluísio Azevedo, investigando como a narrativa articula os procedimentos da literatura fantástica para deslocar a criação literária do lugar de mera representação para o de agente desencadeador do insólito. Embora consagrado como expoente do Naturalismo brasileiro, Azevedo explora na obra uma vertente sombria e desviante ao narrar o colapso do Rio de Janeiro diante de uma escuridão permanente e da morte estática da população. O objetivo central é demonstrar que o elemento fantástico fundamental da narrativa reside no próprio ato da escrita, a qual fratura a racionalidade e instaura a dissolução da realidade. O *corpus* selecionado compreende a versão original e sem censuras do texto, publicada em formato folhetinesco no jornal *Gazeta de Notícias* em 1891. A fundamentação teórica ancora-se nos conceitos de hesitação e literalização de Tzvetan Todorov (1975), nas reflexões de Remo Ceserani (2006) sobre as rupturas causais e o modo fantástico na modernidade, e na conceituação do insólito em David Roas (2014). Metodologicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica aliada à análise textual hermenêutico-analítica, acompanhando a progressão do foco narrativo em primeira pessoa desde o ambiente idílico do quarto do protagonista até a escala cosmológica do desfecho. Como resultados, observa-se que a apropriação do rigor analítico naturalista confere verossimilhança biológica à degradação do mundo, enquanto a escuridão sem aurora e o fluxo das ideias, metaforizadas como “demônios”, desestabilizam a percepção empírica. Conclui-se que “Demônios” ocupa uma posição singular na literatura finissecular ao transformar o fazer literário em uma experiência radical do abismo, na qual o verdadeiro horror não decorre de uma força sobrenatural externa, mas da percepção de que a própria linguagem pode escapar ao controle daquele que a produz.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Aluísio Azevedo; Demônios; Escrita; Hesitação.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

ENTRE A MEMÓRIA E O SOBRENATURAL: O INSÓLITO FICCIONAL EM A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS

Maria Beatriz Ricardo de Sousa (UFC)
Charles Ribeiro Pinheiro (UFC)

Este trabalho propõe analisar as manifestações do insólito ficcional no romance *A Casa*, de Natércia Campos, considerando as relações estabelecidas entre espaço, memória e imaginário popular. A narrativa apresenta uma casa como enunciadora, atribuindo ao espaço uma perspectiva própria sobre acontecimentos que atravessam diferentes gerações, o que desloca a função tradicional da casa como cenário e contribui para a configuração do insólito. Nesse contexto, a articulação entre espaço e memória constitui um elemento central para a construção da narrativa, uma vez que a casa, enquanto espaço de rememoração, estabelece vínculos entre diferentes temporalidades e preserva experiências que continuam inscritas em sua trajetória. Na análise do espaço, toma-se como referência o conto *Casa tomada*, de Julio Cortázar, considerando a centralidade assumida pela casa na organização da narrativa e na experiência das personagens. Embora, em ambas as obras, a casa ultrapasse a função de simples cenário e se constitua como elemento determinante na relação das personagens com o insólito, as narrativas apresentam diferentes formas de configuração desse espaço. Esse diálogo contribui para pensar o espaço em *A Casa* não apenas como ambiente físico, mas como elemento que participa da construção da narrativa. Para a discussão da memória, recorre-se a Ecléa Bosi (2006), cuja reflexão sobre a relação entre memória e experiência contribui para compreender a permanência das lembranças de diferentes gerações no espaço da casa. A partir dessa perspectiva, a memória permite a continuidade de experiências e acontecimentos ao longo do tempo, articulando diferentes personagens e momentos da narrativa. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de David Roas e Rosalba Campra para os estudos do insólito ficcional. Parte-se da compreensão de que a construção do insólito em *A Casa* está relacionada à maneira como acontecimentos que rompem com as expectativas de realidade estabelecidas pela narrativa e articulados às memórias preservadas pela casa. Assim, busca-se investigar de que maneira a constituição da casa como instância narradora e a permanência da memória de diferentes gerações contribuem para a configuração do insólito na obra. A análise, evidencia que a casa ultrapassa a função de espaço narrativo, constituindo-se como instância de memória que articula diferentes temporalidades e possibilita a permanência do insólito na narrativa.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Insólito ficcional; Memória; Sobrenatural; Natércia Campos.

O SADISMO FREYREANO EM ÚRSULA

Maria Carolina Morais (UFPE)

O objetivo deste trabalho é vincular a definição de Gilberto Freyre de sadismo, em Casa-Grande & Senzala (2002), dos senhores de engenho em relação a mulheres e escravizados à figura do vilão gótico, personagem central no gótico oitocentista e no intitulado gótico feminino". Segundo o autor, o senhor de engenho era "o verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal" (Freyre, 2002, p. 84). Tal definição nos levará a entender o peso da aristocracia açucareira e suas mãos de ferro sobre os desígnios da personagem Úrsula, do romance homônimo de Maria Firmina dos Reis (2018), e toda a rede de desgraças que ocorre a partir de sua relação com o Comendador Fernando P. É possível encontrar nesse grande vilão um espelhamento de nossos senhores de engenho, que mais tarde também seriam chamados "coronéis", cujas conexões aristocráticas são quase inatas. Proponho, assim, o cruzamento do vilão gótico aristocrata com o senhor do Nordeste açucareiro, região símbolo de um império colonial que, embora em declínio, ainda acumulava a força da tradição no presente, exercendo um poder estruturante da masculinidade e seu poderio econômico, político e cultural na colonização do Brasil. Já sabemos que um gênero como o gótico é capaz de tensionar a perda de poder numa sociedade aristocrática, católica, rural e escravocrata (cujo status era baseado na posse de terra e pessoas escravizadas), e de todo um sistema econômico que girava em torno da casa-grande, à medida que ela se tornava mais citadina e burguesa. A derrocada desse ciclo econômico de opulência, no entanto, não significa uma transição repentina, algo patente na força centenária da propriedade rural e sobretudo da figura do "coronel", quase onipresente numa infinidade de romances brasileiros localizados no Nordeste. Este trabalho utilizará o método da pesquisa bibliográfica, baseando-se em nossa fonte primária Úrsula, e nos textos críticos e teóricos de Daniel Serravale de Sá (2010), Júlio França (2016; 2017), Ana Paula Araújo dos Santos (2017), David Punter (1996), Fernando Monteiro de Barros (2014) e Gilberto Freyre (2002), de modo a apoiar a discussão que pretendemos abordar.

Palavras-chave: Gótico; Pater-familias; Sadismo; Casa-grande & Senzala; Úrsula

ENTRE O HOMEM E O MONSTRO: O FANTÁSTICO E O DUPLO EM “O SORRISO DO HOMEM MAL”, DE RAPHAEL MONTES

Maria Clara Nobre Abrantes (UFRN)
Henrique Eduardo de Souza (UFRN)

Este artigo tem como objetivo analisar o conto “O sorriso do homem mau”, de Raphael Montes, a partir das manifestações do gênero fantástico e da figura do duplo na narrativa. Busca-se identificar as características do fantástico presentes no conto, assim como estabelecer comparações com a novela “O médico e o monstro” de Robert Louis Stevenson e compreender como a duplicidade contribui para a construção dos personagens principais, seus conflitos de identidade e suas transformações ao longo da narrativa. Para tanto, fundamenta-se nos estudos de Tzvetan Todorov (2008), Eric S. Rabkin (2008) e H. P. Lovecraft (2007), no que concerne à literatura fantástica, e nos aportes teóricos de Remo Ceserani (2006) e Ana Maria Lisboa de Mello (2009), para a abordagem da figura do duplo. A análise pretende evidenciar como o fantástico e a duplicidade se articulam na narrativa de Montes, contribuindo para a representação dos conflitos de identidade e das diferentes dimensões da subjetividade humana.

Palavras - chave: fantástico; “o sorriso do homem mal”; duplo.

ESTRADA PARA CABRIL: O HORROR EM O DEFUNTO DE EÇA DE QUEIROZ

Maria Eduarda de Assis Santana (UFRN)
Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

Este artigo objetiva descrever como no conto O defunto, de Eça de Queirós, são elaborados os códigos típicos dos contos de horror, articulados a elementos característicos das histórias românticas e religiosas, bem como os efeitos produzidos por essa combinação na construção da narrativa. Para isso, foi realizada uma análise da obra a partir dos conceitos de fantástico discutidos por Camarani (2014), Ceserani (2006), Lovecraft (2007), Roas (2014) e Todorov (1975). A análise foi realizada a partir da edição de O defunto publicada em Os melhores contos fantásticos, organizada por Flávio Moreira da Costa (Queirós, 2006, p. 641-668). Desse modo, identificou-se que o texto apresenta o sentimento de hesitação proposto por Todorov (1975), usa quatro dos sistemas recorrentes do fantástico descritos por Ceserani, exibe, de maneira clara, o efeito de realidade e o efeito do fantástico expostos por Roas, e que todas essas dimensões juntas elaboram a atmosfera proposta por Lovecraft, compreendida por ele como crucial para a caracterização do texto fantástico. No entanto, diferentemente daquilo que se espera em textos desse gênero literário, o terror aqui não surge da figura monstruosa de outro mundo, mas sim das tramas humanas.

Palavras-chave: O defunto. Literatura fantástica. Conto de horror.

ENTRE PÁSSAROS AGOURENTOS E SERPENTES DO RIO: O FANTÁSTICO IRROMPENTE EM “ACAUÃ”, DE INGLÊS DE SOUSA

Maria Luiza De Souza Cunha (UFRN)
Henrique Eduardo de Sousa (UFRN)

O presente artigo se ocupa de analisar o conto “Acauã”, de Inglês de Sousa, às luzes de diferentes teorias da literatura fantástica, com o objetivo de identificar e discutir quais elementos do gênero fantástico marcam presença na constituição da narrativa, sejam formais, sejam temáticos. Para tal, adotamos uma perspectiva teórica-metodológica de base qualitativa e bibliográfica. Como procedimento, primeiramente, contextualizamos o enredo, para, em seguida, analisarmos passagens representativas em confrontamento com os aportes teóricos. Sendo assim, acerca dos conceitos fundadores do fantástico, adotamos como orientação de leitura Todorov (1981), Camarani (2014) e Paes (1985). No tocante à manipulação da linguagem pela literatura fantástica, utilizamos a perspectiva crítica de Roas (2014), além de Ceserani (2006) sobre os procedimentos narrativos e sistemas temáticos recorrentes no gênero. A partir da análise empreendida, constatamos que “Acauã” tende a escapar da classificação canônica do fantástico, especialmente, no que diz respeito à manutenção da ambiguidade. No entanto, estabelece aproximação com as concepções críticas contemporâneas ao se utilizar da “retórica do indizível” (Roas, 2014) e de diferentes procedimentos formais, como a presença de outra dimensão e a descrição do objeto mediador, e sistemas temáticos, a saber os elementos da noite e da chegada do ser estrangeiro (Ceserani, 2006).

Palavras-chave: Literatura fantástica; Conto; Acauã; Inglês de Sousa.

ESCREVER A FÚRIA E HABITAR A TERRA: CRÍTICA FEMINISTA E O INSÓLITO FICCIONAL EM “RASGO” DE MYLENA QUEIROZ

Marina Silva Nóbrega (UFAL)

Desde o conto “Menarca” (2024), Mylena Queiroz tem apresentado uma fúria em sua escritura literária. Em *Sangue de cabra* (2025), sua obra de estreia na ficção, finalista do Prêmio Mozart Pereira Soares 2026 e listada como um dos melhores livros de 2025 da revista *O Odisseu*, essa marca permanece. As narrativas encontram-se no território do fantástico e do insólito ficcional por constituírem um plano textual que especula sobre modos de reação em um mundo irreal ancorado na realidade tangível. O objetivo deste trabalho é escrutinar o insólito ficcional construído pela autora no *corpus* de análise, o conto “corte III – *Rasgo*”. A narrativa, a qual une saberes ancestrais relacionados à terra e à violência patrimonial, dialoga com a ativista Margarida Maria Alves, símbolo da luta pela igualdade de direitos para as mulheres do campo, eternizada pela fala: “*medo nós tem. Mas não usa*”. No conto em discussão, a protagonista, Dona Araci, é moradora de uma propriedade constantemente invadida por um latifundiário que se diz dono da terra, o Coisa-Feia. Ela é herdeira de uma ancestralidade que encara a natureza como fonte de cura e purificação; sua avó contava os pesadelos para as plantas para que eles se dissipassem. Dona Araci conta seus sonhos com o Coisa-Feia para sua família e espera que o pior aconteça. Desse modo, nossa abordagem teórica ancora-se na critica feminista e na teoria da narrativa concernente ao gênero conto e ao insólito: David Roas (2001), Rosemary Jackson (1981), Roxana Alvarez (2012), Ricardo Piglia (1999), Adrienne Rich (1972), Hélène Cixous (1975) e Izabel Brandão *et al* (2017). Nosso percurso metodológico é descritivo e interpretativo, pautado na seleção de trechos e suas marcas insólitas, para análise ancorada nas teorias escolhidas. O conto de Queiroz nos sugere a ideia de revisão (Rich, 1972), como um ato de olhar para trás e revisitar moldes obsoletos. A dona da propriedade é uma mulher de certa idade, dona de uma voz que denuncia e de um corpo que ocupa. Conclui-se que o insólito ficcional se consolida como território de resistência, de denúncia e de reescritura, no qual o medo não paralisa, mas impulsiona a especulação da realidade.

Palavras-chave: Insólito ficcional; Mylena Queiroz; Critica Feminista; Conto contemporâneo brasileiro.

O FANTÁSTICO, O MONSTRO E A SÍFILIS EM O BEBÊ DE TARLATANA ROSA, DE JOÃO DO RIO

Maxwell Braga de Paulo (UFC)
Camila Sâmia da Silva Souza (UFC)

Este trabalho analisa o conto O bebê de tarlatana rosa (1910), de João do Rio, investigando de que modo a narrativa mobiliza procedimentos do modo fantástico para construir a figura do monstruoso. O estudo tem como objetivo identificar os elementos narrativos que configuram o fantástico no conto, compreender a função da figura monstruosa na narrativa e discutir sua relação com os imaginários sociais da Belle Époque carioca. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se na análise literária do conto. Como principal referencial teórico para a leitura do fantástico, adotam-se os procedimentos narrativos sistematizados por Remo Ceserani (2006), especialmente a ambientação noturna, a irrupção progressiva do estranho, a construção de uma realidade inicialmente verossímil e a aparição do monstruoso como elemento desestabilizador da experiência cotidiana. A compreensão da monstruosidade apoia-se nas formulações de Jeffrey Jerome Cohen (2000), para quem o monstro constitui um corpo cultural que materializa medos, tensões e interditos históricos. Por fim, a interpretação da figura monstruosa é articulada às reflexões de Claude Quétel acerca da sífilis, doença que, na passagem do século XIX para o XX, esteve cercada por discursos que associavam o corpo sifilítico à degeneração, à deformidade e ao perigo. A análise evidencia que o fantástico na obra se organiza por uma construção gradual que culmina na revelação de um corpo monstruoso, cuja deformidade condensa as tensões relacionadas à doenças venéreas. Conclui-se que a figura do bebê funciona como manifestação do monstruoso em sentido coheniano, ao corporificar medos historicamente situados, enquanto os procedimentos narrativos do fantástico potencializam a ambiguidade e o impacto dessa representação, aproximando a narrativa de João do Rio das principais formulações teóricas sobre o fantástico moderno.

Palavras-chave: João do Rio; Fantástico; Monstruosidade; Remo Ceserani; Sífilis.

O SOBRENATURAL COMO RESISTÊNCIA MEMORIALÍSTICA NA CONTÍSTICA DE JAYME GRIZ

Myllena Silva Araujo (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

O presente trabalho estuda a articulação entre história, memória social e elementos do insólito ficcional na contística do escritor pernambucano Jayme Griz. A partir da representação do regime açucareiro do século XIX na Zona da Mata Sul de Pernambuco, examina-se como o autor mobiliza misticismo, lendas, ritos e narrativas orais para resgatar o sobrenatural no imaginário regional. Enquanto outros nomes do regionalismo nordestino, como José Lins do Rego, primaram por um realismo estrito, Gilberto Freyre salienta que a obra de Griz integra figuras fantasmáticas e míticas – como lobisomens, almas penadas e caiporas – para alicerçar a identidade cultural e a memória coletiva da região. A fundamentação teórica apoia-se nos estudos sobre memória e reminiscência em Aristóteles (1987), bem como nas discussões sobre mito e tradição oral em Vernant (1990) e sobre a memória cultural (ars e vis) em Assmann (2011). A metodologia adotada é dialética, centrada na análise textual do corpus e no mapeamento de suas instâncias sociais. Conclui-se que o componente fantástico e sobrenatural nos contos de Jayme Griz vai além de um adorno estético, é como uma força de resistência memorialística e de denúncia das desigualdades e mazelas vivenciadas por sujeitos marginalizados, tais como escravizados, trabalhadores rurais, retirantes e caçadores.

Palavras-chave: Jayme Griz; Literatura Fantástica; Memória Social; Zona da Mata Pernambucana.

IRRUPÇÃO FANTÁSTICA DO SOBRENATURAL NO SERTÃO: RASTROS E SINAIS DO CRONOTOPO DO HORROR/ASSOMBRAÇÃO EM MAR DE LUA, DE MÁRCIO BENJAMIN

Rafael Oliveira da Silva (UFRN)
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O presente trabalho se propõe a compreender a articulação do cronotopo do horror/aparição a partir do conto “Mar de Lua”, do autor potiguar Márcio Benjamin. O conto, que narra a aparição de um lobisomem em uma cidade do sertão nordestino, faz parte da coletânea Agouro, a qual reúne contos de horror baseados em narrativas supostamente reais. Para analisar o conto, partimos da compreensão do fantástico adotada por David Roas, uma irrupção do sobrenatural no cotidiano sem a qual este não pode existir, e nos ancoramos ainda no que Oscar Nestarez chama de fantástico com vistas ao arrepio, para tratar do horror. Optamos ainda por adotar uma perspectiva teórica, metodológica e analítica que se baseia nos postulados do Círculo de Bakhtin acerca do funcionamento da linguagem e, principalmente, tendo o conceito de cronotopo, compreendido como motor das ações de um enredo, como foco maior. Nesse sentido, objetiva-se aqui aplicar o que chamamos de cronotopo do horror/aparição como método de análise e compreensão discursiva do conto fantástico (ou de horror) de Márcio Benjamin. A pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, com ênfase nos estudos de práticas discursivas. Espera-se que os resultados nos apontem para um cronotopo pautado na repetição cíclica de uma cadeia de acontecimentos relacionadas ao encontro dos personagens com a aparição assombrosa do sertão.

Palavras-chave: Fantástico; Sertão; Cronotopo do horror; Márcio Benjamin.

ENTRE O MEDO E A CULPA: MATERNIDADE, VIOLÊNCIA E IMAGINÁRIO DO INFANTICÍDIO NO CONTO “CHORONA”, DE NATÉRCIA PONTES

Rodrigo de Freitas Faqueri (IFSP)

Este trabalho propõe uma análise do conto "Chorona", da escritora cearense Natércia Pontes, presente na coletânea O dia escuro (2024), sob a perspectiva da literatura fantástica e do horror psicológico. O corpus consiste na narrativa de uma mãe que, após o contato com a canção e a lenda mexicana de "La Llorona" durante um episódio de seu cotidiano, passa a ser assombrada por pensamentos obsessivos sobre o infanticídio e a culpa materna. Desse modo, o objetivo principal deste estudo é investigar como esta obra dialoga com a reatualização do mito tradicional mexicano para um cenário urbano, doméstico e contemporâneo, no qual a espectralidade se manifesta por meio desse “lado morto” da psiquê materna. O texto de Pontes articula referências culturais (a lenda de “La llorona”, a figura de Medeia e a personagem Maria Farrar, de Brecht), para construir uma reflexão sobre a violência materna, deslocando a ideia idealizada da maternidade para um campo de ambivalência e horror. Pautado centralmente no medo, a narrativa de Pontes recorre à construção imagética, por meio de recursos sensoriais e de elementos oníricos, a fim de materializar a angústia da protagonista. Nesse sentido, a partir da problematização da maternidade e de suas zonas de sombra no imaginário contemporâneo, a pesquisa se utiliza da análise literária com foco na intertextualidade e no conceito do inquietante (o Unheimlich), observando como o ambiente familiar é subvertido pelo horror. Assim, do ponto de vista teórico, a análise dialoga com os estudos sobre o insólito na literatura contemporânea, bem como com a reflexão acerca da maternidade e da violência simbólica, atrelando-se às discussões sobre o medo e o horror na literatura. Espera-se que este estudo comprove como o conto subverte a lógica causal tradicional do infanticídio, normalmente associada à vingança ou à loucura, ao relacioná-lo com a inquietante proximidade entre afeto e destruição. Com isso, entende-se que a narrativa evidencia a coexistência de dimensões contraditórias do sujeito, sugerindo que o horror não está apenas no ato consumado, mas na possibilidade latente que habita o humano.

Palavras-chave: Maternidade; Infanticídio; Insólito; Natércia Pontes; La Llorona.

O FANTÁSTICO EM ORAÇÃO PARA DESAPARECER, DE SOCORRO ACIOLI

Ruan Vitor Gomes de Queiroz Rosendo (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este trabalho visa analisar o romance Oração para desaparecer, de Socorro Acioli, calcado nos condicionantes teóricos propostos por Tzvetan Todorov, em Introdução à Literatura Fantástica, e Jaime Alazraki, em ¿Qué es lo neofantástico?. Para compreender as configurações do fantástico e suas reformulações na literatura contemporânea, adotamos como categoria analítica a naturalização do insólito, investigando de que modo a condição de Ressurrecta atribuída à protagonista Cida é assimilada como parte de uma tradição compartilhada entre os personagens, estabelecendo um diálogo entre o maravilhoso, formulada por Todorov, e a concepção de neofantástico desenvolvida por Alazraki. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada em fontes primárias e, a partir da abordagem dialética, na qual as inferências estéticas exigem apreender o texto literário em sua articulação entre forma, conteúdo e contexto, busca-se compreender como a memória, a identidade, o pertencimento e o sobrenatural estruturam a narrativa. Percebe-se que os acontecimentos extraordinários relacionados aos Ressurrectos integram o universo ficcional sem provocar, de modo predominante, a ruptura das crenças da comunidade, sendo compreendidos como parte de sua tradição e de seu imaginário coletivo. Ao mesmo tempo, o insólito não se reduz à aceitação do sobrenatural, mas constitui um recurso por meio do qual a narrativa problematiza questões ligadas à memória, à identidade e à condição humana representadas na diegese. Ao fim e ao cabo, conclui-se que Oração para desaparecer articula procedimentos do maravilhoso, ao naturalizar a presença dos Ressurrectos no universo narrativo, e do neofantástico, ao atribuir ao insólito uma função que ultrapassa o efeito do extraordinário, convertendo-o em instrumento de reflexão sobre a realidade.

Palavras-chave: Oração para Desaparecer; Literatura fantástica; Maravilhoso; Neofantástico; Socorro Acioli.

ENTRE A VOZ E O INSÓLITO: ORALIDADE E CONSTRUÇÃO DA INCERTEZA EM FOME, DE MÁRCIO BENJAMIN

Rute Cândido da Silva (UFRN)
Luiz Rodrigues da Silva (UFRN)
Derivaldo dos Santos (UFRN)

A literatura fantástica caracteriza-se pela instauração de uma hesitação diante de acontecimentos que desafiam os limites do real, fazendo da incerteza um elemento fundamental de sua construção narrativa. Em *Fome* (2016), de Márcio Benjamin, essa dimensão articula-se a uma escrita marcada pela presença de procedimentos associados à oralidade, que contribuem não apenas para a caracterização de personagens e espaços, mas também para a própria dinâmica da narração. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar de que modo os recursos de oralização da narrativa colaboram para a construção da incerteza diante do insólito em *Fome*. O corpus da pesquisa é constituído por trechos da narrativa nos quais se evidenciam interpelações, repetições, fragmentações, perguntas, expressões coloquiais e construções sintáticas próximas da fala. A abordagem teórica fundamenta-se nas contribuições de Tzvetan Todorov (1981) e David Roas (2014), acerca do fantástico e da hesitação, articuladas às reflexões de Paul Zumthor (2007), sobre voz, performance e recepção. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, orientada por uma análise analítico-interpretativa do corpus. Os resultados da análise evidenciam que procedimentos como a repetições e interpelações conferem à narrativa um ritmo próximo da performance oral e estabelecem uma relação de interlocução com o leitor. Estes recursos, por sua vez, também produzem instabilidade na voz narrativa, uma vez que o relato é constantemente interrompido, questionado e tensionado. Assim, a incerteza não se restringe à percepção das personagens diante dos acontecimentos inusitados, mas alcança a própria autoridade do relato. Conclui-se, portanto, que a oralidade, em *Fome*, ultrapassa a função de caracterização linguística e atua como elemento estruturante da narrativa fantástica, contribuindo para intensificar a hesitação, o estranhamento e a ambiguidade diante do insólito.

Palavras-chave: Oralidade; Fantástico; Insólito; Fome; Horror.

MORDAZES SEREIAS: MITO E TRANSGRESSÃO NAS POÉTICAS DE ORIDES FONTELA E TERÊZA TENÓRIO

Samara De Araújo Lins (UFPE)
George Henrique Soares de Menezes (UFPE)
Luan Fontes (UFPE)

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, objetiva realizar uma análise comparativa da figura da sereia nos poemas “As sereias”, de Orides Fontela, e “Marinha”, de Terêza Tenório, buscando investigar como essa personagem mítica participa da construção de uma dimensão fantástica nas obras. Partindo da compreensão da sereia enquanto ente híbrido e liminar, situado entre o humano, o animal e o sobrenatural, o estudo examina como sua presença instaura uma tensão entre realidade e imaginário, articulando-se ainda às representações do feminino, do corpo, do erotismo e da transgressão. Em “As sereias”, Fontela explora a ambiguidade da criatura mítica por meio de imagens relacionadas à atração, à traição, à fecundação e à sedução pela palavra, enquanto, em “Marinha”, Tenório estabelece uma identificação direta entre o eu lírico e a sereia, promovendo uma fusão entre corpo feminino, mar e fantasia. Com base nas contribuições de Tzvetan Todorov (1970) e David Roas (2011) acerca do fantástico, busca-se compreender de que modo a presença da figura mítica produz efeitos de fantasticidade nos poemas. A discussão é ampliada pelas contribuições de Gilbert Durand (1997) e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1998) acerca do imaginário e da dimensão simbólica da água e das figuras míticas, bem como pelas reflexões de Wellington de Melo (2017) sobre a presença do mito na poética de Terêza Tenório. Parte-se da hipótese de que a sereia, para além de uma personagem oriunda do imaginário mitológico, constitui um recurso de transgressão das fronteiras entre real e sobrenatural, corpo e natureza, humano e não humano, possibilitando diferentes formas de representação da experiência feminina. Desse modo, a pesquisa busca aproximar as poéticas de Orides Fontela e Terêza Tenório a partir da reelaboração da figura da sereia, iluminando aspectos cruciais para a reflexão sobre as relações entre mito, fantástico, imaginário e representação feminina na poesia brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Sereia; Feminino; Poesia contemporânea; Orides Fontela; Tereza Tenório.

ALÉM DO TRAUMA: A RESISTÊNCIA DAS MENINAS VIOLADAS EM “DENTADA”, DE MYLENA QUEIROZ

Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)
Letícia Damáris Alves Ferreira Gomes (UEPB)

Como a literatura contemporânea escrita por mulheres no campo do insólito ficcional apresenta a violência de gênero enquanto uma experiência traumática? Partimos dessa pergunta para analisar o conto “Dentada”, do livro Sangue de cabra (2025), da escritora pernambucana Mylena Queiroz. Questionamos de que maneira essa estética possibilita que haja um caminho de elaboração diante das violências sofridas, na medida em que ao lançar mão do insólito é possível dialogar com a linguagem fragmentada do trauma. Nessa perspectiva, o conto ao trazer como recorte os abusos sexuais sofridos por duas meninas também dialoga com questões da sociedade brasileira no que concerne à violência contra as mulheres e as possibilidades de resistência diante da opressão. O referencial teórico é interdisciplinar com nomes como: Simone de Beauvoir (1970) e Heileieth Saffioti (2015), dos estudos de gênero; Sigmund Freud (2016), na área da psicanálise, especificamente para discutir os conceitos de infamiliar e trauma, e Ana Lúcia Trevisan (2023) e Oscar Nestarez (2023) para refletir sobre insólito e horror. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativa, centrada na leitura detalhada do conto para identificar como através dos artifícios do insólito, da constante sensação de horror e das rupturas do real operam, analogamente, às rupturas subjetivas causadas pelo trauma. Os resultados parciais mostram os artifícios e efeitos do insólito entendidos como uma espécie de "arma de combate", possibilitando que as mulheres enquanto personagens, escritoras e leitoras saiam do lugar de subalternidade e se inscrevam enquanto sujeitos desejantes, elaborando seus traumas através de caminhos de resistência.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira; Escrita de mulheres; Insólito ficcional; Trauma; Mylena Queiroz.

MONSTRUOSIDADES MAQUÍNICAS: A CONTIGUIDADE HOMEM-MÁQUINA NO CONTO “EMBARGO”, DE SARAMAGO

Vanessa Fernandes Pontes Gonçalves (UFC)
Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)

Este trabalho analisa o conto “Embargo” (1978), de Saramago, como parte dos resultados do projeto de Iniciação Científica “O fantástico como instrumento de análise crítica: atração pelo mal e pelo horror”, pesquisa que tomou como corpus quatro contos brasileiros e quatro contos portugueses nos quais se pretendeu investigar os recursos estéticos e estilísticos comuns ao fantástico operados na estruturação dessas narrativas para engendrar certos efeitos e significados relativos ao medo, ao mal, ao horror e à monstruosidade. Nesse sentido, entendese que o relato fantástico constrói um mundo familiar ao leitor a partir de elementos da cotidianidade para, em seguida, provocar fraturas nas convenções coletivas de realidade, acionando mecanismos de desorientação e medo e revelando potencialidades em realçar os desatinos do cotidiano (Bessière, 2012; Ceserani, 2006). Partindo dessa abordagem, discute-se como Saramago mobiliza em “Embargo” estratégias do fantástico, elementos do cotidiano e referentes históricos para tecer uma trama que questiona a relação sujeito-objeto a partir da construção de uma insólita contiguidade homem-máquina, incitando o leitor a pensar sobre o processo de coisificação ao qual estão submetidos os humanos nas formas de vida capitalista. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico Bessière (2012), Ceserani (2006), Cohen (2000), Hamel (2021) e Siqueira (2018), na análise do texto, atentando-se para a manipulação de recursos desse modo narrativo, como a construção de uma espacialidade insólita, as descrições que conduzem ao fantástico e o uso do discurso indireto livre para envolvimento do leitor. Através de uma simbiose entre automóvel e seu condutor, o autor problematiza a relação homem – máquina, tensionando os limites do humano e do inumano. Da máquina, espera-se repetição e obediência aos comandos. Do sujeito, espera-se autonomia e ação deliberada. Quando a máquina se autonomiza e age por vontade, ela aparenta tornar-se sujeito; ao mesmo tempo, quando o humano se percebe entranhado como parte da engrenagem de uma máquina, sem autonomia e impossibilitado de agir por iniciativa própria, ele é colocado na condição de quase objeto, produzindo um híbrido monstruoso nessa contiguidade homem-máquina. Assim, o autor revela o processo de reificação nesse tipo de sociedade, partindo de uma cotidianidade, passando pela simbiose e culminando no aniquilamento. Portanto, Saramago se apropria de um objeto ordinário e o transforma, por meio do fantástico, de um dispositivo cotidiano em uma figura monstruosa no intuito de desvelar, através da relação homem-máquina, o processo de reificação que impera nessa sociedade retratada.

Palavras-chave: Fantástico; Monstruosidade; Contiguidade; Máquina; Reificação.

MORTOS QUE NÃO SE CALAM EM INCIDENTE EM ANTARES, DE ÉRICO VERÍSSIMO

Vinícius Silva de Araujo (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este trabalho analisa o romance Incidente em Antares (2023), de Érico Veríssimo, à luz das teorias propostas por Tzvetan Todorov (2004) e Jaime Alazraki (1990). Por meio de pesquisa bibliográca e do método dialético, investigamos como sete cadáveres, impedidos de serem sepultados por uma greve iniciada por operários, à qual os coveiros aderem, levantam-se e caminham pelas ruas da cidade de Antares, confrontando os vivos sobre suas mortes e expondo as hipocrisias da elite local em um contexto de instabilidade política brasileira. Dividida em duas partes, na primeira a narrativa apresenta a formação histórica e política da cidade, marcada pelas disputas entre as famílias Vacariano e Campolargo, e, na segunda parte, a ordem é rompida quando os mortos despertam da morte e buscam um modo de resolver suas pendências para, enm, serem enterrados. A leitura do romance parte da noção todoroviana de vacilação, compreendida como a hesitação que a personagem e o leitor vivenciam diante do acontecimento, ao terem de decidir se o que percebem pertence à ordem da realidade tal como correntemente entendida ou se exige a admissão de novas leis que a expliquem. Contudo, na obra de Veríssimo, a ordem dos acontecimentos não pretende criar uma simetria com a realidade cotidiana, e sim, nos apresenta, sem progressão natural e sem pathos, o incidente que encabeça a narrativa. O retorno dos mortos antes se congura como uma marca do neofantástico, indo ao encontro da teoria de Alazraki, que distingue o neofantástico a partir de três critérios: a visão, a intenção e o modus operandi. As narrativas sob esse gênero não pretendem surpreender ou aterrorizar o leitor, mas apresentar o insólito como uma abertura por onde se deixa entrever uma realidade outra, encoberta sob a superfície do cotidiano. Os cadáveres que se recusam a permanecer mortos, portanto, funcionam como metáforas epistemológicas, nos termos propostos pelo teórico, ou seja, como um modo alternativo de nomear aquilo que o discurso político e social ocial insiste em silenciar: as injustiças, os crimes e as hipocrisias soterrados pela ordem estabelecida. A obra articula, dessa forma, o insólito à sátira política, utilizando o neofantástico como recurso crítico e revelador. Conclui-se que Incidente em Antares realiza um deslocamento semelhante ao identicado por Alazraki na narrativa hispano-americana, no qual o fantástico do século XX se torna instrumento de leitura e denúncia da realidade social, política e econômica, neste caso, do Brasil, nas décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Antares; Cadáveres; Neofantástico; Política.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Simpósio Temático 2

Limiares entre o Gótico e o Fantástico e sua Expansão Multimídia

Coordenadores:

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (PPGLI/UEPB)

Ms. Aline Oliveira do Nascimento (PPGLI/UEPB)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

FRAGMENTOS E RUÍNA: CONCEPÇÕES DA BRICOLAGEM NA ADAPTAÇÃO A QUEDA DA CASA DE USHER

Aline Oliveira do Nascimento (Doutoranda/PPGLI/UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (PPGLI/UEPB)

A literatura de Edgar Allan Poe destaca-se pela construção de narrativas marcadas por temáticas que permeiam o gótico, o horror e o sobrenatural. Nesse contexto, a minissérie *A queda da casa de Usher* (2023), dirigida por Mike Flanagan, estabelece um diálogo direto com diferentes obras do autor a partir da adaptação e da bricolagem. Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar como a minissérie *A queda da casa de Usher* (2023) utiliza fragmentos da literatura de Poe para construir sua narrativa, elaborando, assim, um mosaico de referências. Nesse sentido, partese da concepção de que a minissérie recorre a elementos provenientes de contos e poemas de Poe para a construção de uma nova narrativa, na qual são exploradas temáticas recorrentes na produção de Poe, como a morte, o sombrio, o sobrenatural e as maldições familiares. Nessa perspectiva, destacamos a utilização da bricolagem no processo adaptativo, por meio da criação de algo novo a partir de recursos disponíveis e limitados, apropriando-se de elementos preexistentes e atribuindo-lhes novos sentidos para a produção de uma obra autônoma. Para o desenvolvimento do estudo, adotou-se uma metodologia de natureza básica, fundamentada em pesquisa bibliográfica e exploratória. Como aporte teórico, utilizamos as contribuições de Linda Hutcheon (2011) e Irina Rajewsky (2012), que discutem, respectivamente, os processos de adaptação e as relações estabelecidas entre diferentes mídias; bem como as concepções de bricolagem desenvolvidas por Claude Lévi-Strauss (1962), Annette N. Markham (2018) e Mark Deuze (2006), autores que permitem compreender a trajetória do conceito, inicialmente associado aos estudos antropológicos, e sua posterior articulação com as mídias e com as produções audiovisuais contemporâneas. Observa-se que a adaptação de elementos da literatura de Poe é incorporada à minissérie por meio da representação da decadência e da desconstrução da família Usher, a queda literal e simbólica da residência familiar, das superstições relacionadas à ideia de maldição e da presença, supostamente, de uma figura sobrenatural que acompanha e persegue os membros da família. Esses elementos são articulados em uma ambientação melancólica e sombria, o que contribui para a inserção da obra de Poe em um contexto narrativo audiovisual contemporâneo.

Palavras-chave: Bricolagem; Adaptação; A queda da casa de Usher.

ENTRE O MISTÉRIO E A LOUCURA: O MEDO E O SOBRENATURAL NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES FEMININAS EM A COLINA ESCARLATE (2015)

Alyne Maria da Silva Melo (UFPB)
Rita de Cássia Fernandes Monteiro (UFPB)

De acordo com a psicanalista Ingrid Gerolimich (2024), as relações entre as mulheres estabelecem um ato revolucionário diante de uma cultura que historicamente estimulou a rivalidade feminina como instrumento de controle. No contexto vitoriano, essas relações assumiam formas diversas, entre amizades, companheirismos e confidências, constituindo espaços nos quais as mulheres podiam estabelecer vínculos e comportamentos que escapavam, em certa medida, às normas de reputação impostas pela sociedade. Como observa Sharon Marcus (2007), as mulheres podiam se comportar umas com as outras de formas que eram proibidas com os homens, sem comprometer a "respeitabilidade" tão valorizada pela classe-média. Esses vínculos, portanto, podem ser compreendidos não apenas como experiências afetivas, mas também como espaços atravessados por tensões sociais e culturais. É nesses entrelaços de relações femininas e imaginário gótico que se insere o filme *A Colina Escarlate* (2015), dirigido por Guillermo del Toro e ambientado na Inglaterra vitoriana. Nele, acompanhamos Edith Cushing e Lucille Sharpe, personagens cujas trajetórias são atravessadas pelo medo, pela violência, pela loucura, pelo desejo e pelo sobrenatural. Desde a infância, Edith é assombrada por aparições fantasmagóricas de sua mãe, enquanto, em *Allerdale Hall*, passa a conviver com os fantasmas das antigas esposas de seu marido. Lucille, por sua vez, encontra-se aprisionada a uma relação de obsessão e violência com o irmão, Sir Thomas, vínculo que determina suas ações e reações às demais mulheres que atravessam sua vida. Nesse sentido, o sobrenatural não constitui apenas um elemento de ambientação, mas atua como mecanismo de construção das subjetividades e das relações entre as personagens. O medo, os fantasmas e o espaço de Allerdale Hall funcionam como elementos que materializam conflitos psicológicos e afetivos, estabelecendo um limiar entre aquilo que é racional e aquilo que escapa à explicação. Além disso, conforme a perspectiva de Anelise Reich Corseul (2009), a produção de del Toro mobiliza procedimentos de intertextualidade ao incorporar diferentes manifestações artísticas, como a pintura, a arquitetura e a escultura, construindo uma narrativa marcada pela multiplicidade de sentidos e pela expansão do imaginário. Nesse mosaico de adaptações cinematográficas, a pesquisa tem como objetivo analisar como *A Colina Escarlate* (2015) constrói

as relações femininas, investigando de que maneira o medo, o sobrenatural e a fantasmagoria participam da constituição das personagens Edith e Lucille e das tensões estabelecidas entre elas e as demais figuras femininas da narrativa. Diante desse recorte, recorremos a uma metodologia de caráter analítico-bibliográfico com aporte nos postulados de Hutcheon (2013), Stam (2006), Creed (1993), Young (2015) Botting (2014), entre outros autores, considerando, na análise, elementos narrativos, visuais e simbólicos da obra, tais como a construção das personagens, o espaço gótico, a presença dos fantasmas, a representação do medo e a composição visual.

Palavras-chave: Relações Femininas; Sobrenatural; A Colina Escarlate; Guillermo del Toro.

NOS LIMIARES DA ABJEÇÃO: HORROR E INSÓLITO EM OLHOS NEGROS DE MARIANA ENRIQUEZ

Ana Caroline Silva Braz (UNINTER)

A literatura contemporânea da América Latina vem utilizando o horror e o insólito como lentes para expor questões sociais do cotidiano, como a miséria e a vulnerabilidade social. Nesse contexto, este trabalho analisa o conto Olhos Negros do livro Um lugar ensolarado para gente sombria (2026), de Mariana Enriquez, que narra a rotina de voluntários de uma ONG que trabalham na assistência a pessoas em situação de rua em Buenos Aires e acabam se deparando com a aparição de duas crianças com traços monstruosos. O objetivo principal é analisar como a irrupção do sobrenatural desestabiliza as fronteiras do "eu", da identidade e do corpo no espaço de vulnerabilidade social. A abordagem teórica é respaldada no conceito de abjeção formulado por Julia Kristeva em *Powers of Horror* (1982). Para Kristeva, abjeção refere-se àquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem, trata-se do elemento liminar que está situado no entre-lugar do interior e do exterior do sujeito, ameaçando fronteiras ao provocar repulsa, náusea e dissolução do "eu". A metodologia utilizada tem abordagem qualitativa, com base na análise textual e na crítica literária. Ao analisar Olhos Negros, nota-se que o conceito de abjeção de Kristeva dialoga com o conto em dois pontos: na representação dos corpos marginalizados e vulneráveis aos dejetos e à violência urbana e na figura das crianças de olhos negros e traços animalescos. Ao mesclar os limites entre o humano e o inumano, o vivo e o morto, esses seres assumem uma dimensão abjeta, tornando-se uma ameaça que exige sua expulsão para a preservação do sujeito. Enquanto a protagonista rejeita, de forma instintiva, a aproximação dos seres para proteger as fronteiras que separam o familiar do ameaçador, Flora, ao permitir sua entrada, representa uma outra relação com aquilo que desestabiliza essas fronteiras. Conclui-se que a abjeção é uma chave de leitura para compreender como Mariana Enriquez articula o horror, a vulnerabilidade social e a transgressão de fronteiras. Ao transformar os cenários marcados pela marginalização social da Argentina em espaços de horror, a autora constrói uma narrativa situada no limiar entre o cotidiano e o insólito, fazendo da fragilidade das fronteiras humanas um dos principais mecanismos de produção do efeito do medo.

Palavras-chaves: Abjeção; Horror; Insólito; Mariana Enriquez; Literatura latino-americana.

ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: A EXPERIÊNCIA ESPECTRAL EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”

Anaíza Durval da Silva (UFPB)

O presente trabalho propõe uma leitura de “O Morro dos Ventos Uivantes” (1847), de Emily Brontë, a partir da articulação entre as categorias do gótico e do fantástico, com atenção particular à experiência espectral associada à figura de Catherine Earnshaw. Parte-se da compreensão de que o romance mobiliza elementos recorrentes da tradição gótica, como a paisagem desolada, o espaço doméstico ameaçador, a paixão transgressora, a perda e a permanência do passado. Nesse sentido, objetiva-se investigar de que modo a presença espectral de Catherine contribui para a construção de uma zona de tensão entre real e sobrenatural, considerando os efeitos dessa ambiguidade sobre personagens e leitor. A abordagem fundamenta-se, sobretudo, nas reflexões de Fred Botting (2014) acerca da configuração do gótico e de suas relações com o excesso, a transgressão e o retorno de elementos perturbadores ao espaço doméstico, articuladas às formulações de Tzvetan Todorov (1980) e David Roas (2014) acerca do fantástico, especialmente no que concerne à instabilidade produzida diante de acontecimentos que desafiam os parâmetros de realidade. Metodologicamente, desenvolve-se uma análise qualitativa e interpretativo-analítica de episódios do romance relacionados à morte de Catherine, à sua possível aparição e às experiências de Lockwood e Heathcliff diante do espectral. A análise indica que a dimensão gótica do romance não se restringe à composição atmosférica ou espacial, mas se intensifica quando o passado retorna e interfere no presente, tornando instáveis as fronteiras entre real e sobrenatural, vida e morte, experiência objetiva e percepção subjetiva. Conclui-se, preliminarmente, que a força do insólito em “O Morro dos Ventos Uivantes” reside na permanência da possibilidade do sobrenatural, fazendo da experiência espectral um mecanismo de tensão dos limites do real e aproximando o romance de uma zona de contato entre o gótico e o fantástico.

Palavras-chave: Gótico; Fantástico; Emily Brontë; Espectralidade.

QUE DOCE MÚSICA ELES FAZEM: A IMPORTÂNCIA DA TRILHA-SONORA NOS FILMES DE VAMPIRO

André Luiz de Lima Conserva (PPGL/UFPB)
Maria Amanda Ramos Barreto (PPGL/UFPB)

Entendendo que no cinema as diversas representações do vampiro transcenderam suas origens literárias e se fixaram no imaginário popular sobretudo devido às novas possibilidades trazidas pela combinação de imagem e som, o presente trabalho tem como objetivo analisar o uso da música presente em trilhas-sonoras de filmes de vampiro, considerando sua crescente importância como elemento de construção estética, recurso narrativo e mobilização de respostas afetivas do espectador. Para tanto, o corpus é constituído por recortes de cenas dos filmes *Fome de Viver* (*The Hunger*, 1983), *Os Garotos Perdidos* (*The Lost Boys*, 1987), *Um Drink no Inferno* (*From Dusk Till Dawn*, 1996) e *Abigail* (2024). A escolha do corpus parte da percepção de que a incorporação de músicas populares, particularmente do rock, ampliou as possibilidades expressivas do cinema de horror, aproximando suas convenções de linguagens musicais e de novos modos de representação, fazendo o vampiro deslocar-se de sua configuração tradicional, associada à figura aristocrática e vitoriana, para uma presença urbana, marcada por elementos visuais e musicais compartilhados com a subcultura gótica. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de Rodrigo Carreiro, em *Cinema de Horror: uma introdução* (2025) e *A linguagem do cinema: uma introdução* (2021), Annabel J. Cohen, em *Film Music from the Perspective of Cognitive Science* (2014), Andrei Tarkovski, em *Esculpir o tempo* (1998), e Emílio Ribeiro, em *Gótico e seus monstros: a literatura e o cinema de horror* (2021).

Palavra-chave: Vampiro; Trilha-sonora; Cinema.

NOSFERATU (1922–2024): UMA ANÁLISE DA REELABORAÇÃO CINEMATOGRÁFICA POR MEIO DO REMAKE

Danilo Barbosa Alves (UEPB)
Rayllary Bernardino de Lima (UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

Lançado em 1922 e dirigido por Friedrich Wilhelm Murnau, *Nosferatu: Uma Sinfonia do Horror* consolidou-se como um marco do Expressionismo Alemão e da história do cinema de horror. Inspirado no romance *Drácula* (1897), de Bram Stoker, o filme estabeleceu uma estética marcada pelo uso expressivo da luz, das sombras e das deformações visuais, influenciando a representação do vampiro no cinema. Mais de um século depois, Robert Eggers retoma essa obra em *Nosferatu* (2024), propondo um *remake* que preserva aspectos fundamentais da narrativa original, ao mesmo tempo em que os ressignifica a partir de uma abordagem estética e narrativa contemporânea. Este trabalho, de abordagem qualitativa, natureza bibliográfica e analítica, realiza uma análise comparativa entre as duas produções com o objetivo de investigar como o *remake* reelabora o clássico de Murnau. Para isso, examina permanências, ressignificações e transformações dos elementos narrativos, estéticos, visuais e simbólicos, compreendendo o *remake* como uma prática de recriação cinematográfica que estabelece um diálogo entre a obra original e seu novo contexto histórico, social e cultural. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Constantine Verevis, Thomas Leitch e Linda Hutcheon, que compreendem o *remake* e a adaptação como processos de reinterpretação e atualização de obras preexistentes. Complementam esse referencial as contribuições de Christian Metz, sobre a linguagem cinematográfica. Busca-se, assim, compreender como *Nosferatu* (2024) preserva elementos centrais do filme de 1922 ao mesmo tempo em que os ressignifica, evidenciando o remake como um espaço de recriação, atualização e permanência cinematográfica.

Palavras-chave: Remake cinematográfico; Nosferatu; Expressionismo Alemão; Reelaboração fílmica..

A ALDEIA DO MEDO: FOLK HORROR, ISOLAMENTO E O DEMONÍACO EM O VILAREJO, DE RAPHAEL MONTES, E A VILA, DE M. NIGHT SHYAMALAN

Deoclécio Freire de Macêdo Júnior (UESPI)

Este artigo examina a aproximação entre a novela O Vilarejo (2015), do escritor brasileiro Raphael Montes, e o filme A Vila (2004), dirigido por M. Night Shyamalan, tomando como eixo de leitura o subgênero *folk horror*. Partindo da hipótese de que as obras, apesar de pertencerem a sistemas semióticos distintos (a literatura e o cinema) e a contextos culturais diversos, compartilham uma mesma matriz estética e temática. O estudo investiga de que modo o isolamento geográfico, a ambientação rural, os rituais de sacrifício, a tensão entre o arcaico e o moderno e determinados recursos visuais e gráficos aproximam as duas narrativas do universo do *folk horror*. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, apoia-se em autores como Adam Scovell (2017), Dawn Keetley (2020), Andrey Lehnemann (2024), Fabio Uchôa e Laura Cánepa (2023), além de referenciais sobre o demoníaco e os espaços de medo, como Luther Link (1998), George Minois (2023), Yi-Fu Tuan (2005) e H. P. Lovecraft (1927). Os resultados indicam que, embora operem por estratégias distintas – o filme pela sugestão discursiva e pela pedagogia do medo, a novela pela violência explícita e pela hierarquia demonológica –, ambas as obras convergem na representação de comunidades fechadas, regidas por crenças coletivas, cuja tentativa de isolar-se do mundo exterior não impede, mas antes intensifica, o retorno do mal em sua forma mais humana.

Palavras-chave: Folk horror. O Vilarejo. A Vila. Demoníaco. Literatura comparada.

II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

A CONSTRUÇÃO DA ESPACIALIDADE FANTÁSTICA NA SÉRIE TELEVISIVA FROM

Eduardo Gonçalves de Carvalho (UERN)
Francisco Edson Gonçalves Leite (UERN)

Neste início do século XXI, tem recebido notória relevância produções televisivas que exploram as experiências com o horror, o medo e o insólito, elementos consagrados na tradição fantástica. Sob essa ótica, considerando a tradução desses e outros elementos para o audiovisual, este trabalho tem como objetivo geral analisar a construção da espacialidade fantástica na série televisiva estadunidense *From* (2022-). Para esse intento, fundamentamonos nos estudos do modo fantástico (Campra, 2008; Ceserani, 2006; Gama-Khalil, 2025; García, 2013; Roas, 2011); da relação do fantástico com o cinema (Bessière, 2018; Roas, 2014); além de teorias sobre o espaço como elemento narrativo (Borges Filho, 2007; Brandão, 2005; Gama-Khalil, 2010) e sobre as especificidades da composição da linguagem cinematográfica (Aumont et al., 1995; Bordwell, Thompson, 2013; Xavier, 2003). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa crítica e interpretativa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa. O *corpus* deste trabalho é composto pelas quatro temporadas da série *From* lançadas até o momento da elaboração do presente trabalho. Entretanto, o foco analítico na construção da espacialidade fantástica e a seleção de passagens significativas da série para a compreensão aqui pretendida operam a delimitação necessária para um estudo desta natureza. Quanto aos resultados, verificamos que o insólito é inserido na série a partir do momento em que, durante viagens, indivíduos de diferentes lugares encontram troncos de árvores e corvos que os obrigam a mudar para uma rota em que, inexplicavelmente, são levados para uma cidade aparentemente abandonada nos anos 1950-1960, desconhecida geograficamente, de onde é quase impossível sair e onde seres estranhos atacam durante a noite. Nesse cenário, o espaço interno da casa e a presença do amuleto mágico no recinto é a opção segura para os sujeitos em oposição ao perigo representado pelo mundo exterior. Além disso, a cidade dos tormentos noturnos aparece como uma alternativa “mais segura” em relação à floresta, lugar onde os pesadelos das personagens ganham vida. Portanto, o espaço, enquanto elemento agregador de experiências com o fantástico, é fundamental para a elaboração do insólito na série. Ele promove a desestabilização das personagens mediante a ruptura com a realidade conhecida, ocasionando o aprisionamento, a insegurança e o sentimento de medo nos seres ficcionais, atributos típicos do modo fantástico.

Palavras-chave: Fantástico; Espaço; Série televisiva; From.

“NÃO SEI QUEM O CHAMOU PARA DENTRO DE CASA”: O MONSTRO COMO SIGNO DAS FRONTEIRAS EM VAMPIRO, DE CRISTHIANO AGUIAR

Francyelle Loiola Ramos (PPGLI/UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (PPGLI/UEPB)

A literatura insólita é, por natureza, um questionamento de limites — sejam estes literários, morais, ou até mesmo da própria noção de realidade. Não por acaso, os monstros se configuram como tropos bem estabelecidos e recorrentes nesse campo literário, sendo figuras desestabilizadoras que encarnam os medos, tabus e ansiedades de determinados contextos socioculturais. O vampiro, em específico, tornou-se um símbolo atemporal da tradição gótica, que, embora tenha passado por diversas transformações e interpretações ao longo dos séculos e dos continentes, ainda conserva sua natureza parasitária e essência híbrida, repleta de ambiguidades e contradições: simultaneamente morto e vivo, temível e sedutor, monstruoso e quase humano — provocando, assim, seja no leitor ou nas personagens, uma tensão entre semelhança e alteridade. O presente trabalho se propõe a analisar a construção do monstro gótico a partir da ótica da narradora-personagem do conto *Vampiro*, de Cristhiano Aguiar (2022), bem como as tensões morais e psicológicas que este provoca nela, apesar da ausência de contato e interação direta entre eles. Posto isto, nos valemos, para além das bases teóricas de Botting (1996) e Roas (2014) sobre, respectivamente, as literaturas gótica e fantástica; das teses sobre monstruosidade postuladas por Cohen (1996) e da leitura sobre a teoria do duplo realizada por França (2009). Em nossa análise da obra, observamos que o vampiro que lhe dá título sequer aparece, de forma explícita, no desenrolar do enredo, agindo como um espectro que “assombra” a região — uma zona rural ligada à uma cidade fictícia localizada na serra da Borborema — e se mantém vivo através da tradição oral dos moradores, por vezes se misturando aos contos locais. Contudo, mais do que uma “lenda” que evoca medo, o vampiro também serve como espelho que reflete e revela, para além da cultura e história da região, os tabus e ímpetos mais obscuros da protagonista, dissolvendo, assim, os limites previamente estabelecidos na narrativa entre o bem e o mal, o eu e o outro.

Palavras-chave: Literatura insólita; Gótico; Monstruosidade; Vampiro; Duplo literário.

ENTRE QUADROS E SOMBRAS: LEITURA INTERMIDIÁTICA DE PRISIONEIRO DO PLANETA INFERNO, EM MAUS, À LUZ DO EXPRESSIONISMO ALEMÃO

Gabriel Caetano Matias (UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

Esta pesquisa analisa Prisioneiro do Planeta Inferno, narrativa inserida na *graphic* novel *Maus* (1986), de Art Spiegelman, tomando como corpus as sequências que rompem com a linguagem visual predominante da obra para adotar uma estética marcada por contrastes de claro e escuro, sombras projetadas, deformações caricaturais e enquadramentos opressivos. O objetivo consiste em compreender de que maneira esses recursos gráficos dialogam com os procedimentos estéticos do Expressionismo Alemão cinematográfico, investigando como quadrinhos e cinema recorrem a estratégias intermidiáticas para construir sensações de inquietação, claustrofobia e horror psicológico, evidenciando o papel da forma visual na elaboração do discurso traumático. Como aporte teórico, adota-se o conceito de referência intermidiática de Irina O. Rajewsky, articulado aos estudos de Lotte Eisner e Siegfried Kracauer sobre a estética expressionista, às reflexões de Scott McCloud e Will Eisner acerca da linguagem dos quadrinhos e ao conceito freudiano de *Das Unheimliche*, fundamental para compreender os efeitos de estranhamento produzidos pela familiaridade deformada das figuras humanas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analíticocomparativo. A análise compara as sequências de *Prisioneiro do Planeta Inferno* com trechos de filmes representativos do Expressionismo Alemão, como *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), *O Golem* (1920) e *Nosferatu* (1922), considerando aspectos formais como composição dos enquadramentos, iluminação dramática, distorções corporais e arquitetura cênica. Os resultados indicam que Spiegelman estabelece um diálogo intermidiático consciente com a estética expressionista, apropriando-se de recursos visuais análogos para produzir uma experiência sensorial de horror que transcende a representação documental do Holocausto. Conclui-se que a inserção de *Prisioneiro do Planeta Inferno* em *Maus* constitui uma chave de leitura estilística capaz de potencializar as dimensões do luto, da memória traumática e da crítica social, reafirmando a linguagem visual como elemento narrativo central na produção de sentidos.

Palavras-chave: Intermidialidade; Expressionismo alemão; Maus; Horror psicológico; Histórias em quadrinhos.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

O HORROR EM A COLHEITA MALDITA (1984): UMA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DO CONTO AS CRIANÇAS DO MILHARAL (1977), DE STEPHEN KING

Gabriella Lima Lopes (UFPB)
Maria Amanda Ramos Barreto (UFPB)
Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a adaptação cinematográfica do conto literário *As Crianças do Milharal* (1977), de Stephen King, que deu origem ao filme *A Colheita Maldita* (1984), dirigido por Fritz Kiersch. A análise aborda as alterações narrativas e estilísticas realizadas no processo de adaptação, destacando os elementos que contribuem para o efeito de horror no espectador. Utilizando como aporte teórico as contribuições de Linda Hutcheon (2013), Robert Stam (2006) e Xavier Aldana Reyes (2016), o estudo explora como as especificidades do meio audiovisual influenciam a recriação da narrativa literária. Além disso, discutimos aspectos referentes à fidelidade ao texto original, as escolhas de roteiro, os recursos de linguagem cinematográfica, bem como as implicações das mudanças no perfil das personagens e na própria estrutura do enredo. Por fim, concluímos que o filme dialoga com o gênero de horror e reflete o contexto cultural e estético da época em que foi produzido, reforçando a ideia de que as adaptações devem ser avaliadas como obras autônomas.

Palavras-chave: Adaptação cinematográfica; As crianças do milharal; Stephen King; Horror.

O FANTASMA DE TWIN PEAKS: LAURA PALMER E A ESPECTRALIDADE DO FEMININO

Gabrielly Leite Moura (PPGLI/UEPB)

Este trabalho investiga a permanência e a renovação do imaginário gótico na televisão contemporânea a partir da série Twin Peaks, criada por David Lynch e Mark Frost. A análise parte da compreensão do gótico como um modo narrativo caracterizado pela presença do espectral, do trauma, dos segredos familiares, das identidades fragmentadas e do retorno do reprimido. Nesse sentido, demonstra-se como a série mobiliza elementos clássicos da tradição gótica — como casas assombradas, duplos, possessões, atmosferas inquietantes e manifestações sobrenaturais — para construir uma narrativa marcada pelo horror, pela instabilidade da realidade e pela persistência do passado sobre o presente. Dentro desse universo, a pesquisa examina a construção de Laura Palmer como uma das figuras mais emblemáticas do gótico contemporâneo. Embora sua morte anteceda os acontecimentos centrais da trama, sua presença espectral permanece estruturando os mistérios, os conflitos e as inquietações que atravessam a narrativa. Mais do que uma vítima, Laura configura-se como uma figura liminar, situada entre a inocência e a monstruosidade, entre o humano e o sobrenatural, tornando-se o centro de uma rede de fantasmas, segredos e traumas coletivos. A discussão fundamenta-se na teoria da abjeção proposta por Julia Kristeva em Powers of Horror (1982), que compreende o horror como resultado da ruptura das fronteiras que sustentam a identidade e a ordem social. Também dialoga com o conceito de monstruosidade feminina desenvolvido por Barbara Creed em The Monstrous Feminine (2007), evidenciando como Laura encarna simultaneamente os papéis de anjo idealizado e de figura ameaçadora. Dessa forma, a personagem revela tensões relacionadas ao gênero, à sexualidade e ao poder, ao mesmo tempo em que materializa a dimensão espectral que caracteriza grande parte da tradição gótica. Conclui-se que Laura Palmer constitui uma atualização significativa de arquétipos femininos do gótico, evidenciando como o gênero continua a oferecer um espaço privilegiado para a problematização do feminino, da memória traumática e das manifestações do espectral na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Gótico contemporâneo; Twin Peaks; espectralidade; abjeção; monstruosidade feminina.

"AND KINDNESS IS ETERNALLY DIFFICULT": O HERÓI BYRONIANO E SUAS ARTICULAÇÕES COM O QUEER EM INTERVIEW WITH THE VAMPIRE

Giovane Alves de Souza (UEPB)

Desde sua publicação em 1976, *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice, cativou muitos leitores não só nos Estados Unidos, mas também em todo o mundo. O romance gótico de Rice conta a história de um vampiro chamado Louis, que compartilha sua vida e experiências por meio de uma entrevista conduzida por um jornalista. Temas como imortalidade, solidão, moralidade e a busca por significado na existência eterna são explorados ao longo da narrativa. Louis relata sua transformação em vampiro, seus conflitos internos e seus relacionamentos com outros vampiros, especialmente o enigmático Lestat. Entre as adaptações da obra, destacam-se o filme de 1994 e a série televisiva iniciada em 2022. Neste trabalho, investigo como a adaptação seriada recente radicaliza as dimensões *queer* presentes no romance ao tornar explícitas as tensões homoafetivas anteriormente representadas de maneira mais elíptica. Argumento que essa reformulação também reconfigura a figura do herói byroniano, articulando-a à subjetividade queer e à experiência vampírica. Assim, a série desloca o vampiro do campo da monstruosidade metafórica para uma representação mais direta do desejo, da marginalidade e da dissidência sexual, produzindo novas camadas de significação para a narrativa gótica contemporânea.

Palavras-chave: Interview with the Vampire; Gótico; Queer.

VAMPIROS EM JOGO, ROLEI 1 NOS DADOS: EM VAMPIRO A MÁSCARA E EM VAMPIRO O RÉQUIEM TAMBÉM

Haroudo Satiro Xavier Filho (UFPB)
Maria Amanda Ramos Barreto (UFPB)

O presente trabalho trata-se de uma análise comparativa das transformações da figura do vampiro nos jogos de interpretação de papéis (Role-Playing Games – RPG) Vampiro: A Máscara (1994) e Vampiro: O Réquiem (2005), cujo corpus conciste nos respectivos livros de regras básicas. A pesquisa tem como objetivo investigar de que maneira a reconfiguração da figura do vampiro entre essas obras reflete as mudanças do zeitgeist de suas respectivas épocas, evidenciadas tanto na construção estética quanto na concepção do horror e nas propostas narrativas que estruturam a experiência de jogo. Nesse processo, observa-se a passagem de um modelo de horror político, histórico e marcado por estruturas sociais rígidas para um horror de caráter eminentemente pessoal, centrado na fragmentação da identidade, na ruptura da máscara social e na experiência do isolamento. A pesquisa fundamenta-se nos estudos do fantástico de Todorov (2017) e Roas (2014), para a compreensão do insólito e da subversão do real, bem como na teoria da adaptação de Hutcheon (2006), considerando o Vampiro: O Réquiem como uma reinterpretação dos tropos narrativos consolidados por Vampiro: A Máscara. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem comparativa de caráter dialético, articulada à análise da adaptação semiótica de elementos narrativos e não narrativos, contemplando aspectos como a configuração do cenário, os sistemas de criação de personagens e as mecânicas de jogo que modelam a representação do vampiro em cada sistema. Os resultados indicam que, enquanto Vampiro: A Máscara estrutura sua narrativa a partir de linhagens hereditárias e da metanarrativa da Gehenna, Vampiro: O Réquiem reorganiza esses elementos em torno de seitas de natureza ideológica e de uma configuração narrativa voltada à intensificação da alienação e da subjetividade da personagem vampírica. Conclui-se que a transição entre os sistemas demonstra uma adaptação que desloca a figura do vampiro de uma concentração narrativa em aspectos político-social cristalizados, para a subjetividade e fluidez ideológica, transformando o monstro em uma ferramenta de exploração das crises de identidade contemporâneas do começo do século 21.

Palavras-chave: Vampiro; RPG; Insólito; Fantástico; Adaptação.

A MAIS-VALIA DO MEDO: O HORROR ECONÔMICO COMO MOTOR DO RPG RED MARKETS

Haroudo Satiro Xavier Filho (UFPB)
Candida Vieira Barbosa (FIAP)

O presente trabalho analisa o RPG Red Markets: A Game of Economic Horror (2017), de Caleb Stokes, sob a ótica do materialismo histórico. A obra propõe uma ruptura com as fantasias de poder tradicionais, focando na escassez material e na brutalidade da sobrevivência sob o capital, onde a luta de classes e a exploração são representadas organicamente através de relação de trabalho brutalizada por condições que ameaçam a sobrevivência das personagens e suas famílias. O objetivo é investigar como o jogo sustenta sua proposta de "horror econômico" através de estruturas sistêmicas: tanto em mecânica (sistema de barganha, operacionalização de habilidades), como na forma como a sua narrativa conduz a essa realização da sua promessa original de horror (a narrativa é estruturada e em um desses momentos existem "vinhetas", cenas em que as personagens convivem com seus familiares, o que lhes dá peso emocional e lembra a eles suas responsabilidades). A fundamentação teórica baseia-se na teoria do Valor-Trabalho de Marx (1867), no conceito de Realismo Capitalista de Fisher (2009) e na análise de Reitz (2022) sobre a zumbificação como metáfora em economia, se enquadra perfeitamente com nosso corpus. A metodologia empregada é a análise da ludonarrativa, que observa a harmonia entre as regras sistêmicas, como as mecânicas de Upkeep (manutenção), dívida e lucro, e a construção narrativa do cenário. Os resultados apontam para uma crítica ferrenha à desumanização, precarização laboral e alienação do trabalhador no contexto do "capitalismo terminal" proposto pelo RPG. Concluímos que Red Markets representa, a despeito de zumbis e de um Estados Unidos beligerante (ou talvez por isso), a necropolítica do capitalismo tardio, cujo o elemento insólito (o zumbi) serve apenas para naturalizar a inevitabilidade da exploração econômica e o esgotamento do tempo subjetivo do trabalhador.

Palavras-chave: Red Markets, Zumbificação, RPG, Horror Econômico, Capitalismo Tardio.

SOMBRAS AO SOL: A TRADIÇÃO GÓTICA E O REGIONALISMO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

João Gabriel Oliveira Silva (UFPI)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Este trabalho investiga as aproximações entre o regionalismo brasileiro e a tradição gótica, analisando como narrativas de ambientação regional incorporam elementos do fantástico e do terror sobrenatural para representar medos individuais e coletivos. O corpus da pesquisa é constituído por obras representativas do regionalismo brasileiro que articulam o imaginário rural com a estética do horror, como Sina (2024) e Gótico Nordestino (2022). O objetivo é compreender de que modo a maquinaria narrativa gótica é apropriada pela literatura regionalista para ressignificar o espaço sertanejo e outras paisagens nacionais como cenários de decadência e mistério. A pesquisa fundamenta-se nos estudos sobre o Gótico desenvolvidos por Punter e Byron (2016), Botting (2024), Bellas (2020), Barros (2004; 2014) e França (2015; 2017a; 2017b; 2023), bem como nas contribuições de Arendt (2008), Albuquerque (2011) e Castro (2016; 2018) acerca do regionalismo brasileiro, suas formas de representação e seus fundamentos históricos e culturais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da análise comparativa e interpretativa das obras selecionadas, relacionando seus procedimentos estéticos aos referenciais teóricos adotados. Os resultados evidenciam que o regionalismo, embora originalmente comprometido com a representação das particularidades culturais e geográficas do Brasil sob uma perspectiva predominantemente realista, desenvolveu narrativas que incorporam o insólito, o fantástico e o sobrenatural como estratégias para expressar tensões sociais, históricas e existenciais. Nesse contexto, a tradição gótica manifesta-se na representação de espaços liminares, crenças populares, violência, decadência e assombração, deslocando convenções do Gótico europeu para o universo cultural brasileiro. Conclui-se que o encontro entre regionalismo e Gótico amplia as possibilidades interpretativas da literatura nacional, revelando que o imaginário regional também constitui um espaço privilegiado para a representação das angústias universais e dos medos socioculturais, em que as "trevas da decadência" emergem, paradoxalmente, na terra do sol.

Palavras-chave: Regionalismo; Gótico; Fantástico; Terror; Mal na Literatura.

O THÉÂTRE DES VAMPIRES COMO ESPAÇO GÓTICO: ESPETÁCULO, HORROR E FANTÁSTICO EM ENTREVISTA COM O VAMPIRO

Maria Eduarda Moreira de Almeida (UEPB)
David Jerônimo Da Silva (UEPB)
Aline Oliveira do Nascimento (UEPB)

Este trabalho analisa a série estadunidense de terror gótico *Entrevista com o Vampiro* (2022–), desenvolvida por Rolin Jones, como uma releitura contemporânea do espaço gótico a partir da representação do *Théâtre des Vampires*. Nesse contexto, parte-se da compreensão de que, na construção do espaço gótico, a ambientação desempenha um papel fundamental na elaboração do horror. Investiga-se, assim, como o *Théâtre des Vampires* assume na série funções semelhantes às dos castelos e das mansões presentes nas narrativas clássicas, apresentando-se como um ambiente de mistério, horror, controle e punição. Nessa concepção, a encenação representada na série transforma a violência em espetáculo, uma vez que o público, formado por humanos, acredita estar assistindo a uma obra dramática enquanto presencia mortes reais. O *Théâtre des Vampires* também contribui para o aspecto fantástico da narrativa ao embaralhar os limites entre realidade e performance, fazendo com que os espectadores tenham dificuldade em distinguir o que é encenação do que é real. Nessa perspectiva, a pesquisa fundamenta-se nos estudos de Fred Botting (1996) sobre o gótico, especialmente em sua concepção do espaço como ambiente de transgressão, excesso e produção do terror, e nas discussões de Judith Halberstam (1995) sobre a representação da monstruosidade e do corpo monstruoso. Além disso, recorremos às contribuições de Tzvetan Todorov (2017) e David Roas (2014) para os estudos do fantástico, com ênfase na hesitação entre realidade e ficção. Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, com análise de cenas selecionadas do segundo e do sétimo episódios da segunda temporada da série, por evidenciarem a função do teatro como espaço de horror, espetáculo e poder. Como resultados, percebe-se que o *Théâtre des Vampires* ressignifica o castelo gótico ao transformar o horror em entretenimento e ao utilizar o espaço teatral como elemento central para explorar o poder, a monstruosidade e os limites entre ficção e realidade.

Palavras-chave: Théâtre des Vampires; Entrevista com o Vampiro; Gótico.

“FUNERALS ARE FOR THE LIVING”: O MELODRAMA GÓTICO E A ÉTICA DA ASSOMBRAÇÃO NA SÉRIE A MALDIÇÃO DA MANSÃO BLY (2020), DE MIKE FLANAGAN

Moacir Marcos de Souza Filho (UFC)

Surgida na segunda metade do século XVIII, a ficção gótica pode ser compreendida como a contraface do projeto iluminista e de seus preceitos estéticos neoclássicos. Situado entre o romanesco e o romance, o gótico instaura um discurso pautado pelo lúgubre, pelo mistério, pela aflição de suas personagens e, sobretudo, pela exacerbada representação das paixões humanas. Herdeira do sentimentalismo setecentista britânico, tamanha ênfase no páthos alimentaria também a imaginação melodramática moderna, com suas ficções pautadas na legibilidade dos sentimentos mais extremados. Compartilhando uma mesma poética do excesso, o gótico e o melodrama expressam o confinamento e o espectro como veículos de dramatização moral, de modo que, quando o passado volta como assombração, o que de fato retorna é o peso de relacionamentos precocemente rompidos. Em narrativas audiovisuais contemporâneas, não raro percebe-se essa tendência, com o horror afastando-se da monstruosidade exterior para se concentrar na insistência dessas memórias afetivas mal elaboradas. Alinha-se a essa vertente a série *A Maldição da Mansão Bly* (*The Haunting of Bly Manor*, 2020), de Mike Flanagan, que mobiliza a tradição do melodrama gótico na adaptação de *A Outra Volta do Parafuso* (1898), de Henry James, para uma elegia sobre o luto e a impossibilidade de esquecer. A partir da teoria da imaginação melodramática de Peter Brooks (1995) e das modulações do excesso discutidas por Linda Williams (1991), em conjunto com os estudos do gótico de Fred Botting (1996), Serravalle de Sá (2010), David Punter e Glennis Byron (2004), entre outros, analiso como o locus horribilis encenado pela série produz ecos de dívidas morais e amorosas. Por meio da formulação do tempo desarticulado de Jacques Derrida (1994), em diálogo com a categoria do sinistro em Mark Fisher (2026), este trabalho propõe que a aparição dos fantasmas em *A Maldição da Mansão Bly* suspende o tempo cronológico, impondo aos vivos certo compromisso ético de aceitação perante as ausências do passado. No que concerne aos aspectos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório, estruturado sob uma abordagem analítica de base interdisciplinar, que articula os estudos literários, a crítica intermidiática e a teoria audiovisual. Quanto aos procedimentos técnicos empregados, o trabalho conjuga levantamento bibliográfico e análise fílmico-textual do corpus audiovisual. O percurso analítico baseia-se na decupagem de sequências e episódios paradigmáticos da série,

investigando detalhadamente os recursos expressivos da linguagem seriada, com ênfase na composição da mise-en-scène, no uso cenográfico do espaço arquitetônico, no desenho de som e nos procedimentos de montagem que materializam as dobras temporais e a experiência traumática do luto. Mediante esse instrumental, busca-se demonstrar que a obra se estrutura sobre uma ética da assombração, na qual simplesmente existir e criar laços já estabelecem um ato de recusa do esquecimento.

Palavras-chave: Adaptação; Linguagem audiovisual; Espectralidade; Luto; Excesso.

ENTRE O GÓTICO E O FANTÁSTICO: O AMANTE DEMONÍACO EM “SERPENTINA” DE LÚCIO DE MENDONÇA

Matheus Santos do Nascimento (UEPB)

O renascimento das baladas britânicas no século XVIII exerceu papel fundamental na consolidação da ficção gótica, legando ao gênero temas e estruturas narrativas continuamente reelaboradas em diferentes épocas e contextos culturais (Groom, 2012). Entre essas heranças, figura o *demon-lover motif*, uma temática recorrente centrada no retorno de um amante sobrenatural para reivindicar um vínculo amoroso anteriormente firmado. Embora seja amplamente difundido na tradição anglófona, esse tema permanece praticamente ausente das leituras dedicadas à literatura brasileira. Tal ausência, contrasta com o desenvolvimento recente dos estudos sobre o gótico e o fantástico no Brasil, que vêm demonstrando a presença dessas tradições na literatura nacional. É nesse horizonte que se insere *Serpentina* (1869), de Lúcio de Mendonça, conto pertencente ao reduzido conjunto de narrativas fantásticas do autor e ainda pouco explorado pela crítica, mas que se revela como um expressivo caso de manifestação do *demon-lover motif*. Partindo dessa premissa, este trabalho propõe analisar *Serpentina* à luz dessa tradição narrativa cuja formulação se fundamenta na tradição baladística britânica. Para isso, adotaremos uma metodologia qualitativa e exploratória, utilizando como como aporte teórico as contribuições de Toni Reed (2009), David Punter e Glennis Byron (2004), Fred Botting (1996) entre outros. O conto acompanha *Serpentina*, jovem que, após se casar com o marquês d'Altamira, escolhe unir-se ao amante sobrenatural a quem havia jurado fidelidade, reconfigurando um dos aspectos centrais do *demon-lover motif*. Nesse sentido, a análise demonstra que *Serpentina* preserva a estrutura fundamental do motivo, mas reconfigura seu funcionamento, ampliando a circulação conhecida desse tema para além da tradição anglófona e indicando a produtividade dessa categoria analítica na leitura de narrativas brasileiras que mobilizam essa estrutura.

Palavras-chave: Demon lover motif; Serpentina; Lúcio de Mendonça; Gótico; Fantástico.

REPETIÇÃO E EXPANSÃO DO GÓTICO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL EM A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL

Nathália Emanuele Santos (PUC Minas)
Tatiane Batista Silva Machado (PUC Minas)

O presente trabalho analisa a adaptação audiovisual *A maldição da Residência Hill* (2018), criada e dirigida por Mike Flanagan, a partir de sua relação com o romance *A assombração da Casa da Colina* (1959), de Shirley Jackson. Partindo da compreensão da adaptação como processo de recriação e expansão, objetiva-se investigar de que modo a narrativa seriada amplia o espaço ficcional gótico do texto-fonte por meio da repetição, da fragmentação temporal e da criação de novas espacialidades. O *corpus* é constituído pelo romance de Shirley Jackson e pelos dez episódios da série de Flanagan, com atenção especial à construção da Residência Hill e do chamado *Red Room*, espaço inexistente na obra literária e central para a constituição da mitologia da adaptação. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamenta-se na leitura analítico-interpretativa e comparativa das duas obras, mobilizando as contribuições de Linda Hutcheon (2013) acerca da adaptação, Umberto Eco (1989) sobre a repetição no seriado, Jason Mittell (2012) acerca da complexidade narrativa e Márcio Serelle (2023) sobre a adaptação como ficção expandida. Para a discussão do gótico, recorremos principalmente a Fred Botting (2014) e Júlio França (2017). Os resultados indicam que Flanagan não apenas transpõe o espaço assombrado concebido por Jackson, mas o transforma em agente narrativo e organismo dotado de uma mitologia própria. A repetição de imagens, ambientes e estruturas narrativas contribui para a construção de uma espacialidade marcada pela ambiguidade, na qual acolhimento e ameaça coexistem. Nesse processo, compreendemos que o *Red Room* assume particular relevância ao se configurar como espaço mutável, associado aos desejos, às memórias e aos traumas dos integrantes da família Crain, além de articular diferentes temporalidades e perspectivas. Concluímos que a adaptação seriada expande o gótico do texto-fonte ao transformar a casa assombrada em um dispositivo narrativo complexo, no qual espaço, repetição e temporalidade se articulam para produzir novas formas de assombração e atualizar o imaginário gótico na linguagem audiovisual contemporânea.

Palavras-chave: adaptação audiovisual; gótico contemporâneo; narrativa seriada; espaço ficcional; repetição.

ÁGUAS DE SANGUE: BATISMO, REDENÇÃO E A SIMBOLOGIA CRISTÃ NA FIGURA DO VAMPIRO EM SINNERS (2025)

Rayllary Bernardino de Lima (UEPB)
Danilo Barbosa Alves (UEPB)
Auricélio Soares Fernandes (UFPB)

Este trabalho propõe uma análise da representação do vampiro em *Sinners*, com ênfase na articulação entre a estética gótica e a simbologia cristã presente na cena final do filme. Partindo da compreensão do vampiro como uma figura historicamente associada à transgressão à corrupção do sagrado e à inversão dos ritos cristãos, investiga-se como a narrativa ressignifica esse imaginário ao aproximar o vampirismo da linguagem sacramental do batismo. Na sequência em que Sammie é confrontado pelo vampiro, o ato de ser envolvido pelo sangue assume contornos de um ritual de iniciação e renascimento, estabelecendo um paralelo ambíguo com o batismo cristão: enquanto a água simboliza purificação e salvação, o sangue vampírico representa uma nova existência marcada pela ruptura com a ordem religiosa tradicional. A metodologia se baseia na pesquisa qualitativa e bibliográfica, a partir de uma análise que dialoga com estudos sobre o Gótico (Botting, 1999), o monstruoso (Cohen, 2000) e o imaginário cristão para demonstrar como *Sinners* utiliza a figura do vampiro não apenas como metáfora da alteridade, mas também como um dispositivo crítico capaz de questionar conceitos de pecado, redenção, identidade e pertencimento, revelando a persistência e a reinvenção de símbolos religiosos no horror contemporâneo.

Palavras-chave: Batismo; Simbologia; Vampiro; Gótico.

FANTÁSTICO E SUBVERSÃO DE GÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO: A EVOLUÇÃO REPRESENTATIVA DA MULHER SUBVERSIVA NA FILMOGRAFIA DE RODRIGO ARAGÃO E O FEMININO-MONSTRUOSO COMO FERRAMENTA ANTI-PATRIARCAL EM “A CASA DE IARA” (2015) E “A MATA NEGRA” (2018)

Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso do feminino monstruoso como um mecanismo de subversão patriarcal nos filmes *A Casa de Iara* (2015) e *A Mata Negra* (2018), do cineasta capixaba Rodrigo Aragão, tal como expor brevemente o trajeto evolutivo das representações femininas subversivas do autor no decorrer de sua filmografia fantástica. Assim, a nossa pesquisa almeja apresentar um breve percurso evolucionário dos diferentes graus de representação de subversão feminina na filmografia do realizador, e investigar a utilização do feminino-monstruoso para subverter a opressão de gênero em nosso corpus de análise. Para tanto, utilizaremos as contribuições teóricas do pesquisador espanhol David Roas (2014) e os pressupostos teóricos de Carol J. Clover (1992), Barbara Creed (2007) e Laura Mulvey (1983). Ao investigarmos a representação no que tange à posição de protagonismo feminino na obra cinematográfica de Aragão, tal como os diferentes degraus de subversão representados por suas personagens em suas obras fílmicas, demonstramos que as suas películas abdicam da ótica fetichista e controladora do olhar masculino e impõem um monstro feminino que enfrenta e subverte a submissão de gênero vigente, utilizando-se do fantástico como uma ferramenta de ressignificação, subversão, combate e resistência contra a opressão patriarcal.

Palavras-chave: Cinema, fantástico brasileiro, subversão feminina, monstro feminino.

UM ESQUELETO NO ARMÁRIO: ADAPTAÇÃO PARA QUADRINHOS DE UMA NARRATIVA GÓTICA MACHADIANA

Tatiane Batista Silva Machado (PUC Minas)

Este trabalho analisa a adaptação do conto “Um esqueleto” (1875), de Machado Assis, realizada na história em quadrinhos *Um esqueleto – Machado de Assis em quadrinhos* (2015), com roteiro de Diego A. Molina e ilustrações de Márcio Kropowski. O *corpus* da pesquisa é composto pela narrativa machadiana, publicada originalmente no *Jornal das famílias* e republicada pela *Biblioteca Digital Tênebra*, e pela HQ publicada pela editora Pulo do Gato. O objetivo principal é investigar como a transposição para a linguagem dos quadrinhos potencializa a retomada irônica da tradição gótica empreendida por Machado de Assis, ampliando os efeitos estéticos do medo, da hesitação e da ambiguidade que caracterizam o limiar entre o gótico e o fantástico. A abordagem teórica fundamenta-se em duas vertentes. Acerca dos estudos sobre o gótico e o medo estético são trazidos à cena Fred Botting (2025), Júlio França (2011; 2024) e Greicy Bellin (2016; 2017) para compreender as convenções do gênero — focalizando elementos como a figura monstruosa, o *locus horribilis* e a presença fantasmagórica do passado —, e como a HQ adapta o texto de Machado pautada em parodiar a tradição gótica e romântica. Em segundo lugar, utilizam-se as teorias da adaptação e da intermidialidade propostas por Linda Hutcheon (2013) e Irina Rajewsky (2012), assim como análise de elementos da arte sequencial elaborada por Nadilson Silva (2001), a fim de examinar como se constitui essa adaptação de um texto literário para HQ enquanto transposição midiática, combinação de mídias e referência intermidiática. Metodologicamente, adota-se uma pesquisa documental e analítica de abordagem qualitativa, examinando o conto e a adaptação em suas respectivas materialidades, com ênfase nas estratégias visuais empregadas pelos adaptadores. Os resultados demonstram que a HQ potencializa a estética gótica do conto ao transformar a “rasteira machadiana” do narrador-personagem Alberto em experiência imersiva que enlaça os personagens e o leitor em uma armadilha narrativa. As ilustrações, os enquadramentos e as referências intermidiáticas interligadas ao imaginário gótico expandem o medo estético, a atmosfera opressiva e a ambiguidade entre real e imaginário presente no texto-fonte. Conclui-se que a adaptação em quadrinhos de Molina e Kropowski não apenas traduz, mas expande o texto adaptado, conferindo-lhe uma sobrevida criativa que dialoga com as convenções do gótico e do fantástico em sua expansão multimídia.

Palavras-chave: Literatura gótica; Machado de Assis; História em quadrinhos; Adaptação; Intermidialidade.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

(RE)CONFIGURAÇÕES DO MEDO NO GÓTICO JAPONÊS: UMA ANÁLISE DE JUNJI ITO COLLECTION

Waldir Kennedy Nunes Calixto (UEPB)
Aline Oliveira do Nascimento (UEPB)

A cultura oriental dialoga com a cultura ocidental por meio de diferentes manifestações, desde a literatura até a cultura de massa, articulando costumes e formas híbridas de representação. Nesse processo de intercâmbio cultural, o gótico, enquanto modo literário que originalmente possui raízes na Europa, também pode adaptar-se às ansiedades culturais dos diferentes contextos em que é evocado. Nesse sentido, o gótico japonês pode ser entendido como uma manifestação e/ou (re)configuração do gótico europeu, na qual são identificadas temáticas semelhantes, embora estas adquiram significados distintos de acordo com o contexto cultural em que se inserem. Assim, o presente trabalho busca investigar como o anime *Junji Ito Collection* (2018), por meio do gótico japonês, constrói a ambientação e a narrativa góticas em contextos cotidianos, a partir dos personagens Fuchi, Tetsuro Mukoda e Mami Takeshima. Para isso, parte-se do segundo episódio do anime intitulado *Modelo/Sonhos longos*, no qual os personagens são inseridos em situações que, em um primeiro momento, podem não ser compreendidas como assustadoras, mas que, com o avanço da narrativa, passam a expô-los a figuras fantasmagóricas e a sonhos que rompem as barreiras entre o real e o imaginário. Dessa forma, o anime evidencia, além da presença do gótico, sua aproximação com a narrativa fantástica, uma vez que os acontecimentos sobrenaturais "brincam" com a imaginação dos personagens a partir da incerteza quanto à existência do sobrenatural na narrativa. Sob essa perspectiva, observa-se que o gótico japonês se estabelece por meio de uma hibridização entre elementos do gótico europeu e de tradições culturais asiáticas, além de estabelecer conexões com as lendas e o folclore tradicional japonês. Nesse processo, espaços tradicionalmente associados ao gótico europeu, como castelos e abadias, são substituídos por ambientes como casas, florestas e hospitais. Para a discussão acerca do gótico como modo literário, recorremos às contribuições de Fernandes (2020) e Sá (2010). No que se refere ao gótico japonês, utilizamos os estudos de Ancuta (2012; 2014) e Hogle (2002), enquanto, para o diálogo com o fantástico, fundamentamo-nos nas contribuições de Todorov (2017) e Roas (2014). Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, bibliográfica e exploratória. Como resultados, observa-se que a narrativa de Junji Ito (2018) (re)configura elementos tradicionais do gótico europeu ao inseri-los em situações e espaços cotidianos, explorando questões como o medo da morte e do desconhecido, os pesadelos e os ambientes de floresta densa.

Palavras-chave: Junji Ito Collection; Gótico japonês; Narrativa fantástica.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Simpósio Temático 3

Lampejos de Esperança no Coração das Trevas: Utopia, Distopia e Ficção Científica

Coordenadores:

Prof. Dr. Felipe Benicio de Lima (FALE/PPGLL/UFAL)

Prof. Dr. Marcus Vinícius Matias (FALE/PPGLL/UFAL)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

PERTENCIMENTO, TERRITÓRIO E EXISTÊNCIA: UMA LEITURA ECOCRÍTICA DO FILME AVATAR DE JAMES CAMERON

Aline Barbosa de Almeida (UPM)
Cristhiano de Motta Aguiar (UPM)

Esta pesquisa investiga o filme *Avatar* (2009), dirigido por James Cameron, sob uma perspectiva ecocrítica, com o objetivo de compreender como a narrativa articula os eixos de pertencimento, território e existência na construção de uma crítica à colonialidade, ao extrativismo e às lógicas de devastação ambiental associadas à modernidade ocidental. Inserido no campo das relações entre linguagem, cultura e sociedade, o estudo parte do contexto contemporâneo de intensificação das crises ecológicas e sociopolíticas, reconhecendo o papel das narrativas de ficção científica e da *climate fiction* (cli-fi) na elaboração de imaginários ambientais, na problematização de futuros possíveis e nas formas de resistência frente à opressão. O problema de pesquisa consiste em analisar de que modo o filme mobiliza elementos cosmológicos, simbólicos e narrativos para construir uma visão relacional entre seres humanos, não humanos e ambiente, contrapondo paradigmas antropocêntricos e coloniais. Como hipótese, propõe-se que *Avatar* (2009) opera como uma narrativa de distopia crítica ao denunciar processos de destruição ambiental, exploração territorial e violência colonial, ao mesmo tempo em que preserva horizontes utópicos e de esperança por meio de uma ecopoética baseada na reciprocidade, na interdependência e na continuidade da vida. O referencial teórico articula a ecocrítica de Greg Garrard, especialmente em *Ecocriticism* (2004); as reflexões de Adam Roberts sobre o gênero em *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas* (2018); o pensamento indígena de Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2009); as discussões de Ana Rüsche em *Quimeras do Agora* (2025), voltadas às relações entre ficção, crise ambiental e futuros possíveis; e os estudos de Edward James sobre utopias e distopias, em seu artigo *Utopias and Anti-Utopias* (2005). Metodologicamente, a pesquisa realiza uma análise interpretativa do filme como texto cultural, articulando aportes da ecocrítica, dos estudos da distopia crítica, da ficção científica e do pensamento indígena. Espera-se que o estudo contribua para o aprofundamento das discussões sobre as relações entre ficção, crise ambiental e sociedade, evidenciando o potencial do audiovisual como espaço de reflexão crítica sobre modos de habitar o mundo e sobre possibilidades de resistência e reinvenção diante da multicrise global.

Palavras-chave: Ecocrítica; pertencimento; ficção científica; colonialidade.

ESPERANÇA EM TEMPOS DE RUÍNA: UMA LEITURA ECOCRÍTICA DE SWEET TOOTH, DE JEFF LEMIRE

Antonio Marcos Otaviano de Lima Junior (UFAL)
Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL)

Narrativas distópicas são, por essência, reflexos distorcidos de problemas reais do presente, tendo, portanto, enorme importância como instrumentos para a denúncia de questões urgentes. Dentre essas narrativas, *Sweet Tooth* (2009), de Jeff Lemire, é uma obra gráfica que se destaca por apresentar os perigos do desprezo à tradição e ao natural e da devoção cega e antiética ao progresso voltado ao Antropoceno e ao Capitaloceno. Entretanto, raios de esperança surgem na obra em seu capítulo final, ao apresentar um mundo em equilíbrio, povoado por grupos pós-humanos que vivem em harmonia com o meio ambiente, respeitando todas as outras formas de vida não humanas e humanas. Esse trabalho se propõe a fazer uma leitura ecocrítica de *Sweet Tooth*, com foco em sua última edição, intitulada “Lar Doce Lar”, analisando como as relações interespécies representadas nessa narrativa dialogam e/ou entram em conflito com o que acontece em nossa realidade material, propondo reflexões sobre como nós, enquanto humanidade, enxergamos a nós mesmos e ao outro, especialmente o não humano, no mundo contemporâneo. Para isso, a análise parte da relação entre Antropoceno, Capitaloceno, pós-humanismo e perspectivas multiespécies, buscando compreender como a narrativa representa as consequências do antropocentrismo e as possibilidades de reconstrução das relações entre humanos, não humanos e meio ambiente. A fundamentação teórica busca sustentação nos conceitos de narrativa gráfica de Eisner (1989), ícone de McCloud (1995), distopia de Hilário (2013), Chthuluceno de Haraway (2016) e as teorias ecocríticas de Latour (2018), Gouveia (2018), Garrard (2011) e Buell (2011).

Palavras-chave: Distopia, Narrativas Gráficas, Ecocrítica, Sweet Tooth

ESPERANÇA ALÉM DO MURO VERDE: O IMPULSO UTÓPICO EM NÓS DE ZAMIÁTIN

Everton Manoel da Silva (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este trabalho visa analisar o romance *Nós*, de Ievguêni Zamiátin, com o objetivo de investigar de que maneira o utopismo pode ser encontrado no interior da sociedade distópica construída pela obra, partindo das relações entre utopia e distopia e do potencial crítico compartilhado por ambas as formas. A partir do método dialético e por meio de pesquisa bibliográfica, foram mobilizadas as ideias de autores(as) como Ruth Levitas, Lyman Tower Sargent, Fredric Jameson, Tom Moylan, Gregory Claeys, Maria Varsam e Patrícia Vieira, para discutir as delimitações entre utopia e distopia e compreender como o impulso utópico é capaz de sobreviver em uma sociedade extremamente repressiva. Escrito no início da década de 1920, em meio às transformações decorrentes da Revolução Russa, *Nós* extrapola tendências de seu contexto histórico através da construção do Estado Único, uma sociedade que acredita ter alcançado o estágio final do desenvolvimento humano e eliminado as contradições do passado "selvagem" da humanidade. A análise demonstra que, entre as críticas desenvolvidas pelo romance, destaca-se a pretensão de transformar a revolução em um ponto final da história, estabelecendo uma ordem social que não admite mudanças. Essa pretensão é confrontada por I-330, que, em diálogo com o protagonista D-503, afirma que não existe uma última revolução, pois as revoluções são infinitas. A passagem evidencia que, mesmo dentro de uma sociedade que busca eliminar alternativas ao existente, pode permanecer viva a esperança de imaginar outras formas de organização social. Ademais, Zamiátin desenvolve uma crítica à racionalidade convertida em princípio absoluto de organização da existência, levando ao extremo a confiança na matemática, no cálculo e na previsibilidade. No Estado Único, os indivíduos são reduzidos a números e têm suas vidas submetidas a uma organização racional que busca eliminar a individualidade, a espontaneidade e aquilo que escape ao controle. Os resultados apontam que a pretensão de construir uma sociedade perfeitamente racional pode converter a própria razão em instrumento de dominação. Por fim, evidencia-se que o utopismo não desaparece dentro da distopia, mas resiste na possibilidade de negar o aparato repressivo da ordem estabelecida e imaginar sua transformação, demonstrando como utopia e distopia, apesar de recorrerem a ferramentas narrativas distintas, compartilham uma mesma gênese constitutiva.

Palavras-chave: Distopia; Utopia; Utopismo; Racionalidade; Individualidade.

MÁQUINAS NA CABEÇA: AUTOMATIZAÇÃO E O COLAPSO DO SUJEITO EM ANNA KAVAN

Giovanna Camila Campara (Unespar)

Em 1940, a autora Anna Kavan (ortônimo Helen Emily Woods) publicou sua primeira coletânea de contos: *Asylum Piece*, obra enigmática e tormentosa que dialoga com múltiplas interpretações e perspectivas de um sujeito aflito e alienado que se vê perdido em meio às várias maquinações da sociedade novecentista. Conforme Walker (2023) discorre em sua biografia de Anna Kavan, a autora acabou levando uma vida conturbada principalmente devido ao abuso de substâncias, o que a levou a mais de uma tentativa de suicídio e a diversas hospitalizações e internações forçadas em manicômios (Walker, 2023, p. 49). Dada essa circunstância, *Asylum Piece* marca uma mudança radical em sua prosa até então, refletindo, à luz das experiências de Kavan com os sanatórios da época, a angústia provocada pela doença mental e pela violência institucional desses espaços. Logo, este trabalho possui como objetivo analisar um dos contos centrais de *Asylum Piece*, intitulado *Machines in the Head*, e compreender o modo como a autora articula uma diegese distópica que toca em questões como pós-humanismo e tecno-ansiedade. Trata-se de uma história curta, de menos de três páginas, na qual Kavan dissolve a distinção entre sistemas industriais externos e processos psicológicos internos, produzindo um modelo de subjetividade no qual a mecanização não é imposta ao indivíduo, mas constitui o próprio modo de ser do indivíduo. Para tal, o trabalho utiliza as considerações de autores como Alexandra Chasin (1995), Norah Campbell e Mike Saren (2010), Victoria Walker (2023) e Donna Haraway (2023) como aparato teórico. À vista disso, a análise evidencia que, no conto, a construção do símbolo da máquina extrapola sua dimensão tecnológica e passa a operar como princípio organizador da subjetividade, subjugando a narradora e tornando indistinguíveis os limites entre mente, anseio, corpo e lógica maquínica. Desse modo, é possível concluir que *Machines in the Head* antecipa discussões posteriormente desenvolvidas pelos estudos pós-humanistas ao representar uma estruturação do "eu" constituída pela interiorização de sistemas de controle e uma automatização quase corporativa; e pela deterioração da individualidade, consentimento e autonomia sobre o próprio corpo, o que também, nessa linha, retoricamente conversa com a crítica feminista.

Palavras-chave: Anna Kavan; Pós-humanismo; Distopia; Tecno-ansiedade; Subjetividade.

O HORROR, O SUBLIME E O GROTESCO: PROCEDIMENTOS MELÓDICOS E VISUAIS EM ALIEN: O OITAVO PASSAGEIRO

Hadassa Inez Silva Valões (UFPE)

Lançado em 1979 e dirigido por Ridley Scott, Alien: O Oitavo Passageiro é um marco dos gêneros de horror e de ficção científica. Este trabalho tem como corpus o primeiro filme da franquia. O objetivo é analisar os procedimentos imagéticos e melódicos que constroem a estética horripilante e grotesca do xenomorfo, articulando-a às discussões sobre ficção científica e distopia, uma vez que a nave Nostromo USCSS funciona como um microcosmo distópico, no qual a tripulação, a serviço da corporação Weyland-Yutani, é tratada como mão de obra descartável. A abordagem teórica parte dos escritos de Burke (1757) sobre o sublime e de Hugo (1988), para quem a estética moderna se funda justamente na união dialética entre o grotesco e o sublime. Articula-se, ainda, a Figueiredo (2011), que investiga a comunicação nas distopias literárias e mostra como o controle da informação funciona, nesses universos, como instrumento de dominação — leitura que se estende diretamente à *Nostromo USCSS*, onde a tripulação é mantida à margem das intenções da corporação pela própria inteligência artificial da nave, que sonega informações decisivas à sua sobrevivência. Martin (2005) fornece os fundamentos da linguagem cinematográfica que permitem compreender a ausência de luz e de som como procedimentos deliberados de sentido. A dimensão sexual da criatura desenhada por H. R. Giger é discutida a partir do conceito freudiano do estranho (Freud, 2010), que permite ler a invasão do corpo pelo xenomorfo como figuração do estupro e da perda de controle sobre o próprio corpo. Metodologicamente, a pesquisa é bibliográfica e qualitativa, valendo-se da análise fílmica dos recursos imagéticos, sonoros e narrativos à luz do referencial teórico apresentado. Como resultados gerais, observa-se que a alternância entre presença e ausência, de luz, de som e de forma, constrói o efeito catártico do filme, ao mesmo tempo em que sustenta sua inscrição no imaginário distópico da ficção científica, articulando a desumanização do trabalhador ao controle informacional que sujeita a tripulação. Conclui-se, portanto, que essa obra de Ridley Scott articula, de forma indissociável, horror e ficção científica distópica, revelando na estética do grotesco e do sublime uma crítica ao futuro do trabalho, do corpo, da comunicação e da própria humanidade.

Palavras-chave: Ficção científica; distopia; horror; sublime; grotesco..

DA GUERRA À ESPERANÇA: FIGURAÇÕES UTÓPICAS EM AS ANDORINHAS DE UM CONTINENTE EM CHAMAS, DE GABRIELA FERNANDES

Karyne Joanne Nascimento Santos (UFAL)
Felipe Benicio de Lima (UFAL)

Este estudo apresenta uma análise das figurações da esperança no romance *As Andorinhas de* um *Continente em Chamas* (2024), de Gabriela Fernandes, buscando demonstrar como a narrativa amplia a concepção de esperança, inicialmente associada à defesa de um projeto político-militar, atribuindo-lhe um potencial de transformação individual e coletiva. Temos por objetivo analisar a trajetória da protagonista Kelaya, observando como suas motivações e escolhas são inicialmente orientadas pelos ideais da facção Fenda e, posteriormente, ressignificadas a partir de seu encontro com o *Logos*, artefato misterioso que reúne escritos sobre a origem da humanidade, a existência de uma força superior e princípios relacionados à fé e à esperança. Para isso, dialogamos com as reflexões de Kelly J. Mays (2019) acerca da construção da personagem, enredo e símbolo nas narrativas ficcionais, bem como com os estudos de Bloch (1995), Rossi (2013), Eagleton (2015), Cavalcanti (1999) e Han (2024) sobre esperança, utopia e suas possibilidades de transformação em contextos de crise. Argumentamos que a obra ressignifica a esperança, inicialmente ancorada na esfera político-militar, ao incorporar uma dimensão ética e social, na qual o *Logos* atua como símbolo utópico capaz de transformar não apenas a protagonista, mas também a sociedade distópica em que está inserida. Desse modo, espera-se contribuir para os estudos da distopia contemporânea ao evidenciar como a literatura *young adult* (Hintz, 2022; Fitzsimmons, 2020) tem ampliado as possibilidades de representação da esperança, articulando a resistência aos regimes opressivos com processos de transformação do sujeito e da comunidade.

Palavras-chave: Distopia; Utopia; Esperança; Young Adult; As Andorinhas de um Continente em Chamas.

"EU SOU PORQUE NÓS SOMOS": ECODISTOPIA E RESISTÊNCIA AFROFUTURISTA EM UBUNTU 2048, DE RAPHAEL SILVA

Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL/FAPEAL)

Esta pesquisa analisa o romance *Ubuntu 2048*, de Raphael Silva, a partir da articulação entre ecodistopia e afrofuturismo, investigando como a devastação ambiental constitui não apenas o cenário da narrativa, mas também um elemento estruturante para a construção de uma ética da resistência. Ambientada em uma Terra marcada pelo colapso ecológico e por profundas transformações tecnológicas, a obra acompanha a trajetória de Teshai e da androide Kinaya, personagens que desafiam as estruturas opressivas de seu tempo por meio da filosofia africana Ubuntu, compreendida, a partir de Ramose (1999), como uma concepção de existência fundada na interdependência e sintetizada pelo princípio "eu sou porque nós somos". Partindo das discussões sobre ecodistopia e da concepção de afrofuturismo como estética e projeto político de reinscrição de futuros negros, argumenta-se que o romance desloca o foco da catástrofe ambiental para as possibilidades de reconstrução das relações entre sujeitos, tecnologia e natureza. Assim, o colapso ecológico deixa de representar um horizonte de desesperança para ser um espaço de crítica às práticas que conduziram à destruição do planeta e, simultaneamente, de elaboração de alternativas fundamentadas na coletividade, no cuidado e na interdependência. Metodologicamente, a pesquisa apoia-se nos estudos sobre afrofuturismo de Womack (2013) e Jones (2016), na ecocrítica de Buell (2001) e Garrard (2006), nos estudos sobre eco(dis)topia de Brandão (2016) e na formulação de distopia crítica de Moylan (2000), segundo a qual a narrativa distópica pode preservar possibilidades de resistência e transformação diante de estruturas sociais opressivas. Nesse sentido, é evidente como a filosofia Ubuntu opera como um princípio ético capaz de tensionar as lógicas individualistas e antropocêntricas que sustentam a crise ambiental. *Ubuntu 2048* aproxima-se, portanto, da noção de distopia crítica ao preservar, em meio ao cenário de devastação, a possibilidade de transformação social e ecológica, oferecendo uma perspectiva de esperança que dialoga diretamente com os debates contemporâneos sobre justiça ambiental e futuros negros possíveis.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Ecodistopia; Ubuntu; Distopia crítica; Justiça ambiental.

CANTIGAS DE ESPERANÇA: FIGURAÇÕES DO AINDA-NÃO-CONSCIENTE NA DISTOPIA DE SUZANNE COLLINS

Livia Barreto Moura (UFAL)
Felipe Benicio de Lima (UFAL)

Este trabalho apresenta uma análise das figurações utópicas na distopia contemporânea, tendo como objeto de estudo o romance *A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes* (2020), de Suzanne Collins, título que integra o universo ficcional da trilogia *Jogos Vorazes* (2008-2010). Uma vez que o foco narrativo recai sobre a perspectiva do antagonista da primeira trilogia, o estudo pretende localizar os vislumbres de esperança situados nas margens da narrativa, visto que ela não se anuncia em primeiro plano, por meio do protagonista, mas de forma descentralizada, encoberta por símbolos elusivos e difusos no texto. Nesse sentido, amparado pelas teorizações de Ernst Bloch (1995), Terry Eagleton (2023) e Byung-Chul Han (2024), que tratam da esperança como uma projeção incerta e incalculável, além de caracterizá-la como uma manifestação do "ainda-não-consciente", isto é, daquilo que ainda não é, mas se revela como uma possibilidade latente no horizonte, este trabalho propõe identificar as expressões poéticas – representadas pelas cantigas da personagem Lucy Gray – como veículos da esperança nas entrelinhas da obra. A investigação fundamenta-se, ainda, nas discussões sobre as convergências e divergências entre a utopia e a distopia desenvolvidas por Raffaella Baccolini e Tom Moylan (2003), Gregory Claeys (2017; 2022) e Ildney Cavalcanti (2022), bem como nos estudos sobre narrativa de X. J Kennedy e Dana Gioia (1995) e Kelly J. Mays (2018). Quanto aos aspectos metodológicos, são articulados procedimentos de análise descritiva e análise de conteúdo, a fim de identificar os elementos simbólicos e narrativos relacionados à temática da esperança. Esta comunicação constitui um recorte de uma pesquisa de iniciação científica, cuja análise indica que as canções, considerando seu caráter poético, voltado ao abstrato em vez do específico, podem ser elucidadas à luz do "ainda-não-consciente" como manifestações de futuros sonhados ainda por serem delineados. Além disso, pode-se argumentar que essas composições de esperança atravessam a temporalidade do universo ficcional, alcançando personagens de diferentes períodos históricos na diegese para além do *corpus* desta pesquisa. Desse modo, espera-se contribuir para a discussão de que a esperança é capaz de resistir a contextos distópicos por meio de diferentes formas de expressão, permanecendo significativa muito antes da concretização daquilo que se espera, persistindo como uma possibilidade vindoura de realização.

Palavras-chave: Esperança; Distopia; Ernst Bloch; Jogos Vorazes.

“VOCÊ NÃO PODE FICAR E EU NÃO POSSO FUGIR”: O NÃO-LUGAR COMO ESPACIALIDADE DA ESPERANÇA EM ANDOR

Maria Fernanda Silva dos Santos (UFAL)
Felipe Benicio de Lima (UFAL)

A fim de contribuir com o debate crítico acerca de como ficções audiovisuais reconfiguram convenções da tradição literária distópica, este estudo analisa de que forma a série televisiva de ficção científica *Andor*, criada por Tony Gilroy para o serviço de *streaming Disney+* e lançada entre 2022 e 2025, apresenta contranarrativas de resistência à dominação do Império Galáctico. Desse modo, toma-se como objeto de análise a autoeulogia da personagem Maarva Andor, interpretada por Fiona Shaw, para examinar como seu discurso mobiliza a organização coletiva a partir do uso da língua, elemento destacado por Tom Moylan e Raffaella Baccolini (2003) como central às narrativas distópicas. Como ilustração, ao recusar o apelo de seu filho Cassian para abandonar a comunidade em que nasceu e cresceu em busca de um lugar ainda não devastado pelo Império, a anciã afirma que esse espaço já existe em sua mente, deslocando a utopia para uma dimensão subjetiva e imaterial. Posteriormente, ao convocar seus conterrâneos para um levante, seu discurso articula esperança e ação coletiva, permitindo um diálogo com o princípio esperança de Ernst Bloch (2005), que o define como força orientadora da busca utópica por futuros emancipatórios. A análise também conversa com as contribuições de Ildney Cavalcanti (1999), para quem os vislumbres utópicos não se concretizam plenamente nem se consolidam linguisticamente em distopias críticas feministas publicadas na segunda metade do século XX, algo que também pode ser observado em *Andor*, cuja narrativa resgata a noção básica de utopia como um não-lugar, enquanto potência imaginativa e esperançosa.

Palavras-chave: Distopia crítica; Utopia; Princípio Esperança; Andor.

DA NARRATIVA LITERÁRIA À CINEMATOGRÁFICA: INTERSEMIOSE E ECOCRÍTICA EM PROJECT HAIL MARY

Maria Fernanda Silva dos Santos (UFAL)
Kim Patrice Santiago Sarmento (UFAL)

O presente trabalho analisa a adaptação cinematográfica da obra *Project Hail Mary*, lançada em 2026, com o título “Devoradores de Estrelas” no Brasil, e dirigida por Phil Lord e Chris Miller, baseada no romance homônimo publicado em 2021 por Andy Weir. A narrativa acompanha Ryland Grace, um professor de ciências enviado para investigar um microrganismo extraterrestre responsável pela redução da energia emitida pelo Sol e por outras estrelas, fenômeno que ameaça a sobrevivência da vida na Terra. Diante dessa crise ecológica e da possibilidade de extinção, Grace estabelece uma aliança com Rocky, um ser de outra espécie que enfrenta o mesmo problema em seu planeta. A pesquisa insere-se no campo dos Estudos da Adaptação, dos Estudos Críticos da Utopia e da Ecocrítica, propondo uma análise das estratégias de adaptação da obra literária para o cinema, em diálogo com Robert Stam e Linda Hutcheon, que compreendem a adaptação como processo de transformação e ressignificação do texto-fonte. Além disso, fundamenta-se na noção de que relações entre espécies podem funcionar como fontes de esperança e possibilidades de transformação em narrativas utópicas e distópicas, conforme destacam Tom Moylan e Rafaella Baccolini. Para ampliar essa perspectiva, a pesquisa também dialoga com a ecocrítica de Donna Haraway, Bruno Latour e Greg Garrard, especialmente no que diz respeito à interdependência entre humanos e não-humanos e à superação das tradicionais separações entre natureza e sociedade, mobilizando assim categorias como habitação e futuros na[da] Terra, apocalipse e animais. Com base nisso, é possível observar que a obra representa uma relação com o não-humano que se aproxima da categoria de *provisioning* [provisionamento] proposta por Anne Melano, uma vez que, diferentemente de uma lógica baseada apenas na utilidade ou na coexistência passiva, a narrativa apresenta o cuidado como intervenção ativa em favor da continuidade da vida, tanto da Terra quanto de Erid. A decisão final de Grace, de abandonar a possibilidade de retorno para a Terra e desviar sua missão para impedir a extinção da espécie eridiana, simboliza um deslocamento da ética antropocêntrica em direção a uma perspectiva interespecífica, consolidando uma relação baseada na cooperação, no cuidado mútuo e na responsabilidade compartilhada. Dessa forma, a narrativa transforma uma situação inicialmente marcada pela crise ecológica e pela ameaça de extinção em uma possibilidade de esperança, na qual a aliança com o outro e o reconhecimento da interdependência entre diferentes formas de vida constituem caminhos para a construção de um futuro compartilhado.

Palavras-chave: Distopia; Ficção Científica; Ecocrítica; Esperança; Project Hail Mary.

SONHAR DEPOIS DA CATÁSTROFE: ECOCRÍTICA, RESISTÊNCIA E IMAGINAÇÃO UTÓPICA EM FLORESTA É O NOME DO MUNDO, DE URSULA K. LE GUIN

Órion Oliveira Daltro Gouté (UFPE)
André de Sena Wanderley (UFPE)

Originalmente publicado em 1972, *Floresta é o nome do mundo*, de Ursula K. Le Guin, apresenta Athshe, planeta submetido à exploração colonial dos terráqueos, cuja lógica extrativista transforma a floresta em recurso e promove a devastação ambiental e a violência contra a população nativa. Este trabalho tem como corpus o romance de K. Le Guin e objetiva analisar o papel dos sonhos na cultura athsheana, compreendendo-os como práticas de preservação de uma cosmologia alternativa à racionalidade colonial, produtivista e instrumental. Busca-se investigar de que maneira a experiência onírica contribui para a manutenção de formas relacionais de conhecimento e existência, nas quais sujeito, comunidade, memória e floresta encontram-se articulados, e como essa dimensão do sonho participa da construção de possibilidades de resistência à ordem colonial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na leitura do romance em diálogo com a ecocrítica, a partir de Glotfelty (1996) e Garrard (2012), e com os estudos da distopia, da utopia e da esperança, especialmente Cavalcanti (2000, 2022), Baccolini e Moylan (2003), Moylan (2000), Sargent (1994, 2010), Levitas (1990, 2013) e Bloch (2005). A análise evidencia que, para os athsheanos, sonhar ultrapassa a dimensão individual e constitui uma prática cultural que articula memória, comunidade, subjetividade e floresta. Em oposição à racionalidade colonial, o sonho preserva formas de relação com o mundo que a exploração procura desarticular e, nesse sentido, configura-se como espaço de continuidade cultural e resistência. Os resultados também indicam que o romance desloca a imaginação utópica para o interior da experiência distópica, uma vez que o sonho não representa uma sociedade ideal, e sim exerce uma função utópica ao manter imagináveis outras formas de existência diante da catástrofe. Conclui-se, assim, que K. Le Guin tensiona concepções derrotistas da distopia ao apresentar o sonho como prática de resistência e manifestação de uma esperança ativa, capaz de preservar a possibilidade de transformação mesmo em contextos de devastação ambiental e violência colonial.

Palavras-chave: Ecocrítica; Distopia crítica; Sonho; Resistência; Imaginação utópica.

A ARTE QUE RESISTE AO FIM DO MUNDO NA ADAPTAÇÃO AUDIOVISUAL DO LIVRO ESTAÇÃO ONZE, DE EMILY ST. JOHN MANDEL

Priscilla Costa (PPGL/UFPB)

Estação Onze é uma adaptação para a TV baseada no romance homônimo de Emily St. John Mandel, publicado no Brasil em 2015, com tradução de Rubens Figueiredo. A adaptação, uma minissérie de 10 episódios criada por Patrick Somerville e lançada em dezembro de 2021 pela HBO, acompanha um grupo de personagens no período que circunda uma pandemia de gripe conhecida como "Gripe da Geórgia", que mata a maior parte da população da Terra e faz com que o mundo como o conhecemos deixe de existir. Ao contrário do que seria esperado de uma narrativa pós-apocalíptica em que um evento cataclísmico – nesse caso, uma gripe letal e extremamente contagiosa – desencadeia uma regressão a um tempo de escassez de recursos, violência e barbárie retratado de maneira explícita e detalhada, *Estação Onze* foca na sobrevivência da cultura e, especialmente, no poder que têm as histórias nesse cenário catastrófico, acompanhando um grupo de artistas nômades que performa música clássica e peças de William Shakespeare para comunidades de sobreviventes. A história da Sinfonia Itinerante – que tanto no livro quanto na série de TV tem como lema a frase *"Porque sobreviver não é suficiente"* –, propõe a arte como caminho de manutenção da humanidade num sentido que ultrapassa a sobrevivência material imediata. Partindo de uma perspectiva que entende a ficção científica (Causo, 2003; Le Guin, 2019; Suvin, 2010) e suas manifestações (neo)distópicas (Atwood, 2011; Lima, 2022; Baccolini; Moylan, 2003) como território de disputa de futuros, e situando-a como instrumento de emancipação imaginativa que possa nos oferecer alternativas à realidade presente e às previsões catastróficas que ela sugere, esse trabalho propõe – através das contribuições de Garza (2024), Petit (2024) e Saavedra (2021) – uma análise da representação da arte e de seus objetos (com destaque para os livros), na minissérie *Estação Onze*, como elementos resilientes de uma humanidade precarizada nos cenários frequentemente concebidos em narrativas de fim do mundo.

Palavras-chave: Narrativas pós-apocalípticas; Neodistópico; Adaptação audiovisual; Arte; Futuro.

IMAGINÁRIOS DO ANTROPOCENO E VIRTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE JOGADOR NÚMERO 1 E NEUROMANCER

Rhuan Felipe Scomação da Silva (UEL)

A literatura de ficção climática, ou cli-fi, tem se consolidado como um campo relevante para a análise das intersecções entre cultura, tecnologia e crise ambiental. Nesse contexto, obras como *Jogador Número 1* (2011), de Ernest Cline, e *Neuromancer* (1984), de William Gibson, contribuem significativamente para o debate ecocrítico ao representarem futuros marcados pela degradação ambiental e pela virtualização da experiência humana. A partir de uma perspectiva ecocrítica, conforme delineada por Lawrence Buell, em *The Environmental Imagination* (1995), e Greg Garrard, em *Ecocriticism* (2004), é possível compreender essas narrativas como expressões de um imaginário ambiental em crise, no qual o espaço físico se torna progressivamente inóspito. Em *Jogador Número 1*, o colapso ecológico e socioeconômico conduz a população a uma fuga massiva para o ambiente virtual OASIS, evidenciando um deslocamento ontológico que reforça a alienação em relação ao mundo natural. A materialidade degradada do planeta funciona como pano de fundo silencioso, mas decisivo, para a adesão irrestrita à simulação digital. Em *Neuromancer*, por sua vez, a paisagem urbana distópica reflete os efeitos de um capitalismo avançado que opera de forma dissociada das limitações ecológicas. A ausência quase total de referências à natureza orgânica sugere um mundo em que o ambiente foi completamente subsumido pela lógica tecnocientífica. Essa configuração pode ser analisada à luz do conceito de hiper-realidade de Jean Baudrillard, formulado em *Simulacros e Simulação* (1981), segundo o qual a simulação substitui o real, apagando as fronteiras entre natureza e tecnologia. Ambas as obras dialogam, ainda que indiretamente, com o debate sobre o Antropoceno, conceito amplamente discutido por Dipesh Chakrabarty, especialmente em *The Climate of History in a Planetary Age* (2021), ao apresentarem cenários nos quais a ação humana levou a transformações irreversíveis no planeta. Nesse sentido, a cli-fi expande-se para além de narrativas explicitamente centradas nas mudanças climáticas, incorporando textos que tematizam as consequências sistêmicas da exploração ambiental e da mediação tecnológica da realidade. Assim, a leitura ecocrítica de *Jogador Número 1* e *Neuromancer* permite compreender como a literatura contemporânea articula formas de imaginar o colapso ambiental e suas implicações subjetivas, revelando que, mesmo em narrativas centradas na tecnologia, a ausência da natureza constitui, por si só, um potente indicador de crise ecológica.

Palavras-chave: Ecocrítica; Ficção Climática; Realidade Virtual; Colapso Ambiental.

ENTRE O PROGRESSO TÉCNICO E A ALIENAÇÃO SOCIAL: DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA, DESTRUIÇÃO DO PROCESSO DE PODER E ANSEIO EMANCIPATÓRIO EM “A MÁQUINA PARA” (1909), DE EDWARD MORGAN FOSTER

Samuel Nogueira da Silva Júnior (UFPB)

Esse trabalho tem como objetivo evidenciar e discutir a dependência tecnológica, a destruição do *processo de poder* e o anseio emancipatório em *A Máquina Para* (2011 [1909]), de Edward Morgan Foster (1879–1970). Para tanto, nós consideramos as contribuições de Leomir Cardoso Hilário (2003) e Tanja Galley (2008) acerca do que são e de como se constituem as narrativas distópicas na literatura, atribuindo atenção especial à tese apresentada por Hilário (2003), que defende o gênero distopia como uma ferramenta de análise radical da modernidade. Além disso, no que se refere à crítica à dependência tecnológica na sociedade industrial e no que consiste o processo de poder, utilizamos principalmente os pressupostos teóricos do matemático, neoludita e ecoanarquista Theodore Kaczynski (1942–2023), mais conhecido sob a alcunha de Unabomber, em *A Sociedade Industrial e o Seu Futuro* (2013 [1995]), obra dedicada a descrever e criticar a sociedade industrial e suas consequências. A partir desses subsídios teóricos, apresentamos uma breve análise do conto, nos atendo a destacar e discutir sobre as relações de dependência tecnológica, destruição do *processo de poder* e a possibilidade de resistência contra a opressão tecnológica, retratados no universo distópico da obra literária. Com isso, concluímos que a narrativa de Foster antecipa, de maneira diagnóstica, problemáticas de importância fundamental para a sociedade moderna, correspondentes ao avanço e domínio exponencial da técnica e ao destino da humanidade, considerando a tendência de priorizar o conforto tecnológico em detrimento da autonomia e o anseio pela emancipação.

Palavras-chave: distopia, dependência tecnológica, processo de poder, Edward Morgan Foster.

A DISTOPIA CRÍTICA EM A CURVA DO SONHO (2019) SOB A PERSPECTIVA COMPARATIVA DE PERSONAGENS

Sarah Barbosa Rosado Sampaio (UFPE)

Esta pesquisa traz uma breve análise do romance de ficção científica *A Curva do Sonho* (2019) – publicado originalmente em 1972 – da escritora estadunidense Ursula Le Guin como uma obra de distopia crítica com foco na dinâmica entre ciência e ética. O romance apresenta o impasse entre Dr. Haber e George Orr, sendo o primeiro um renomado psiquiatra e o segundo um paciente que consegue mudar a realidade através de seus sonhos. Ao longo de seu tratamento, George Orr percebe que o psiquiatra está manipulando as sessões para reescrever a realidade a seu modo com a justificativa de inovar a psicanálise e estabelecer um mundo melhor através da habilidade do paciente. Assim, o Dr. Haber personifica a ciência sem restrições legais e George ilustra a necessidade de limites éticos no âmbito científico. Com base nessa dinâmica, o objetivo deste trabalho é analisar os personagens George Orr e Dr. Haber como antagonistas no debate sobre os limites da ciência e suas consequências. A priori, é preciso considerar a estrutura e classificação da obra como ficção científica, de modo que a obra de Darko Suvin (1979) mostra-se indispensável, visto que considera a ficção científica como um novo estranho – *novum* – no qual a ciência se mistura à arte para explorar a variedade de possibilidades do homem e da realidade. Nessa definição, *A Curva do Sonho* tem como elemento principal a diferença entre os protagonistas e como cada um reproduz uma realidade diferente. Ademais, para analisar os personagens como parte de uma distopia crítica, utiliza-se a obra de Raffaella Baccolini e Tom Moylan (2003), que aborda principalmente a normalização da decadência distópica e o espaço para contestação dessa realidade que surge com a distopia crítica dos anos 80. Para desenvolver a pesquisa qualitativa bibliográfica de caráter analítico-comparativo, busca-se contrastar as dimensões psicológicas dos personagens Orr e Haber de modo a relacioná-las aos conceitos de distopia crítica propostos por Baccolini e Moylan (2003). Desse modo, espera-se que o contraste dos personagens indique a relevância desta narrativa como distopia crítica no contexto pós-moderno ao expor as consequências da priorização do progresso em detrimento da ética. Por fim, considera-se que a republicação do romance em 2019 e ressurgimento das distopias críticas na contemporaneidade podem ser sintomas do apelo pela revisitação dos temas explorados nessas obras, que urgem por uma mudança para evitar o colapso e a decadência mundial.

Palavras-chave: Distopia crítica; Ficção científica; Ursula Le Guin; George Orr; Dr. Haber.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Simpósio Temático 4

Expressões do Insólito em Línguas Estrangeiras

Coordenadoras:

Profª. Drª. Amanda Brandão A. Moreno (PROGEL/UFRPE)

Profª. Drª. Brenda Carlos de Andrade (PROGEL/UFRPE-PPGL/UFPE - CNPQ)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

O ESTRANHO E O ESTRANGEIRO: O FANTÁSTICO COMO FRATURA EPISTÊMICA EM LE MARIAGE DE LOTI, DE PIERRE LOTI

Camila Geovanna Alves da Silva (USP)

Apoiados nos estudos de Bernard Mouralis (1982), Tzvetan Todorov (1975, 1989) e Jennifer Yee (2016), partimos da premissa de que a literatura fantástica e o exotismo nutrem afinidades ao perturbarem a ordem convencional e familiar da representação da realidade pela aparição seja do estranho, para o primeiro, ou do estrangeiro, para o segundo. Nesse sentido, esta apresentação tem por objetivo analisar a aparição do fantástico através da representação do mito taitiano no romance *Le Mariage de Loti* (1880), de Pierre Loti. A princípio, o mito dos *toupapahous*, definidos como espíritos retornados dos mortos das comunidades indígenas do Tahiti, é introduzido pelo protagonista europeu com distanciamento etnográfico. A progressiva indigenização do protagonista culmina em sua crença nos referidos espíritos como aparições sobrenaturais, assim transformando-as num elemento fantástico dentro da narrativa. Nossa hipótese é que, longe de apenas convidar à hesitação diante do possível desmantelamento da ordem empírica da realidade, essa transformação simboliza uma fratura epistêmica entre o protagonista e a ideologia colonial. Finalmente, defendemos que a aparição do fantástico no romance, publicado uma década após a proclamação da Terceira República Francesa, regime que priorizou a intensificação e aperfeiçoamento do colonialismo (Lejeune, 1991), funciona como dispositivo de questionamento político e de provocação à vigilância e à censura imposta aos discursos anticoloniais (Manceron, 2003; Liauzu, 2007).

Palavras-chave: Literatura francesa; Mito; Fantástico; Exotismo.

ENTRE MONSTROS E RESISTÊNCIAS, A ESCRITA FEMININA EM MEIO À LITERATURA FANTÁSTICA NA AMÉRICA LATINA

Camila Kayssa Targino Dutra (UERN)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)

A literatura fantástica produzida por mulheres na América Latina tem se mostrado bastante diversa quando a temática envolve a monstruosidade. Nesse caso, autoras da contemporaneidade apresentam em suas obras figuras monstruosas construídas com elementos locais, que nos mostram violências de gênero, memórias de um passado colonial e desigualdades sociais que perpassam os diferentes territórios latino-americanos. Aqui, é importante destacar que o fantástico funciona além de uma simples ruptura com o real, e passa a constituir uma linguagem capaz de evidenciar traumas históricos bem como formas de resistências. Desse modo, esta pesquisa propõe uma análise comparativa entre os contos As coisas que perdemos no fogo,da obra homônima da escritora argentina Mariana Enriquez (2017) e o conto Corte – V Ventre do livro Sangue de Cabra da brasileira Mylena Queiroz (2025). Trata-se de pesquisa qualitativa, na qual buscamos compreender de que modo a monstruosidade é colocada nas obras, e de quais formas as personagens femininas são capazes de lidar com a monstruosidade. A pesquisa dialoga com os estudos sobre literatura fantástica, crítica feminista decolonial com María Lugones (2014), Rita Segato (2003; 2016), pensamento decolonial com Walter Mignolo (2002), escrita feminina, Zolin (2004), entre outros autores. Isso posto, esperamos demonstrar que o monstro, nessas narrativas, deixa de representar apenas a alteridade ameaçadora para se converter em um local de memória, resistência e reinvenção das subjetividades femininas latino-americanas.

Palavras-chave: Feminismo decolonial; América Latina; Literatura fantástica; Monstro; Escrita feminina.

VOZES SILENCIADAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO SILENCIAMENTO FEMININO EM THE STORY OF AN HOUR E THE YELLOW WALLPAPER

Camila Targino dos Santos (UEPB)
Waldir Kennedy Nunes Calixto (UEPB)

Na sociedade patriarcal do século XIX, o silêncio e a submissão feminina eram interpretados como virtude, enquanto a autonomia era vista como ameaça à ordem patriarcal. Diante desse cenário, este estudo analisa os discursos literários da escrita feminina da época para compreender a atualidade. O trabalho tem como foco uma análise comparativa entre os contos The Yellow Wallpaper (1892), de Charlotte Perkins Gilman, e The Story of an Hour (1894), de Kate Chopin, a partir dos pressupostos da Literatura Comparada, debruçando-se sobre a condição da mulher na sociedade patriarcal dos Estados Unidos do século XIX. Nesse percurso, considera-se também a presença do insólito ficcional como recurso de construção e representação das experiências das protagonistas, sobretudo na narrativa de Gilman, em que a percepção da narradora, a figura da mulher aprisionada e o papel de parede tensionam os limites entre realidade e subjetividade. Em Chopin, a epifania de Louise Mallard e o desfecho da narrativa estabelecem, por meio da ironia e da ruptura de expectativas, um diálogo comparativo com a representação da condição feminina presente em Gilman. Como aporte teórico, baseamo-nos nos estudos de Beauvoir (1980), Bourdieu (2012) e Mill (1869), entre outros autores vinculados às considerações sobre a subordinação feminina e as especificidades daquele período histórico. Na análise, percebemos que se consolida uma partilha cultural, cuja representação impulsiona as mulheres ao resgate de si e à autonomia. Ao aproximar as narrativas de Gilman e Chopin, este estudo demonstra que a literatura ultrapassa o campo da ficção para questionar estruturas históricas de dominação, utilizando diferentes estratégias narrativas para tensionar a realidade social e a experiência feminina.

Palavras-chave: século XIX; patriarcado; escrita feminina; submissão feminina.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA EM PEDRO PÁRAMO ATRAVÉS DO REALISMO MÁGICO E DO FANTASMAGÓRICO NO ROMANCE DE JUAN RULFO

Carilene Francisca da Silva (UFRPE)
Isabela Cristina Tavares da Silva (UFRPE)

Pedro Páramo, de Juan Rulfo, é reconhecido como uma obra fundamental da literatura, sendo obra inaugural do realismo mágico na América Latina e destaca-se pela construção de uma narrativa em que as fronteiras entre realidade e sobrenatural se mostram instáveis, constituindo um espaço rico para os estudos da literatura fantástica. Desta feita, este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira o fantástico se constitui na obra por meio da articulação entre o fantasmagórico e a memória, demonstrando como esses elementos estruturam a narrativa. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e interpretativo, cujo corpus é constituído pelo romance *Pedro Páramo*. A análise fundamenta-se nos pressupostos da literatura fantástica, especialmente em Todorov (2003) e nas discussões sobre o realismo mágico de Santos e Borges (2018); para os tensionamentos a respeito do fantasmagórico, adota-se Barbosa (2020) arranjados aos estudos sobre memória de Halbwachs (1990), Le Goff (1990) e Ricoeur (2007) . Busca-se identificar e interpretar momentos na obra em que as manifestações fantasmagóricas e a constituição do realismo mágico contribuem para as construções da memória na narrativa. Por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, as análises ainda são preliminares. Espera-se demonstrar que a memória, representada pelas vozes e presenças dos mortos da cidade de *Comala*, configura um dos principais recursos narrativos da obra, tensionando as fronteiras entre vida e morte, passado e presente, e contribuindo para a consolidação da dimensão fantástica do romance.

Palavras-chave: Pedro Páramo; literatura fantástica; memória; fantasmagórico.

ESPECTROS DO REMORSO E DA CONIVÊNCIA: O RETORNO DOS MORTOS COMO JUSTIÇA INSÓLITA EM RAIMUNDA TORRES Y QUIROGA E MARIANA ENRIQUEZ

Cristiane Elina Prates de Lima Gouveia Soares (Unifafire)

A presente proposta de comunicação analisa as manifestações do insólito ficcional na literatura argentina a partir de uma perspectiva de gênero, estabelecendo um diálogo entre o fantástico oitocentista e a produção contemporânea de autoria feminina. Para tanto, propõe-se um estudo comparativo entre os contos *La mancha de sangre*, de Raimunda Torres y Quiroga, pioneira da narrativa fantástica argentina no século XIX, e *Mis muertos tristes*, da escritora contemporânea Mariana Enriquez. No texto oitocentista, o elemento insólito manifesta-se por meio de uma mancha escura na parede, na verdade, o espectro do remorso, que consome progressivamente a sanidade e o corpo de um assassino após um crime passional. Por sua vez, Enriquez atualiza as convenções do horror urbano e social ao narrar a história de uma médica que, diferentemente das demais personagens, testemunha sem temor a presença de diversos fantasmas e assume a responsabilidade de lidar com eles, até se deparar com a fúria do espectro de um adolescente assassinado, o qual retorna para atormentar os vizinhos que, por covardia e preconceito, recusaram-lhe socorro. A análise fundamenta-se inicialmente nas contribuições de Fred Botting (2024) para a compreensão das bases da tradição gótica, articulando-as às reflexões de Remo Ceserani (2006) acerca da dimensão sociocultural do fantástico e às formulações de David Roas (2014) sobre o insólito como ruptura da ordem do real, de modo a investigar as permanências e transformações dessas convenções na literatura argentina contemporânea. Argumenta-se que ambas as narrativas convergem na utilização do sobrenatural como mecanismo de denúncia das violências e omissões humanas, convertendo o retorno dos mortos em uma forma de justiça insólita ou *justiça espectral* que atua precisamente onde as instituições terrenas fracassam. Desse modo, os contos evidenciam tanto a permanência de determinadas inquietações éticas no imaginário do fantástico argentino quanto o pioneirismo e a vitalidade da escrita de mulheres na consolidação do terror de língua espanhola.

Palavras-chave: Horror argentino; Espectralidade; Retorno dos mortos; Raimunda Torres y Quiroga; Mariana Enriquez.

ABJEÇÃO E SACRALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO INSÓLITO EM 'CARNE', DE MARIANA ENRIQUEZ

Diego Gabriel dos Santos Barbosa (UEPB)
Roberta Felinto Lira de Brito (UEPB)
Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)

A literatura de Mariana Enriquez destaca-se no cenário hispano-americano contemporâneo pela articulação entre horror, violência e elementos insólitos que tensionam os limites da realidade cotidiana. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a construção do insólito no conto "Carne", integrante da coletânea *Los peligros de fumar en la cama* (2016), a partir das categorias de abjeção e sacralização. Busca-se compreender como a transformação do cadáver do cantor Santiago Espina em objeto de devoção coletiva produz um efeito de inquietação e estranhamento no/a leitor/a. Como aporte teórico, utilizam-se as reflexões de Danielle Zaratin (2023) e Oscar Nestarez (2023) acerca do insólito contemporâneo, de Julia Kristeva (1980) sobre a abjeção e de Mircea Eliade (1992) sobre as relações entre o sagrado e o profano. A análise evidencia que o corpo morto, tradicionalmente associado à repulsa e à decomposição, é ressignificado pelas personagens como uma relíquia dotada de valor transcendental. Tal ressignificação articula práticas de devoção e de incorporação material do corpo do ídolo, fazendo com que o antropofagismo assuma uma dimensão ritual e afetiva. Ao transformar o consumo do cadáver em gesto de culto, a narrativa desestabiliza as referências convencionais da realidade e produz um efeito de inquietação no/a leitor/a. Entende-se, portanto, que o insólito em "Carne" configura-se pela coexistência entre o abjeto e o sagrado, produzindo uma forma de horror profundamente vinculada às experiências e às tensões do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Mariana Enriquez; Insólito; Abjeção; Sagrado; Literatura hispano-americana contemporânea.

A VIOLÊNCIA EM CONTOS DE JOYCE CAROL OATES: O GÓTICO E SEUS EXCESSOS

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

O gótico, nas obras da escritora norte-americana Joyce Carol Oates, é focado principalmente no excesso, na acepção de Botting (1996), por meio da obsessão, de sequências de assassinatos, de violência psicológica, do caráter abjeto, do grotesco; e na presença de eventos estranhos e personagens excêntricas e monstruosas. Em princípio são narrativas que parecem normais, mas que posteriormente revelam estranhamento, perturbação e horror. Os contos de Oates escancaram a violência que nos permeia, mostrando que os verdadeiros monstros somos nós. A escritora aborda uma violência muitas vezes banalizada, psicológica, reveladora do mal íntimo que culmina em um momento de epifania identitária. Neste sentido, este estudo tem o propósito de discutir o gótico em alguns contos de Oates, como "Jardim das bonecas", "Figuras Fósseis" e "Mãezona", sobremaneira os elementos deste modo de narrar que resvalam na transformação do ser humano em personalidades monstruosas assombradas por mentes perturbadas e doentias.

Palavras-chave: Literatura norte-americana; Gótico; Joyce Carol Oates; Violência; Mostruosidade.

FANTASMAS SE QUEIXAM NO PÓS-VIDA

Isabel Freitas Aguiar da Silva Bahé (UFRPE)
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

Uma história narrada por um fantasma, que conta através de um humor inquietante sobre sua morte súbita, sobre a venda de seu corpo e sobre episódios de necrofilia que acabam se associando à combinação inesperada com trâmites burocráticos. Esse mote leva a narrativa a um longo diálogo existencial. Esse é o panorama geral do conto "El retorno", de Roberto Bolaño, incluído na obra Putas asesinas (2001). Se nesse conto o autor se vale do já reincidente recurso ao narrador morto/narrador fantasma, em "Encuentro con Enrique Lihn", incluído na mesma obra, temos um recurso ao onírico, e um reincidente elo com a morte, quando o protagonista encontra-se com o autor indicado no título, já morto à época. Lihn reconhece sua condição e observa o mundo dos vivos como observador externo. O fato em si e a consciência da morte aproximam os dois contos, que constituem o corpus deste trabalho. Interessa-nos analisar como o recurso ao fantasmal é construído textualmente e como se institui como manifestação do insólito. A partir dessa premissa, analisamos como as personagens-fantasmas são construídas, operando uma leitura que convoca a narratologia ao mesmo tempo que busca entender o recurso à ironia e às reflexões existenciais como parte dessa construção. Integram o diálogo com a teoria, entre outros, os aportes de Costa (2023), para uma aproximação ao projeto literário de Bolaño; Roas (2001, 2011, 2012, 2014), Campra (2008), García, França e Pinto (2013), Fisher (2026), Delumeau (2009), Freud (2020) e Terêncio (2022) para uma discussão sobre o medo, o sinistro, a angústia e seu uso na literatura. O cotejo entre a teoria e a análise do texto literário permitirão delinear respostas sobre como o recurso ao fantasma repercute seus efeitos nos contos selecionados.

Palavras-chave: Insólito; conto; personagens; fantasmas; Roberto Bolaño.

MULHERES DESESPERADAS, ABANDONOS COMPARTILHADOS

Ísis Lima Reyfchnaider das Chagas (UFRPE)
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

Samanta Schweblin é uma autora argentina que se alinha a uma vertente bastante forte da produção literária latino-americana atual escrita por mulheres, e se dedica a esboçar articulações entre o horror, o terror, a violência e o abjeto articulados às experiências de mulheres em espaços contemporâneos, Sejam eles urbanos ou não. O recurso ao insólito nessas produções tem sido algo recorrente e potencializa os efeitos que se pretende alcançar, em particular aqueles relacionados a evidenciar mazelas sociais, inconsistências e vilezas do contemporâneo e experiências limítrofes, que beiram a desrazão ou a insustentabilidade do atual estado de coisas no mundo. Em "Mujeres desesperadas", conto a cuja análise se dedica este trabalho, a autora apresenta a protagonista Felicidad, uma recém casada que é abandonada pelo marido à beira da estrada, enquanto ainda usava seu vestido de noiva (imagem muito recorrente na literatura de terror). Os eventos que se seguem a esse momento inicial convocam o insólito e possibilita o debate sobre relações afetivas e suas fragilidades e como à mulher costuma-se destinar as piores consequências. Nossa análise objetiva perceber como a autora argentina recorre ao insólito para a construção narrativa e como esse recurso pode ou não contribuir para a apresentação das percepções críticas à sociedade e, em particular, ao lugar ocupado por mulheres. Busca-se ainda analisar as relações entre mulheres apresentadas no texto, discutindo as contradições que elas encerram. Como escopo teórico inicial, recorremos aos estudos do insólito ficcional (Campra, 2008; García, 2012, entre outros); aos conceitos de horror e abjeção (Carroll, 1999; Kristeva, 1982), para compreender a desconstrução da imagem da noiva e às teorias de gênero e violência simbólica, para cuja análise convocamos Rita Segato (2003), entre outras. A partir da articulação entre teoria e análise do texto literário, esboçamos como o horror e a violência de gênero se cruzam no conto em questão.

Palavras-chave: Gênero; insólito; conto; Mariana Enríquez; Mujeres desesperadas.

ASSOMBRAÇÕES DO COTIDIANO: O INSÓLITO NA VIDA COMUM EM AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO, DE MARIANA ENRIQUEZ

João Allex Soares Mendes (UFRPE)
Iêdo de Oliveira Paes (UFRPE)

A literatura fantástica contemporânea latino-americana tem deslocado o insólito das estruturas tradicionais do sobrenatural para os espaços cotidianos marcados pela violência social, pelo trauma e pela precariedade existencial. Nesse contexto, a obra As coisas que perdemos no fogo (2017), da escritora argentina Mariana Enriquez, apresenta narrativas em que o horror emerge de experiências ordinárias atravessadas por desigualdade, abandono, medo e deterioração subjetiva. Partindo dessa perspectiva, este trabalho propõe analisar como o insólito se manifesta na vida comum a partir da construção de atmosferas de estranhamento e de personagens situados em contextos urbanos degradados. O corpus da pesquisa concentra-se em contos selecionados da obra, especialmente aqueles em que o cotidiano é tensionado por acontecimentos ambíguos, espectrais ou perturbadores, sem romper completamente com a realidade objetiva. O objetivo central consiste em investigar de que modo Enriquez articula elementos do fantástico e do gótico contemporâneo para representar violências sociais e afetivas presentes na experiência latino-americana recente. Como fundamentação teórica, a pesquisa dialoga com as contribuições de Tzvetan Todorov acerca do fantástico, com as reflexões de David Roas sobre o insólito contemporâneo e com estudos relacionados ao gótico latino-americano e às narrativas do horror social. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e interpretativo, privileged a análise textual dos contos selecionados. Observa-se que o horror na obra de Enriquez não depende exclusivamente da presença do sobrenatural, mas da deformação do cotidiano e da instabilidade emocional das personagens, produzindo uma sensação constante de ameaça e desconforto. Conclui-se, assim, que o insólito contemporâneo, na escrita da autora, funciona como uma linguagem crítica capaz de evidenciar traumas coletivos, ruínas sociais e formas de violência naturalizadas na vida urbana latino-americana.

Palavras-chave: Fantástico; Insólito; Mariana Enriquez; Horror contemporâneo; Literatura latino-americana.

¿CUÁLES SON LOS FACTORES QUE PROPICIAN LA APARICIÓN DE LA LITERATURA FANTÁSTICA EN LATINOAMÉRICA?

Juan Ignacio Jurado-Centurión Lopez (UFPB/PPGL)

El miedo a lo desconocido fue y sigue siendo un impulsor de seres y entidades que, disfrazados de una manera más o menos horripilante, estimulan el imaginario de una humanidad incapaz de responder a los enigmas que su propia existencia le plantea desde el comienzo de la vida en sociedad. Mas cabe una cuestión: ¿quién sería el idealizador de semejante ser monstruoso y, claro está, el artífice de la punición prometida por este ser maligno? Sin duda, sería una cabeza más lúcida que la del resto de los integrantes de la comunidad, alguien encargado de definir la forma y atributos de cada uno de estos seres horripilantes. El hechicero, el brujo, el sacerdote, etc., daría una forma plausible y aceptable para todos estos seres fantásticos. Incluido por méritos propios dentro de la élite de la sociedad, el hechicero forjaba este ser de acuerdo con una serie de necesidades siempre ligadas a un mismo objetivo: el control social. Con esta premisa, el imaginario fantástico atraviesa épocas y diferentes sociedades y va materializándose a través de la literatura oral, los bestiarios, los primeros registros de historia natural, etc., hasta llegar a nuestros días y plasmarse en diferentes aspectos de nuestra vida, para exorcizar, de forma más o menos clandestina, nuestros miedos. En el caso concreto de Latinoamérica, el encuentro de diferentes culturas con lo desconocido fue el caldo de cultivo perfecto para el surgimiento de narrativas que, entre la incredulidad y la dificultad de comprender aquello que tenían delante, intentaron recrear el paisaje que se presentaba ante sus ojos. Desde los primeros textos colombinos hasta las narrativas fantásticas del Realismo maravilloso, todos intentaron retratar este Nuevo Mundo con altas dosis de fantasía. Con el auxilio teórico de autores como Cedomil Goic, Tzvetan Todorov o Câmara Cascudo, entre otros, vamos a recorrer, de modo cronológico, el panorama literario latinoamericano para intentar comprender cuáles fueron los factores que propiciaron este surgimiento. Para responder a nuestro objetivo, partiremos de la conceptualización del género fantástico y de sus antecedentes míticos para llegar al contexto latinoamericano y, a través de autores tanto del período colonial como de épocas posteriores, observar las manifestaciones del género fantástico. Nombres como Colón, Montalvo, Quiroga, Lugones, Darío, Carpentier y Cortázar estarán en esta reflexión.

Palabras clave: Literatura fantástica; Literatura latinoamericana; Mito; Discursividad colonial.

O WEIRD COMO EXPRESSÃO DO INSÓLITO CONTEMPORÂNEO: A RECONFIGURAÇÃO EM THE BALLAD OF BLACK TOM, DE VICTOR LAVALLE

Kleiton da Silva (UFRN)

Consolidada entre o final do século XIX e o início do século XX, a weird fiction permanece produtiva na literatura contemporânea como uma expressão do insólito capaz de se reconfigurar diante de novos contextos históricos e culturais. O presente trabalho investiga como The Ballad of Black Tom (2016), de Victor LaValle, reconfigura o weird como expressão contemporânea do insólito por meio de uma reescrita de The Horror at Red Hook (1927), de H.P. Lovecraft. A presença de The Horror at Red Hook no corpus justifica-se pela necessidade de examinar as operações de reescrita que permitem a LaValle retomar e reorientar elementos estruturantes da tradição weird. O objetivo é analisar de que maneira LaValle transforma o funcionamento do horror, fazendo coexistir a intrusão cósmica e uma experiência histórica de violência racial no Harlem dos anos 1920, sem abandonar a matriz estética da ficção weird. A abordagem teórica articula as formulações de China Miéville (2009), Roger Luckhurst (2017) e Mark Fisher (2016), complementadas pela reflexão de Jeffrey Andrew Weinstock (2016) e pelo conceito de reescrita de Linda Hutcheon (2013). A pesquisa, de natureza qualitativa, bibliográfica e interpretativa, examina de que modo procedimentos narrativos específicos de The Ballad of Black Tom, como a reorientação da perspectiva narrativa e a reorganização dos elementos de horror cósmico presentes no texto-fonte, transformam o sentido da intrusão weird sem descartar sua estrutura formal. Os resultados indicam que a reescrita de LaValle preserva os mecanismos centrais de produção do horror associados à tradição weird, ao mesmo tempo em que os submete a uma reorientação de sentido que incorpora a violência histórica como categoria tão perturbadora quanto o desconhecido. Conclui-se que essa operação amplia as possibilidades estéticas e políticas da weird, deslocando-a de uma discussão estritamente formal sobre suas convenções de gênero para uma discussão sobre os usos que essa forma do insólito pode assumir quando apropriada por vozes historicamente excluídas de sua tradição fundadora.

Palavras-chave: Weird; reescrita; horror cósmico; insólito.

NUZO ONOH E O HORROR AFRICANO SOBRENATURAL DE LÍNGUA INGLESA

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE)

Reconhecida como uma das vozes mais proeminentes do *African horror* (Duncan, 2019), a escritora nigeriana Nuzo Onoh é autora de diversas obras do gênero, ainda inéditas no Brasil. Sua coletânea *Unhallowed Graves*, publicada em 2015, é uma das pioneiras e destacase por articular elementos da "imaginação africana" (Irele, 2001), experiências coloniais e memórias da diáspora com narrativas sobrenaturais que tornam os mortos uma presença ativa sobre os vivos. Reunindo três contos longos — "*The unclean*"; "*Night Market – Oja Ale*"; e "*Our bones shall rise again"* —, a obra inscreve-se no gênero do horror por meio de histórias que exploram fantasmas, maldições, vinganças e tradições ligadas aos rituais e ao culto da morte. As narrativas giram em torno de personagens cujas mortes são consideradas "impuras", isto é, corpos não tratados segundo as normas culturais. Assim, o próprio título da obra antecipa a noção de que a morte, quando desprovida de ritos e significação apropriadas, pode gerar perturbações no equilíbrio entre o mundo dos vivos e o dos mortos. O trabalho analisa de que forma os contos se inserem esteticamente na tradição do horror sobrenatural e gótico, observando como o cenário interdiscursivo entre literatura e cultura (Quayson, 1997) se transforma em um prisma crítico para (re)pensar a representação de costumes tradicionais, tensões pós-coloniais e o peso do passado – histórico e pessoal – no contexto de produção dessas narrativas.

Palavras-chave: Nuzo Onoh; Literatura nigeriana; Horror africano; Sobrenatural; Póscolonial.

COISAS NÃO DITAS: SILÊNCIO E OUTRAS FORMAS DE SIGNIFICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO INSÓLITO EM MANSÃO GALLANT, DE V. E. SCHWAB

Luan Fábio Fontes da Silva (UFPE)
George Henrique Soares de Menezes(UFPE)
Samara de Araújo Lins (UFPE)

Este trabalho propõe, a partir de uma metodologia qualitativa, realizar uma análise do romance "Mansão Gallant", de V. E. Schwab, publicado em 2022, a partir das relações entre insólito, silêncio e diferentes formas de comunicação e significação. A narrativa acompanha Olivia Prior, uma jovem que, marcada pela ausência da fala e pela impossibilidade de conhecer plenamente sua própria história, chega à Mansão Gallant após receber uma carta misteriosa de seu tio, encontrando naquele espaço uma realidade que progressivamente desafia os limites entre o mundo cotidiano e o sobrenatural. Embora o romance mobilize elementos recorrentes da literatura fantástica e da narrativa gótica, propõe-se aqui um deslocamento interpretativo: investigar de que modo o insólito é construído e comunicado não apenas por meio de acontecimentos sobrenaturais, mas também através de silêncios, gestos, escritas, desenhos, objetos, percepções e outras formas de significação que atravessam a narrativa. Para tanto, parte-se das contribuições de Tzvetan Todorov (2017) acerca do fantástico e da instauração da hesitação diante de acontecimentos que tensionam as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. Em diálogo com essa perspectiva, recorre-se a David Roas (2014), compreendendo o insólito como uma transgressão dos códigos que organizam a realidade e produzem sua aparente estabilidade. Paralelamente, mobilizam-se as contribuições de Roland Barthes (2011) para refletir sobre os processos de significação presentes no texto e sobre a maneira como elementos aparentemente secundários podem assumir função significativa na construção narrativa. Recorre-se ainda a Maurice Merleau-Ponty (1999), especialmente às suas reflexões sobre expressão, percepção e linguagem, a fim de compreender a comunicação para além da palavra falada e problematizar a aparente oposição entre silêncio e linguagem. Sustenta-se como hipótese que Mansão Gallant constrói o insólito por meio de uma lógica de comunicação que ultrapassa a linguagem verbal: aquilo que não é dito encontra outras formas de manifestação e, ao mesmo tempo em que produz sentidos, participa da desestabilização da realidade ordinária. Assim, o silêncio de Olivia não será compreendido como mera ausência comunicativa, mas como parte de uma rede de significações que articula personagem, espaço,

linguagem e sobrenatural. Pretende-se, logo, contribuir para os estudos acerca da literatura fantástica contemporânea, evidenciando como Schwab explora diferentes modalidades de expressão para fazer do não dito não apenas uma lacuna narrativa, mas um procedimento de construção do insólito.

Palavras-chave: Mansão Gallant; Insólito; Silêncio.

O INSÓLITO FAMILIAR EM CONTOS DE CECÍLIA EUDAVE E SAMANTA SCHWEBLIN

Maria Stella Galvão Santos (UFRN)

Este trabalho propõe uma leitura comparada dos contos *Una noche de invierno es una casa*, da escritora mexicana Cecilia Eudave, e *Nada de todo eso*, da argentina Samanta Schweblin, com o objetivo de investigar a configuração do insólito familiar no fantástico contemporâneo produzido por autoras hispano-americanas. Parte-se da hipótese de que, em ambas as narrativas, espaços e relações associados ao cotidiano e à intimidade deixam de operar como instâncias de segurança e estabilidade para converter-se em zonas de desestabilização da experiência, nas quais as fronteiras entre o familiar e o estranho se tornam porosas. No conto de Eudave, a casa em ruínas que um casal insiste em restaurar configura uma metáfora da progressiva dissolução do vínculo conjugal: as fissuras da construção correspondem à deterioração da relação, tornando o espaço uma materialização da precariedade afetiva. Em *Nada de todo eso*, de Samanta Schweblin, a perturbação do familiar se constrói a partir da relação entre a narradora e sua mãe, cuja prática recorrente de apropriação de objetos retirados de outras casas atravessa a memória da filha desde a infância. O deslocamento desses objetos para o espaço doméstico materno desestabiliza as noções de propriedade, pertencimento e intimidade, fazendo da casa um lugar em que as fronteiras entre o próprio e o alheio, o familiar e o estranho, permanecem permanentemente tensionadas. A análise fundamenta-se nas contribuições de Sigmund Freud acerca do infamiliar, de Tzvetan Todorov, Irène Bessière, David Roas e Rosalba Campra sobre o fantástico e o insólito, articuladas às reflexões de Patricia García sobre o espaço fantástico como instância de transgressão e desestabilização das fronteiras que organizam a experiência do real. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e comparatista, orientada pela análise textual das narrativas. Os resultados parciais indicam que, nas duas narrativas, o insólito não decorre da irrupção de um elemento sobrenatural, mas da transformação de experiências de contexto familiar em circunstâncias marcadas pela desestabilização. O espaço, longe de funcionar como mero cenário, participa da produção do estranhamento ao revelar a fragilidade das fronteiras que estruturam o cotidiano. Conclui-se que Eudave e Schweblin reelaboram procedimentos recorrentes do fantástico contemporâneo, ao explorar situações nas quais o conhecido se torna perturbador e o previsível se dissolve a cada desdobramento do relato, fazendo emergir o insólito no interior daquilo que se reconheceria como familiar.

Palavras-chave: Fantástico contemporâneo; Espaço doméstico; Intimidade; Insólito; Conto hispano-americano.

DA CAPTURA À ILEGIBILIDADE: ABJEÇÃO E MONSTRUOSIDADE FEMININA EM "LEILÃO", DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Mylena de Lima Queiroz (UECE)

Esta pesquisa investiga as relações entre abjeção, monstruosidade feminina e horror latino-americano contemporâneo a partir do conto "Leilão", integrante da obra Rinha de Galos (2021), da escritora equatoriana María Fernanda Ampuero. Objetiva-se analisar de que modo a narrativa mobiliza a abjeção e a monstruosidade não exclusivamente como signos de degradação ou perda de humanidade, mas como estratégias de recusa às lógicas de captura e mercantilização do corpo feminino. A proposta insere-se no campo dos estudos do insólito em diálogo com perspectivas feministas decoloniais, articulando contribuições teóricas de Barbara Creed (2022), Yuderkys Miñoso (2020), Sayak Valencia (2024), Josefina Ludmer (2013), Julia Kristeva (1982) e Teresa López-Pellisa (2019) para esmiuçar, na narrativa, elementos relacionados ao horror, à colonialidade de gênero e ao capitalismo gore. As análises direcionam para o entendimento que Ampuero desloca a monstruosidade do campo da degradação para o da insurgência, convertendo o corpo abjeto em uma tecnologia de ilegibilidade capaz de interromper, ainda que precariamente, os mecanismos de objetificação e circulação do corpo feminino. Observa-se, ainda, que o insólito opera como prática de desobediência narrativa ao desestabilizar os regimes de inteligibilidade que sustentam a violência, expondo criticamente as estruturas de mercantilização e hierarquização dos corpos na América Latina. Na narrativa de Ampuero, a monstruosidade feminina aponta para uma estratégia de enfrentamento às formas de violência produzidas pela colonialidade de gênero e pelo capitalismo gore, evidenciando o potencial do horror latino-americano de autoria feminina como espaço de reinvenção estética e das possibilidades de desobediência.

Palavras-chave: Horror latino-americano; Insólito; María Fernanda Ampuero; Monstruosidade feminina; Colonialidade de gênero.

UMA GALINHA SOZINHA TECE UMA MANHÃ: DEFORMIDADE E ABJEÇÃO NO CONTO "LEILÃO", DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Raul da Rocha Colaço (UFPE)

Em "Leilão", conto pertencente ao livro *Rinha de galos*, da autora equatoriana María Fernanda Ampuero (2021), acompanha-se o sequestro noturno de pessoas comuns com o fim de serem vendidas a outros criminosos mais perigosos. A depender das vantagens que cada raptado pode oferecer aos bandidos licitantes, lances são dados para arrematá-los. À medida que os reféns vão sendo leiloados, a protagonista da narrativa rememora alguns momentos da sua infância, quando participava, com o pai, de eventos de briga de galos. Essa experiência pregressa de machismo e de violência lhe dá repertório para enfrentar a situação ameaçadora atual, com as aves de rinha lhe servindo de inspiração na luta pela própria vida. Ante o exposto, este trabalho se lança a identificar e a apreciar os elementos fantásticos presentes no conto, com o auxílio de David Roas (2014), no que diz respeito à diferenciação do fantástico do século XIX e o fantástico contemporâneo, como também com a sua definição de *medo físico ou emocional*; de Remo Ceserani (2006), no que concerne a alguns procedimentos narrativos e retóricos utilizados pelo modo fantástico, a exemplo de *a passagem de limite e de fronteira* e *a teatralidade*, bem como por meio de alguns dos sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica, a saber: *o indivíduo, sujeito forte da modernidade, a loucura, o duplo* e *a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível*; de Pilar Calveiro (2013), ao esmiuçar as estratégias de resistência empregadas pelos desaparecidos da ditatura argentina, que, de certa forma, também são aplicadas pela protagonista da narrativa; de Jean Delumeau (2009), ao situar, historicamente, a mulher como um ser associado a Satã; e de Luciano Cabral (2022), ao abordar o medo e as monstruosidades na literatura brasileira (o que, com as devidas ressalvas, é passível de ser estendido a outras obras da literatura latino-americana). Diante disso, pode-se afirmar que o fantástico não se manifesta, no texto de Ampuero, por meio da presença efetiva de um elemento sobrenatural, mas sim pela transgressão da linguagem, pela constatação da falta de nexo do mundo extratextual, pela perplexidade em relação à deformidade e à abjeção do mundo real.

Palavras-chave: Monstruosidade; Insólito; Fantástico; Poéticas do mal; María Fernanda Ampuero.

OS DOIS EXTREMOS DO WEIRD – UMA ANÁLISE DOS CONTOS DE LOVECRAFT E BLACKWOOD

Renan Gerundo Hornes (FURG)

Em 1927, H. P. Lovecraft publicou a obra “O Horror Sobrenatural na Literatura”, na qual ele expõe um panorama dos autores e dos estilos de sua predileção, indicando os acertos e erros de seus predecessores. No capítulo final, ele dedica um espaço para os quatro “Mestres Modernos”: Arthur Machen (1863-1947), Algernon Blackwood (1869-1951), Lord Dunsany (1878-1957) e M. R. James (1862-1936). Aquilo que S. T. Joshi denomina de *Weird* Tradicional é marcado pelas obras desses quatro autores e do próprio Lovecraft, que apresentam diferentes maneiras de se produzir o conto *weird*. Dentro desse escopo, busca-se demonstrar de que forma a construção narrativa de Lovecraft se assemelha, e na mesma medida se distancia, de Blackwood. A partir da análise dos contos “Nas Montanhas da Loucura” de Lovecraft e “Os Salgueiros” de Blackwood, busca-se demonstrar de que forma esses autores produziram suas narrativas e por quais razões eles representam extremos dentro da literatura *weird*. Nas obras de Lovecraft, as criaturas e divindades apresentavam uma forte indiferença com relação ao ser humano. Em seus contos os personagens atuam como descobridores de uma porção encoberta da natureza e que nada podem fazer a seu respeito. Lovecraft transporta as questões de moralidade relacionadas aos monstros em contos de horror, que geralmente são focadas em protagonistas ou grupos de personagens, para questões de cunho existencialista. Caso seu monstro se manifeste, não será um ataque direcionado a um personagem, mas sim à existência humana. Ao contrário desse *weird* pessimista de Lovecraft, temos no outro extremo as obras de Algernon Blackwood e o “*weird* otimista”, como chama S. T. Joshi. Isso acontece porque Blackwood tipicamente vê o ser humano como uma parte íntima do cosmos, e não como uma pequena excrescência sobre ele. Sua visão de mundo é muito mais positiva e construtiva, na medida em que ele busca demonstrar como sua filosofia pode realmente funcionar no mundo. Enquanto o conto de Lovecraft buscava causar medo no leitor, ao ler as obras de Blackwood questiona-se a possibilidade de ele sequer ter tentado transmitir essa mesma sensação em algum de seus contos. Sendo assim, a presente pesquisa busca, partindo da análise dos contos desses dois autores, demonstrar de que forma cada um deles produziu suas histórias e quais os elementos que aproximam e distanciam as suas obras. O intuito aqui é responder a seguinte questão: como dois autores tão diferentes fazem parte desse mesmo gênero literário denominado *weird*?

Palavras-chave: H. P. Lovecraft; Algernon Blackwood; Literatura Weird

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

"UMA MURALHA PARA MANTER OS OUTROS A DISTÂNCIA": ALTERIZAÇÃO E DISCURSOS SOBRE IMIGRAÇÃO EM "AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO", DE GEORGE R. R. MARTIN

Rodrigo Cavalcanti de Andrade (UFPE)

O presente trabalho analisa de que forma a obra de ficção *As Crônicas de Gelo e Fogo* (1996-presente), de George R. R. Martin, tece comentários acerca de questões como os discursos sobre imigração nos Estados Unidos da América, especificamente durante o primeiro mandato do presidente Donald Trump. Os livros atualmente publicados na série foram analisados sob a perspectiva do pós-modernismo, com foco no terceiro livro, *A Tormenta de Espadas* (2000). Este trabalho buscou então conectar a teoria literária pós-modernista aos estudos pós-coloniais, entendendo os discursos sobre imigração como um tema urgente no presente clima político internacional. Para tal, o trabalho de Martin foi estabelecido como uma obra profundamente pós-modernista, usando pequenas narrativas (Lyotard, 1984) por meio de seu estilo narrativo onde cada capítulo é apresentado sob a perspectiva específica de um personagem, além de usar amplamente a pastiche de uma estética medievalista para lidar com questões da atualidade no capitalismo tardio (Nicol, 2009; Eco, 2002). Uma dessas questões atuais presente na narrativa é como um grupo dominante exclui uma minoria, eliminando sua identidade de modo a justificar exclusão e violência, conhecido nos estudos sociopolíticos como "alterização" (Bauman, 2004; Said, 1978; Spivak, 1985). Este trabalho defende que, na condição de literatura pós-modernista, a obra analisada comenta abertamente como tal alterização pode nascer de conflitos e como este processo afeta o modo como indivíduos vêem um grupo oposto, justificando violência e exclusão. Concluiu-se que, ao mostrar o processo de alterização pela perspectiva de um personagem que teve contato significativo tanto com o grupo dominante quanto com o grupo excluído, esta obra de fantasia se conecta a um processo similar de alterização de imigrantes, que se intensificou exponencialmente nos Estados Unidos entre 2017 e 2020 durante o primeiro termo da presidência de Donald Trump.

Palavras-chave: Pós-modernismo; Alterização; Literatura Fantástica; Pós-Colonialismo; Discursos sobre Imigração.

INFINITA CIRCULARIDADE, A MEMÓRIA

Williane Tainara de Andrade Ferreira (UFRPE)
Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE)

O autor argentino Jorge Luis Borges pôs à disposição do mundo uma produção tão profícua quanto complexa, a cual percorre em filigrana uma teia muito ampla de ramificações temáticas. O olhar que lança para elas pode adquirir as mais diversas feições, convocando o insólito, o absurdo e o exagerado como parte da composição textual que apresenta. Entre essas exagerações e absurdos, aparecem o tema da memória total e da biblioteca infinita, dos quais se ocupa este trabalho. O tema não é novo mas, como apregoa Ítalo Calvino, um clássico da literatura é aquele que insiste em demandar a atenção daqueles que o seguem (re)lendo. Ratificando a premissa do autor italiano, este trabalho se propõe a apresentar uma leitura possível dos contos "Funes, el memorioso" e "La biblioteca de Babel". Interessa-nos analisar como o recurso à memória se articula ao manejo textual do insólito para criar efeitos de sentido particulares, os quais constituem o cerne da produção borgeana. Para o diálogo teórico, convocamos autores como Sarlo (2007), Assman (2011), Nora (1993), Alazraki (2001), Ceserani (2006), Campra (2008), para dar conta tanto da revisão sobre a memória e o fantástico como da fortuna crítica do autor dos contos analisados. A partir do cotejo entre o arcabouço teórico e a leitura crítico interpretativa dos contos, pretende-se detalhar como se efetuam as relações entre a memória e a literatura fantástica em termos de construção textual e que efeitos elas geram em nosso horizonte de expectativa.

Palavras-chave: Memória; fantástico; Jorge Luis Borges; Funes, el memorioso; La biblioteca de Babel.

CONALIF
II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA
Sertões Espectrais

Simpósio Temático 5

Do Real-maravilhoso às Configurações do Real Animismo: Diversas Encantarias e Maravilhas Narrativas

Coordenadores:

Profª. Drª. Carolina de Aquino Gomes (PPGEL/UFPI)

Prof. Dr. Gregório Foganholi Dantas (PPGLetras/UFGD)

ISBN (digital) 978-65-82877-34-6

ENTRE O FOLCLORE E A FICÇÃO (CIENTÍFICA?): SCIENCE-FOLK, IMAGINÁRIOS TECNOCIENTÍFICOS E COSMOLOGIAS VERNACULARES NO BRASIL FANTÁSTICO

Cláudio A.C. Moura (NUPLIFIT/PPGEL/UFPI)

A presente comunicação propõe o conceito de *science-folk* como categoria analítica historicamente situada para compreender a assimilação de imaginários tecnocientíficos por cosmologias vernaculares. Em vez de designar um gênero literário, o termo descreve um processo de tradução ontológica pelo qual motivos associados ao discurso científico e à ficção científica, como extraterrestres, discos voadores, tecnologias anômalas, deslocamentos temporais e criaturas especulativas, passam a integrar sistemas de crença vivida e inteligibilidade cultural. A proposta parte da constatação de que as fronteiras modernas entre ciência, mito, tecnologia, magia, racionalidade e crença permanecem permeáveis na prática cultural. Nesse sentido, dialoga com a crítica de Foucault (1970) aos regimes classificatórios, com a noção de purificação de Latour (1993) e com o conceito de estranhamento cognitivo de Suvin (1979). Metodologicamente, a comunicação articula reflexão conceitual, estudos do folclore, teoria do fantástico, antropologia e análise literária. Para demonstrar o funcionamento do *science-folk*, examina casos brasileiros documentados, especialmente a Operação Prato, de 1977-1978, a Noite Oficial dos OVNIs, de 1986, e o caso do ET de Varginha, de 1996. Tais episódios revelam como investigações militares, registros técnicos, testemunhos, rumores, interpretações sobrenaturais e classificações populares coexistem sem que um sistema explicativo elimine necessariamente o outro. Em razão da adaptabilidade das tradições orais discutida por Ong (1982), o fenômeno anômalo torna-se culturalmente legível por meio de categorias previamente disponíveis nas cosmologias locais, conforme a concepção dinâmica de folclore formulada por Cascudo (1939). Na sequência, realiza-se uma leitura de *O Auto da Maga Josefa* (2018), de Paola Siviero, obra de fantasia na qual elementos associados à ficção científica, como discos voadores, o chupacabras e o deslocamento temporal, não provocam ruptura genérica, mas são absorvidos por um universo narrativo estruturado pelo encantamento, pela relacionalidade e pela permeabilidade ontológica. Desse modo, a categoria é apresentada como provisória e portátil, devendo ser testada em outros contextos culturais, em diferentes comunidades e formações históricas da modernidade global, e distinguida da desinformação, das teorias conspiratórias e dos usos estratégicos da linguagem científica na cultura contemporânea global (Barkun, 2003). Conclui-se que o *science-folk* permite descrever a transformação do estatuto ontológico de

motivos tecnocientíficos quando circulam fora dos sistemas institucionais que os produziram. Sem substituir conceitos como *folkloresque* (Foster; Tolbert, 2016) ou lenda contemporânea (Dégh, 2001; Ellis, 2001), a categoria evidencia como cosmologias vernaculares reinterpretam ativamente a modernidade tecnológica. Assim, a tecnologia não elimina o mito: torna-se significativa por meio dele e, em determinadas condições, converte-se em folclore.

Palavras-chave: Science-folk; Cosmologias vernaculares; Imaginários tecnocientíficos; Insólito ficcional brasileiro.

A VIDA COTIDIANA DOS MAGOS: ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DO REALISMO DENTRO DAS NARRATIVAS DE FANTASIA

Cristhiano Aguiar (UPM)

Esta comunicação, que se conecta ao projeto de pesquisa Imagens da subjetividade: o fantástico nos séculos XX e XXI, se propõe a pensar de que forma narrativas de Fantasia utilizam procedimentos tipicamente relacionados ao romance realista como forma de construir uma verossimilhança interna. Embora os mundos ficcionais das narrativas de Fantasia sejam marcados pelo maravilhoso e pela magia, esta vertente da literatura insólita não deixa de reconfigurar procedimentos típicos da prosa de ficção moderna. A Fantasia e o Insólito, portanto, não se desenvolvem à parte de uma tradição mais canônica e realista. Pelo contrário, o Insólito é uma das facetas da "ascensão do romance" e nossa leitura desenvolverá esta hipótese. Para a nossa análise, selecionaremos trechos de obras escritas por J.R.R Tolkien e Ursula K. Le Guin: *A sociedade do anel* e *O feiticeiro de Terramar*. A moldura teórica da leitura passará pelas perspectivas sobre romance e discurso ficcional tal como pensadas por Ian Watt, Bakhtin, Auerbach e James Wood.

Palavras-chave: Fantasia; Romance; Realismo; Teoria do Romance.

VOZ FEMININA E ENCANTARIAS EM TORTO ARADO E SALVAR O FOGO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Gabriel Rodrigues de Morais (UFRPE)
João Batista Pereira (UFRPE)

Este trabalho visa a analisar os romances *Torto arado* e *Salvar o fogo*, de Itamar Vieira Junior. Calcado nos condicionantes teóricos propostos por Lélia Gonzalez (2020), sobre a categoria da amefricanidade e a participação da mulher negra na sociedade brasileira; por Antonio Candido (2017), acerca das representações de ideias e grupos marginalizados na literatura; por Antônio Bispo dos Santos (2023), a partir da ideia de confluência e contracolonialismo; e, finalmente, de Gabriel Banaggia (2015) e Glicélia Tupinambá (2024), sobre o culto aos caboclos e aos encantados na região da Bahia. Sob a abordagem dialética, na qual as inferências estéticas exigem apreender o texto literário associando fundo, forma e conteúdo, invocando o externo para auxiliar na interpretação da fatura textual, adotamos como categoria analítica a maneira como a voz feminina e as encantarias são representadas através das personagens dos romances. Nessa perspectiva, apropriamo-nos do conceito de Gonzalez, acerca da ladino-amefricanidade do povo brasileiro, e da ideia da confluência, para Bispo dos Santos, a fim de compreender como o jarê e a pajelança cabocla (na cosmovisão dos Tupinambás de Olivença) constituem traços fundamentais na composição das personagens Belonísia, Dona Miúda e Santa Rita Pescadeira, em *Torto arado*, e em Luzia do Paraguaçu, em *Salvar o fogo*. No âmbito espiritual, pensamos os encantados como forças ancestrais combativas nos livros, visto que agem em confluência às personagens para alcançar a liberdade, instigar a luta política contra e cobrar o direito à terra. Portanto, concluímos que o corpus é um instrumento de luta contra o patriarcado e o colonialismo, pois resgata a voz feminina em posição protagonista, entendendo o feminino como forças material e imaterial ligadas à espiritualidade e ao mantimento de uma tradição ancestral constantemente ameaçada por ideologias hegemônicas.

Palavras-chave: Literatura; Encantarias; Torto arado; Salvar o fogo.

O MARAVILHOSO E O DISTÓPICO EM OS PECADOS DA TRIBO, DE JOSÉ J. VEIGA

Gregório Foganholi Dantas (UFGD)

O chamado “ciclo sombrio” da obra de José J. Veiga é composto por narrativas infantis, que tratam do amadurecimento de crianças postas em situações maravilhosas ou desafiadoras; pelas narrativas de invasão, em que uma cidade do interior brasileiro é invadido por forças que subjugam a população; e por duas narrativas que operam entre a distopia e o maravilhoso: *Os pecados da tribo* (1976) e *Aquele mundo de Vasabarros* (1982). No caso da Tribo, trata-se de uma espécie de comunidade pós-apocalíptica em que se notam traços da nossa civilização, incluindo relações de poder que beiram o absurdo kafkiano. Já Vasabarros flerta mais claramente com o maravilhoso, em um reino que possui muito dos contos de fadas tradicionais, mas transformado em uma alegoria violenta e absurda sobre o poder do Estado sobre o cidadão. Se, nas narrativas de invasão, acompanhávamos os passos para a implantação do autoritarismo, na Tribo e em Vasabarros o autoritarismo já está consolidado. Nesses dois casos – a comunidade apocalíptica e o castelo maravilhoso --, as relações de poder se definem pelo exagero grotesco, o absurdo kafkiano e o rebaixamento do poder através do humor. O riso depende sobretudo do ponto de vista de seus narradores, muito próximos dos personagens alienados pelo regime autoritário. Deste modo, o ponto de vista limitado não supera as limitações da alienação, o que provoca uma contradição entre o que lemos e o que observamos. Daí o riso. O objetivo deste trabalho é descrever como tais procedimentos são manipulados na novela *Os pecados da tribo* sem, contudo, deixar de considerar seu evidente diálogo com *Aquele mundo de Vasabarros*. Teoricamente, faremos uso da teoria do grotesco (cf. Kayser), do neofantastico (cf. Roas) e do riso (cf. Bergson e Eagleton) para demonstrar como esses procedimentos ajudam a estabelecer o efeito absurdo em Veiga. Como objetivo secundário, esperamos demonstrar como *Os pecados da tribo* pode ser lida como alegoria distópica e atemporal do poder autoritário, buscando destacar a relevância da narrativa de Veiga nos dias atuais, exatos 50 anos de seu lançamento.

Palavras chave: alegoria; neofantastico; José J. Veiga; maravilhoso; riso

O TENEBROSO SAGRADO: FÉ E HORROR EM MÁRCIO BENJAMIN

João Gabriel Oliveira Silva (UFPI)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

Este trabalho analisa a religiosidade na antologia Sina (2024), de Márcio Benjamin, investigando como a obra representa as intersecções entre o sagrado e o tenebroso na construção de suas narrativas. O corpus da pesquisa é constituído pelos contos que compõem a coletânea, nos quais o imaginário religioso sertanejo, o folclore brasileiro e o horror sobrenatural articulam-se de forma recorrente. O objetivo é compreender de que maneira a religiosidade regional estrutura a atmosfera fantástica e gótica da obra, evidenciando as tensões entre devoção, mistério, bênção e maldição. A pesquisa fundamenta-se na teoria do Gótico, a partir de Fred Botting (2024), e nos estudos fenomenológicos da religião de Gerardus Van der Leeuw (1933), Mircea Eliade (1992; 2006; 2018) e Rudolf Otto (2024), além das contribuições de Frederico Edelweiss (2001) e Câmara Cascudo (2024) acerca do simbolismo mítico-religioso e das tradições folclóricas brasileiras. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da análise interpretativa dos contos da antologia, estabelecendo relações entre seus elementos narrativos e os referenciais teóricos adotados. Os resultados indicam que a obra ressignifica a religiosidade popular ao apresentar o sagrado como uma experiência ambígua, simultaneamente protetora e ameaçadora, em que entidades sobrenaturais, crenças populares e símbolos religiosos reforçam uma estética do horror profundamente vinculada ao universo cultural sertanejo. Conclui-se que a religiosidade, longe de constituir apenas um tema recorrente, configura se como o princípio organizador da narrativa, sustentando a construção do fantástico e do Gótico por meio da aproximação entre tradições religiosas, imaginário folclórico e experiências do numinoso.

Palavras-Chave: Gótico; Religiosidade; Simbolismo; Sobrenatural.

REFRAÇÕES DO SOBRENATURAL POPULAR NA PRODUÇÃO EM CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ

João Matias de Oliveira Neto (URCA)

No campo do insólito ficcional, que reúne diferentes regimes de relação entre o cotidiano e o sobrenatural, este trabalho propõe uma leitura do sobrenatural popular na produção de cordel de Patativa do Assaré como modalidade distinta do real maravilhoso e do realismo mágico — ou seja, não como variante regional destes, mas como configuração própria de matriz oral sertaneja. Assim, argumentamos que Patativa do Assaré emula, nas vozes de suas personagens, um sobrenatural que não é extracotidiano — não rompe com o real, não exige marcação de estranhamento — mas está integrado ao cotidiano e às dificuldades vividas por essas personagens, como se observa no cordel "Brosogó, Militão e o Diabo". A leitura se ancora nos gêneros do discurso de Bakhtin, que permitem tratar o cordel como forma discursiva própria, com normas e expectativas específicas de composição e circulação, e na reflexão de Paul Zumthor sobre a literatura oral, que situa essa produção na materialidade da voz e da performance, não apenas do texto escrito. A essas bases linguístico-discursivas, articulamos a leitura gramsciana do nacional-popular e do folclore como concepção de mundo das classes subalternas, em diálogo com o conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams, que permite pensar o sobrenatural popular como elemento de uma sensibilidade coletiva ainda não plenamente institucionalizada, mas já atuante na cultura vivida do sertão de Patativa. Compreendido dentro do materialismo cultural de Williams, o sobrenatural popular em Patativa aparece como categoria de produção cultural concreta — não apenas invenção poética isolada, mas prática de sentido compartilhada pela comunidade que a produz e transmite. Sustentamos, ao final, que essa dimensão do sobrenatural funciona como reafirmação de uma identidade marcada pelo imaginário popular, pelo lugar de origem e por um modo de ver o mundo que se define, precisamente, pela distância em relação aos grandes centros urbanos e letrados — sem que essa distância se resolva, contudo, como fronteira estanque entre um mundo racional-citadino e um mundo mágico-rural, mas como continuidade vivida de uma mesma experiência poética do real.

Palavras-chave: Patativa do Assaré; Sobrenatural popular; Cordel; Identidade cultural; Insólito ficcional.

A SOBRENATURALIZAÇÃO DO REAL EM O MONGE NEGRO DE ANTON TCHEKHOV

Marisa Barbosa da Silva (UFPE)
Luciane Santos (UFPB)

A novela *O Monge Negro*, Чёрный монах, 1894, narra a lendária aparição do Monge no interior da zona rural da Rússia. A composição do enredo revela raízes ancestrais moldadas a partir do "imaginário folclórico russo", em que eventuais crenças populares tomam diferentes formas e o mistério entre as superstições ganha vida por meio da linguagem, dos dialetos dos povos eslavos, entoados pelas runas antigas. Ressaltamos também a presença do diálogo com renomados autores da literatura universal, a exemplo de Liév Tolstói e Fiodor Dostoiévski, cujas obras abordaram, em algum momento, temas do fantástico e do insólito. No enredo, quando o estado mental e físico do personagem Andrei Vassilievitch Kovrin cai em declínio, a aparição metamorfoseada do monge lhe traz esperanças. Consequentemente, a magia acontece quando o ancião lhe apresenta a promessa da imortalidade da alma, rompendo toda a racionalidade das fronteiras do pensamento científico, abrindo caminhos para novas elucidações do sobrenatural. Nesse contexto, a realidade desliza para o campo do maravilhoso. A análise da novela consiste na hipótese da presença do Real Maravilhoso, relacionada à crença no misticismo religioso, que possui suas raízes na cultura, como também na manifestação do imaginário coletivo popular. Embora o conceito de Real Maravilhoso tenha sido cunhado por Alenjo Carpentier a partir de uma experiência situada no contexto Latino Americano, outros críticos assumem a possibilidade dessa categoria alcançar um campo mais amplo de investigação. Portanto, esse deslocamento geográfico pressupõe a compreensão de uma estética que ultrapassa seu intento inicial para ser problematizada em outras culturas. Consideramos que as vertentes do insólito produzem o que a natureza possui de mais valioso: o dialogismo entre o indivíduo e sua cultura, fé e milagres. Diante de tais elaborações, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a manifestação do Real Maravilhoso em Anton Tchekhov, especificamente no texto selecionado. Como fundamentos teóricos e críticos, serão acionados os conceitos de Marisa Gama-Khalil (2025), Júlio França (2022), Nadia Gotlib (1990), Alejo Carpentier (1948), Irlemar Chiampi (2008), Tzvetan Todorov (1980).

Palavras-chave: O Monge Negro, Real Maravilhoso, misticismo religioso.

MACRO E MICROANÁLISE DO DIÁLOGO DE FANTASIA: O FALAR DOS TROLS EM THE HOBBIT

Nycolas Gustavo de Sousa Aires (UFPI)

Ao refletir sobre a natureza e a origem de seu *corpus* literário em *On Fairy-Stories* ([1964] 2020), J. R. R. Tolkien recorre à metáfora do "Caldeirão das Estórias", concebido como um espaço coletivo e abstrato no qual a memória cultural humana acumula elementos literários, míticos, históricos, sociais e linguísticos. Tais elementos, submetidos ao processo criativo, são reelaborados, combinados e ressignificados, resultando em narrativas que, embora ficcionais, mantêm vínculos estruturais com o mundo empírico. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho investiga o componente linguístico na obra *The Hobbit* (Tolkien, [1937] 2019), com ênfase no falar dos três trolls (William, Bill e Tom), cuja variedade linguística se distancia significativamente da norma empregada por outras personagens. O objetivo central é analisar de que modo essa variação contribui para a construção da ilusão de completude do mundo ficcional, conforme proposto por Mark J. P. Wolf (2012, 2018), reforçando a coerência interna da mitopéia tolkieniana. Metodologicamente, adota-se uma abordagem interdisciplinar que articula estudos literários e sociolinguística, fundamentada no modelo de macro e microanálise do diálogo ficcional desenvolvido por Dino Preti (1999, 2000, 2004). Esse aparato teórico é complementado por contribuições de Tom Shippey (1992), Cristina Fawcett (2014), Douglas A. Anderson (2021), Reinaldo José Lopes (2009), bem como por perspectivas da estilística literária (Leech; Short, 2007) e da análise do discurso ficcional (Toolan, 1998). Os resultados preliminares indicam que Tolkien, em sua dupla condição de escritor e filólogo, mobiliza variações linguísticas de modo sistemático e funcional, explorando registros, marcas de oralidade e desvios normativos como estratégias de caracterização e de verossimilhança. Assim, a linguagem não apenas diferencia personagens, mas também atua como mecanismo fundamental na construção de um mundo secundário dotado de densidade cultural e consistência interna.

Palavras-chave: Trols; O Hobbit; J. R. R. Tolkien; Diálogo ficcional. Sociolinguística.

CONALIF

II CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA FANTÁSTICA

Sertões Espectrais

UFPB

UFRPE

UFPI

UFC

PPGL Programa de Pós-Graduação em Letras UFPB

PROGEL UFRPE

UFPI ppgel. Programa de Pós-Graduação em Letras

PPGLETRAS UFC

GEMAL

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O MAL NA LITERATURA

VERTENTES DO MAL NA LITERATURA

grupo de pesquisa NI LAM Narrativas do insólito latino-americano

insolitum

GRUPO DE PESQUISA DO INSÓLITO FICCIONAL: DO MITO CLÁSSICO À MODERNIDADE

GRUPO DE PESQUISA Teorias em Diálogo

CAPES